ANNO XXX. N. 79. QUINTA FEIRA 6 DE ABRIL DE 1854.

Por 3 mezes adiantados 4,000
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por Anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCAREGADOS DA SUBSCRIPÇAO'.
Recife, o proprietario M. F. do Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. José Rodrigues da Costa; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.
Sobre Londres 27 3/4, 28 e 28 1/8 d. por 1$
« Paris, 340 a 345 rs. por 1 f.
« Lisboa, 95 por cento.
« Rio de Janeiro, 1 1/2 a 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 10 0/0 de premio.
« da companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras 12 0/0

METAES.
Ouro. — Onças hespanholas. 28$500 a 29$000
Moedas de 6$400 velhas. . . 16$000
» de 6$400 novas. . . 16$000
» de 4$000. . . . . . 9$000
Prata. — Patacões brasileiros . . . . . 1$930
Peso columnarios . . . . . . 1$930
» mexicanos . . . . 1$800

PARTIDAS DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa Bella, Boa-Vista, Exú e Oricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas feiras.
Victoria, e Natal, nas quintas feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 11 horas e 42 minutos da manhãa.
Segunda ás 12 horas e 6 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas feiras.
Relação, terças feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas feiras ás 10 horas.
Juizo de Orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1.ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2.ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Abril. 5 Quarto crescente a 1 hora, 42 minutos e 48 segundos da tarde.
» 13 Lua cheia as 4 horas, 26 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 20 Quarto minguante as 2 horas 25 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 27 Lua nova as 2 horas, 45 minutos e 48 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
3 Segunda. S. Pancracio b.; S. Benigno.
4 Terça. S. Izidoro arc. doutor da Igreja.
5 Quarta. S. Vicente Ferrer; S. Iria v. m.
6 Quinta. Ss. Diogenes, Platonides e Marcolino.
7 Sexta. As sete dores da SS. V. Mãi de Deos.
8 Sabbado. S. Amancio b.; Ss. Edizio e Maxima
9 Domingo de Ramos e 6.ª da Quaresma (Estação de S. João in Laterano) S. Demetrio m.

EXTERIOR.

ASIA.

India— Bombaim 14 de janeiro. — A fragata a vapor Aucklind, que fora mandada ao golfo, em 26 do passado, ainda não voltou, e, por conseguinte, nada se sabe respectivamente ás operações do exercito persiano.

As noticias de Burmah continuam a ser desfavoraveis.

O capitão Latter, sob-commissario em Prone, foi assassinado. Depois da descoberta da conspiração em Rangoon, occupava-se activamente em colligir informações ácerca dos planos do partido da guerra em Ava, para o que se achava habilitado, pelo conhecimento que tinha da lingua burmesa, e para este fim deu ordem ás sentinellas, para deixarem passar a toda a hora os seus espias, que andavam disfarçados em trajes de mulher.

Foi em consequencia d'estas ordens que os assassinos, vestidos de mulher, entraram desapercebidamente no quartel do Latter, na noite de 8. Foi morto em quanto dormia, e os assassinos perpetraram o crime tanto a seu salvo, que só se soube da sua morte, na manhãa seguinte, quando se encontrou o cadaver sobre o leito, com tres punhaladas, uma no pescoço, uma no lado direito, e outra no coração. A sua morte foi rapida e os assassinos evadiram-se tão subtilmente que se ignora a hora em que sahiram do quartel do capitão Latter.

Diz-se que o governo d'Ava instigou a perpetração d'esta tragedia, porém até agora nada se sabe de positivo a este respeito.

O capitão Latter era um official de reconhecido valor, e de grande experiencia local.

O governador geral chegou a Rangoon em 14 de dezembro, e voltou para Prome no dia 17.

Perdeu-se outro vapor na marinha da India em Irrawaddy.

O exercito de Burmah vai ser condecorado com uma medalha.

Os dominios de Nizam estão no peior estado possivel. O governo não tem força, e o paiz está coberto de salteadores a cavallo, que roubam as aldeias, violentam as mulheres, e batem-se com os Arabes, onde quer que os encontrem. Um d'estes bandos saqueou ultimamente a villa de Dalmapoore, e levaram para cima de 20,000 libras, e alem disso forçaram as mulheres, 30 das quaes, que pertencem a uma classe distincta, se suicidaram.

O coronel Bremner do 15 d'infantaria viajando com sua mulher, e uma filha crescida, foi atacado, por um destes bandos. O coronel foi muito mal tratado e roubado de tudo quanto levava, inclusivamente a roupa que tinha vestido, e o mesmo aconteceu a todas as pessoas que o acompanhavam, devendo á compaixão e sympathia dos moradores da primeira pousada, onde chegaram, o serem providos d'alguns vestidos ordinarios do paiz, com que houveram de se contentar até serem soccorridos de Kamptee e Secunderabad.

Mr. G. Boshby, o novo encarregado de negocios, chegou á corte no dia 15 do passado, e logo depois teve uma entrevista com sua alteza, a quem se diz ter pedido um ultimatum sobre os dous pontos, a saber, o pagamento, por inteiro, dos atrazados do subsidio devido ao governo britanico, e ao licenciamento dos rohillas e arabes que assolam o paiz.

China.—(Extracto da correspondencia do *Times.*) Hongkong 27 de dezembro. — Depois da remessa da nossa ultima carta de 11 do corrente, recebemos noticias de Shanghai até 17 do corrente e de Woosung até 18.

O grande ataque combinado contra a cidade, pelas forças de mar e terra, teve lugar no dia 7 do corrente.

Os imperiaes foram repellidos com grande perda, e dous dos seus juncos de guerra foram destruidos pelos rebeldes, que mostraram muita presença de espirito e bom manejo durante o combate. Outro tanto não aconteceu aos imperiaes que não pozeram ou não poderam pôr toda a sua esquadra em acção.

Sendo mal succedidos no seu ataque, lançaram barbaramente fogo aos suburbios desde o rio até ao muro da cidade, causando muitas desgraças, grande perda de vidas e immenso prejuizo.

Continuava o bombardeamento, porém sem resultado algum, os rebeldes conservam o lado do rio, aberto, e por alli recebem os seus fornecimentos.

As noticias dos insurgentes do norte são importantes.

Pelas gazetas de Pekin, que chegam até 17 de novembro, consta que os sublevados tem feito um rapido progresso na provincia de Peichili, e não obstante as suas repedidas derrotas, estavam em frente da cidade de Tientsim, pelo lado do norte e do sul, e do porto de Pekin.

Os chinozes affirmam que os insurgente estavam senhores da cidade, e que dois dos tios do imperador se achavam á frente de 40,000 tartaros em marcha, contra o exercito rebelde.

Em Pekin tomavam-se rigorosas medidas, afim de se prenderem os emissarios dos insurgentes, que são numerosos na capital, e não ha duvida de que elles hão de achar uma poderosa resistencia antes de chegarem á capital, e a estação summamente fria, tambem contribue para retardar a sua marcha.

Em Ningpo houveram alguns disturbios, e descobrio-se uma vasta conspiração da sociedade Triad. Tiveram lugar muitas execuções que fizeram abortar a revolta, e no dia 13 tudo estava tranquillo.

As noticias de Toochoo alcançam até 16.

Continuava a luta em King wafoo, e haviam sahido tropas da cidade para alli.

Em Amoy tudo estava tranquillo até ao dia 23 do corrente, porém continuavam a ter lugar numerosas execuções.

O commercio estava mais activo, e publicou-se um edital, annunciando que a alfandega ia ser restabelecida no dia 15.

As nossas folhas locaes dão amplos pormenores da feliz expedição do vapor de guerra Hermes contra os piratas, e do energico procedimento do capitão Tishbourne, que chegou a Hongkong no dia 25 do corrente.

Os piratas estão em grande força ao longo da costa, desde Chusan até Hongkong.

Em Cantão ha socego, porém as noticias do norte teem produzido alguma sensação e anciedade, pois se presume que ha alli um partido forte a favor de Teeping-wang. No caso que Pekin caia em poder dos insurgentes, teme-se que haja alli uma revolução.

O commercio apresenta um aspecto mais lisongeiro, mas pode haver uma seria interrupção, causada por occurrencias politicas.

Em Shanghi o commercio de importação não mostrava signaes de prosperar. A exportação de chá era menor em consequencia da escassez de embarcações para Inglaterra.

O almirante russo ainda se achava em Shanghai, á espera da mala de 8 de outubro, depois do qual, se dizia, que partiria para Nangasaki.

(*Echo Popular.*)

LONDRES

25 de fevereiro de 1854.

Discurso proferido na camara dos Lords por Lord Beaumont, na sessão de 24 de fevereiro sobre a questão do Oriente.

Lord Beaumont disse que não era das suas intensões na presente occasião resumir a discussão que teve lugar na casa dos lords ácerca da moção do seu nobre amigo (o marquez de Clauricarde), porque, por mais ancioso que se achasse naquella occasião para fazer uma analyse minuciosa dos documentos que estão sobre a mesa do presidente, e apontar as passagens que reflectiam sobre o governo assim como aquellas que elle reputava ser uma justificação do seu comportamento, com tudo no momento presente semelhante procedimento nem tenderia a promover o objecto que tinha em consideração, nem a explicar os fundamentos em que fazia a presente moção. Não havia duvida que naquella occasião a analyse dos documentos pelo seu nobre amigo fora habilmente executada, e, posto que o que depois fora dito explicasse uma parte das accusações feitas ao governo, com tudo suppunha que sobre muitos respeitos se poderia fazer uma defeza melhor do que fora offerecida por qualquer dos membros do governo. Disse igualmente que uma ou duas das principaes accusações que foram feitas ácerca do procedimento passado dos ministros permaneciam inabalaveis.

Disse que não entraria nos promenores relativos a estes documentos, e somente a elles se referiria de uma maneira geral, absolutamente necessaria, como explicação, e para ligar a historia dos acontecimentos ao presente periodo. Quanto ás accusações que permaneciam inabalaveis, disse, com toda a devida submissão aos seus nobres amigos do thesouro, que a accusação de credulidade sendo elevada ao ponto de fraqueza, não fora de maneira alguma contrariada. Parecia-lhe que era inteiramente impossivel aos ministros depositar confiança nos protestos e nas intensões do imperador da Russia quando tinham a evidencia tão positiva que não se manifestava na historia, mas no comportamento passado do imperador ácerca deste objecto. Concedia que as difficuldades que cercavam os ministros eram extremas, e que apparentemente distinctas professões eram feitas pelo imperador; acreditava tambem que em addição ao que apparecia nos livros azues, outras declarações verbaes eram feitas, e que sendo produzidas pelo embaixador aqui residente deviam ser consideradas como o echo das palavras do imperador. Portanto via a grande difficuldade em que o governo se achava; em taes circumstancias, ou devia ter accusado o imperador de falsidade directa, ou fora compellido a dar algum peso a estes protestos verbaes. Isto certamente era uma desculpa; mas quando se receberam as informações, não só da Turquia, mas da Russia, indicando directamente o objecto que o imperador tinha em vista,—quando os factos vieram positivamente contrariar os protestos dados ao governo, pensava que se devia prescrever alguns limites ao respeito que sempre se deve guardar ás palavras de uma testa coroada.

As exigencias da Russia eram de um caracter systematico, e extrahidas de um enorme plano que nunca foi desprezado, o qual desde o seu começo fora sustentado com immensa habilidade e inflexivel resolução. Existem documentos que não só os nobres lords do thesouro, mas qualquer pode compulsar. Nestes documentos, segundo a mais distincta autoridade, estão expostos os planos e as intensões do governo russo. Declaram distinctamente a maneira por que se pretendia dirigir as eventualidades que ultimamente tem occorrido. O projecto que agora vai sendo executado, começou ha muito tempo, e, posto que estes documentos tenham dactas distinctas, com tudo se applicam directamente aos planos e ao projecto actualmente em operação. Este projecto ha mais tempo teria sido posto em execução, se houvesse apparecido uma opportunidade favoravel. Ainda mais, estes documentos continham toda a historia do comportamento da Russia, e mostravam quam enormes são os planos, e com que pericia tem sido conduzidos. Um destes documentos somente foi dado a luz, ha pouco tempo, e os lords sabem que certos papeis do estado pertencentes á Russia, de quando em quando, se haviam tornado conhecidos, ou por via do seu conteudo trahido pelos officiaes, ou por copias respectivas que foram descobertas no decurso de uma revolução.

Em um destes papeis ha um projecto positivamente organisado a instancia do imperador da Russia ácerca das circumstancias que actualmente vão tendo lugar. Estes papeis, combinados com o estado das circumstancias do tempo— a revolução grega, a situação da Inglaterra, da França, da Austria naquelle momento,— e agora, a repetição do projecto mostra que alvo o imperador teve em vista em ambas occasiões. Estes papeis foram escriptos a pedido do imperador, porque desejava ter a opinião do conde Nesselrode, de Pozzo de Borgo, e daquelles cuja habilidade era julgada capaz de organisar um plano em virtude do qual o imperador podia engrandecer a sua posição no Oriente, e pelo qual podia obter o governo daquella parte. Uma destas opiniões era tão forte que elle não podia deixar de citar duas ou tres passagens do projecto que se julgava dever ser realisado. Pozzo de Borgo diz: —

« Pelo lado da Turquia, he necessario ter tudo prompto para penetrar a capital daquelle imperio; he necessario tambem aproveitar os Servios e os outros christãos que se quizerem unir á nós. Assim que os principados forem occupados não ha razão para que não estabeleçamos relações com os Gregos. Exprimindo-me desta maneira, não pretendo suggerir passo algum que involva o reconhecimento daquelle povo; bastaria faze-lo sentir, por meio de agentes que não precisamos declarar, que a sua segurança depende das resoluções tomadas por sua magestade imperial, que elle deve estar prompto a seguir a sua direcção. Fora util associar a Persia comnosco em os nossos designios (uma guerra com a Porta.) »

Elle ainda vai mais adiante para demonstrar a grande mudança que julga se ter operado na politica da Inglaterra depois que Canning subio ao poder, e quam hostil suppunha que o ministro devia ser ao plano rusco de engrandecimento, e quanto seria temido pelos principios que introduzio. Todavia elle calculava cuidadosamente qual era o poder e a posição da Inglaterra, e em que circumstancias estaria, quando declarasse guerra á Russia em consequencia da questão turca. Depois de alludir aos triumphos da Inglaterra por mar, elle disse:

« Não ha duvida que he prudente fazerem-se preparações para estas eventualidades, mas as suas hostilidades não impedirão o progresso das nossas armas e não nos causarão grave damno (especialmente se não for apoiada por uma cooperação continental;) ella desejará sempre arranjar os negocios, ainda depois de um rompimento com nosco. »

Então fallou da cooperação da Austria com a Inglaterra, e disse: —

« A Grãa-Bretanha, não formidavel sem alliados, será ainda mais fraca quando houver comprommettido a Austria, porque então exporá parte do seu projecto á destruição. A nova politica exige que nos apresentemos sob um aspecto terrivel para com a Austria, e que a convençamos de que se ella se mover contra nós chamará sobre si uma das mais terriveis tempestades, que jamais tenha testemunhado. Ou ella dirá aos Turcos que attendam ás nossas propostas, ou se lançará sobre as outras provincias do imperio ottomano. No primeiro caso aprovaremos, no segundo chegaremos a um ajuste. »

Estes são somente especimens de um numero de projectos e planos da Russia, e lhe parecia totalmente incrivel, quando reflectia sobre todo o procedimento da Russia no caso da guerra grega, na guerra anterior com a Turquia em 1828 e 1829, e na paz de Andrianople, que era uma violação total de todos os seus primeiros tratados e concordatas, que o governo não houvesse duvidado dos protestos daquelle paiz. Depois do tratado de Andrianople o conde Nesselrode escreveu um relatorio acerca da posição da Turquia e da Russia, por ordem do seu amo, e traçou um plano a respeito do comportamento futuro da Russia para com os seus visinhos, o qual tinha o seguinte fim:

« Na opinião do imperador, esta monarchia, reduzida a existir somente sob a protecção da Russia e a attender para o futuro a todos os seus desejos, se accommodaria melhor aos nossos interesses politicos e commerciaes do que todas as nossas combinações, que exigiria a extensão dos nossos dominios pela conquista, ou a substituição de outros estados em lugar da potencia ottomana, que podia rivalisar com nosco em força, etc. He sobre este principio que tratamos com o divan. Como não desejamos a ruina do governo turco, procuramos sustenta-lo no estado em que actualmente se acha (1830), pois que este governo so pode-nos ser fiel pela sua deferencia para com nosco. »

Com todos estes, e com outros exemplos diante de si, posto que as asserções russas fossem mui fortes, e posto que indubitavelmente o barão Brunow e o conde Nesselrode, e até o proprio imperador, sejam homens de bem, elle contudo pensava que alguma duvida e hesitação podia mui bem ter sido expressa acerca da *bona fide* das intenções do imperador, e do positivo, verdadeira, e litteral sentido destas asserções. Pelo que não podia dizer que o governo era inteiramente innocente.

Parecia-lhe que até certo ponto elle acreditara na franqueza; ainda julgava que as enormes difficuldades contra que o governo tinha a lutar, e desejava admittir que o resultado não houvesse sido mui desastroso em seus effeitos. Isto tem um lado bom e outro máo. A demora havia sido convertida em boa razão pela Turquia, e tambem tinha sido de grande uso para o governo de Inglaterra, pelas circumstancias em que se achava. Tinha habilitado-o a apresentar ao publico um melhor caso; tinha dado tempo para o publico se informar dos factos; tinha permittido que o enthusiasmo se exaltasse: e habilitou presentemente o governo a dizer, que fora antes instado pela voz do povo, do que conduzia o povo para a guerra. Elle reconhece igualmente, que lhe parecia haver outro defeito no comportamento do governo, o qual defeito não podia deixar em silencio.

Entendia que o ministro se não aproveitara sufficientemente das muitas opportunidades que tivera, para informar-se totalmente da posição do imperio turco; que não estava bem inteirado do caracter do imperio ottomano, dos seus recursos, ou da natureza e comportamento do seu governo. Se estivesse inteirado da posição real daquelle paiz, nunca houvera fallado delle, nem praticára para com elle, como fez. Se o governo estivesse inteirado, como agora deve estar, de que aquelle paiz era um grande, poderoso e independente paiz, que estava preparado para praticar assim, que os seus conselhos eram dirigidos com extrema prudencia, que as suas tropas estavam preparadas a pelejar com denodo, e que o proprio povo estava prompto a patentear o seu patriotismo e a corresponder ao appello de seu soberano, parecia-lhe que o governo teria seguido um processo differente para com a Russia e a Turquia,— que teria sido menos servical e menos humilde em seus appellos ao imperador, e que nunca houvera aventurado sem consultar e aconselhar-se com o ministro turco, para organisar uma nota que devera ajustar e resolver as relações entre o imperio ottomano e á Russia. Tinha para si que se o governo houvesse considerado propriamente a posição destes dous grandes e poderosos paizes, teria praticado de maneira tal, que os actos em Vienna teriam dado em resultado uma paz honrosa.

Entre-tanto em vez de seguir este alvitre, uma porção do gabinete, e aquella que era mais directamente representada na casa dos lords pelo primeiro ministro, usava de uma linguagem para com a Turquia no começo desses actos que era calculada para atemorisar e depreciar aquelle paiz. Posto que elle nunca accusasse os ministros de terem alguma communicação pela imprensa publica, com tudo era notorio que um destes jornaes, que se suppunha representar as opiniões daquella porção do governo, tomara um theor no começo (posto que tenha agora adoptado um tom differente e mais prudente) quo tendia muito a animar a Russia, atemorisando a Turquia, affirmando que a sua integridade e independencia eram uma sombra, e que combater por ella era um absurdo.

O tom que dest'arte fora assumido por certos membros do governo, assim como pelos seus suppostos orgãos, produzio um effeito injurioso: e elle reconhece que durante quatro ou cinco mezes que passou no continente, nunca ouvio a pessoa alguma cuja opinião fosse respeitavel, que não manifestasse a sua firme convicção de que o gabinete estava antes inclinado a favorecer a Russia, que tinha inclinação pela Russia, e que não tinha intenção alguma de emprehender guerra em favor da Turquia,— que conhecia que a Russia devia prevalecer, e que tudo o que era necessario, era previnir uma guerra continental, o que faria concordando em algum compromisso que podesse ser proposto. Esta era a linguagem que ouvira invariavelmente; e posto que, como elle antes dissera, nunca accusasse membro algum do governo de procurar minar o espirito publico por meio dos jornaes, com tudo devia dizer, conhecendo, como o mundo, quaes eram os escriptores de alguns destes artigos, que era possivel que alguns delles vinham de pessoas que accupavam algum cargo inferior, ou se acham em uma situazão não mui distante da rua Downing, e que podem ter accasião de escutar os pensamentos do governo, e que por tanto estes artigos devem passar, ate certo ponto, como opiniões semi-officiaes. Havia sobre este assumpto uma immensa differença entre a linguagem que tem sido usada por membros do governo naquella casa, e por outros membros do governo.

Disse lord Beaumont que não conhecia contraste mais completo do que o que era representado pelos discursos dos dous nobres lords na outra casa, e pelo do nobre conde naquella casa. Leu, que estes dous nobres lords na outra casa tinham feito discursos tão convenientes á dignidade do paiz, tão firmes nas suas intenções, tão decididos a cerca dos actos do governo, tão positivos nas suas declarações a cerca das medidas hostis, tão condemnatorios do comportamento do imperador da Russia, de tal sorte applaudindo, aprovando, e defendendo o progresso da Turquia, e declarando de tal sorte que era o nosso dever praticarmos como firme e fiel alliado da Porta, que a declaração que se deve tirar destes discursos era, que se não admittiria paz alguma que não só fosse uma segurança propria para a Turquia, mas tambem uma firme garantia para a paz geral da Europa. Esse tom guerreirro, essas phrases em phatica, esses appellos ao povo, e esses apertos para que os nossos grandes exercitos marchem, contrastavam demasiadamente com os discursos que tinha ouvido naquella casa, onde se tomara um tom que elle julgava que teria sido perfeitamente apropriado na bocca de Messrs; Pease e Sturg. Em uma porção de um discurso do nobre conde elle dizia:

« O nobre conde (o conde de Derby) he de opinião de que tinha sido um ministro mais guerreiro do que tencionava. Dizendo isto, elle declarou mais verdade da que talvez pretendesse, por que assevero-lhe boa fé que se tenha algumas duvidas, não he certamente de que tenhamos sido demasiado pacificos. » Não será isto uma contradicção directa de toda a exposição no outra casa? Ainda dirá o nobre conde que foi forçado contra a sua propria opinião? Ainda dirá que tinha duvidas se teriamos direito para ir para a guerra? Ainda persistirá em nutrir experanças de paz, quando os seus dous amigos respiram o supro da guerra? Mas o nobre conde disse mais do que isto. Disse:

« He um sentimento generoso resistir a aggressão e a injustiça mas não nos cabe animar este sentimento. Pelo contrario, he do dever do governo resistir tanto quando for possivel a taes sentimentos, por mais naturaes, e por mais generosos que possam ser, — dirigi-los no sentido de uma politica mais pacifica. »

Elle differio inteiramente do nobre conde, e asseverou que não era do dever do governo nem de homem algum reprimir sentimentos que são generosos e nobres, e induzir o povo a bradar « pela paz » a todo o custo, ate á custa da deshoura. Se são estes os disignios que foram adoptados acabar-se-hia com tudo que fosse generoso, tudo que fosse nobre no coração do povo, e o seu lugar seria supprido por estas noções ridiculras e absurdas que são propagadas por essa absurda sociedade chamada a Sociedade da Paz. (Risadas.) Podem rir-se desta sociedade, mas não he isto uma causa digna de escarneo, quando as mesmas doutrinas eram pregadas pelo chefe do governo, como sendo sustentadas por este ridiculo povo. (Apoiados)

O conde Beaumont passou então a tratar do comportamento, do governo desde a abertura do parlamento e foi sobre este assumpto que justificou a sua presente moção. Na occasião da reunião do parlamento disse sua magestade que os documentos relativos á guerra seriam depositados sobre a mesa, e elle seria informado de que, posto que os esforços para se obter a paz não estivessem applacados, não tinham sido prosperos; mas que, sem embargo, ainda seriam empregados, e que era necessario coadjuvar estes esforços com um augmento das forças novaes e militares. O governo não deu ao parlamento informação alguma precisa naquelle tempo: mas foi sufficiente para o caso, e tanto quanto elle julgou necessario dar naquelle periodo. Naquelle tempo a nota fundada sobre o Protocolo de Vienna ainda se achava em poder do imperador da Russia: nenhuma resposta positiva tinha sido recebida delle, e a Porta (de quem se suppunha que a nota partira, com a approvação da conferencia) tinha concedido 40 dias para o imperador responder. Entendeu que este era o *ultimatum* de todas as partes que se tinham reunido na conferencia de Vienna, que os 40 dias eram concedidos para reflectir, e que, se no fim deste prazo nenhuma resposta fosse dada ou a nota fosse regeitada, só restaria um appello ao ultimo recurso da guerra. Desde então acreditou na positiva informação que tinha sido recebida, de que o imperador renunciára aceitar semelhante nota.

Então esperou naturalmente, que o passo seguinte fosse uma declaração de guerra, ou, até certo ponto, que uma mensagem fosse dirigida ao parlamento, expondo o estado das cousas, e que o ultimo appello pela negociação estava totalmente concluido. Em vez disto, o que foi que aconteceu? Não houve informação do governo, e nem mensagem alguma da corôa. Qual quer tentativa para obter-se informações do governo naquella casa só produzio as mais perplexas respostas. A ingenuidade do seu nobre amigo que se acha á frente da repartição dos negocios estrangeiros em verdade tinha sido mui notavel, por que, ao passo que as suas respostas pareciam deixa-lo em trevas inda mais espressas do que nunca, indicavam realmente a exacta posição do governo. O seu nobre amigo havia dito, que não estavamos em paz, e que não estavamos em guerra, mas que nos iamos « arremeçando » para a guerra. O vocabulo « arremeçando » era applicado a um navio que se acha á merce dos ventos e das aguas, e não obedece ao leme, e elle cria que esta era exactamente a posição do governo naquelle tempo. (Risadas.) Tinha para si que o governo estava então esperando contra a esperança, que confiava que se podia contar com alguma cousa,— talvez que a Austria se agitasse e fizesse alguma ponte conveniente para o imperador passar; que o conde Orloff offerecesse alguma cousa; talvez que alguma cousa occoresse em Berlim, ou que o imperador ganhasse alguma batalha no Danubio, e então declarasse a sua honra satisfeita e se retirasse. Mas tudo se tornou contrario á espectativa. Todos estes recursos fallharam.

A mensagem do conde Orloff foi mais hostil e guerreira do que dantes; nada aconteceu em Berlim; e, em vez do imperador ganhar uma batalha, fora batido de improviso. Nestas circumstancias pensava que o parlamento teria recebido certamente uma mensagem da corôa, ou alguma explicação dos ministros, dizendo ao menos que agora nos iam os arremeçando para a guerra, mas que o navio abedecia ao leme, que tinha metido de ló, e que iamos tomar algum rumo decidido. Parecia-lhe mais extraordinario que, ainda que o parlamento estivesse funccionando, nenhuma exposição tivesse sido feita pelo governo e que o parlamento so podia colher informações das gazetas. Lêra nos jornaes, com grande admiração da sua parte, que se havia publicado uma proclamação que interrompia o commercio deste paiz, e que punha de parte um acto do parlamento, — proclamação justificavel se nos achassemos em estado de guerra, e absolutamente necessaria para a segurança publica se estivessemos em guerra com a Russia; e com tudo não são não houve declaração alguma de guerra, e nenhuma mensagem da corôa ás casas do parlamento, mas tudo o que o parlamento podia colher era que o nobre conde que se acha á frente do governo, pensava que estavamos em paz, ao passo que o nobre conde secretario dos negocios estrangeiros pensava nos iamos atirando para a guerra. Certamente, nestas circumstancias, alguma communicação devia agora ser feita que habelitaria o parlamento a conhecer que elle se acha em um estado equivalente a uma declaração de guerra.

O parlamento podia em qualquer dia ouvir fallar de algum accidente que tenha acontecido. Elle entendia que haviam agora trez navios russos no Adriatico, e era possivel que alguns dos nossos navios cahissem em poder delles. Se tal cousa acontecesse, o que se devia fazer? Saudar-se-hiam elles reciprocamente, ou seriam os nossos navios aprisionados pelos navios russos? (Apoiados.) Ou, supponhamos, que os navios russos praticavam de ácordo com os roubadores gregos, os quaes se tem apossado de algumas passagens nas montanhas da Albania, e tentavam levantar ahi uma rebellião, poderiam os nossos navios interferir com elles? Deviam ter uma declaração feita de alguma sorte, e elle pensava que devia ser uma declaração de guerra, pois que este seria o resultado natural da recusa do imperador da Russia a aceitar o *ultimatum* no prazo de 40 dias.

Este estado de cousas o justificava, denunciando agora o assumpto á casa dos Lords, e dizendo que a sua ignorancia acerca do comportamento do governo devia ser esclarecida e que o ministerio devia conhecer a posição em que estava. Cria que tambem havia uma força russa nos mares da China. Em addição a isto, que receiava muito alguma cousa ainda mais grave, acerca do que seria totalmente sincero, por que era este o grande objecto que elle tinha em vista, fazendo a presente moção. Receava que o governo considerasse que a nota que resultou do Protocolo de Vienna ainda se achava sob a consideração do imperador da Russia, e que se elle a aceitasse, o governo se julgaria justificado, encetando um ajuste.

Lord Beaumont protestou contra semelhante paz. Se o governo fizesse a paz por aquelle meio, se concedesse ao imperador da Russia, depois de ter obrigado o governo a fazer despezas com a remeça de 10,000 ou 20,000 homens, e a mandar uma esquadra para o Mar Negro; depois que lutou contra a opinião da Europa; depois que atropellou, posto que tambem tenha sido atropellado pelo povo da Turquia; depois que desolou as provincias das margens do Danubio o bloqueou as boccas daquelle rio,—se, depois que elle fez tudo isto, o governo lhe concedesse termos quasi equivalentes aos que pedira originalmente, e que o collocassem n'uma posição melhor do que antes que começou esta guerra illegitima, elle protestava contra a paz comprada por tal preço. Mas receava que uma fracção do governo se apoderasse voluntariamente daquella palha. Não receava do ministro do interior, que usára da linguagem que elle desejava que fosse usada nesta casa, não receava do nobre lord previdente da casa dos Communs, o qual fallára como homem sobre o assumpto; mas, de tudo que podia colligir dos membros do governo nesta casa, e do nobre conde que está á frente do ministerio em particular, receava que elles aceitassem taes termos se fossem offerecidos. Elle via grande semelhança entre os sentimentos que tinham sido expressados pelo nobre conde chefe do governo e pelo nobre conde Grey, e se o nobre conde realmente pensava que a independencia da Turquia era uma sombra, e que, combatendo em favor da integridade da Turquia, o governo combatia por um simples nome, não pensava que o nobre conde estivesse justificado, indo para a guerra.

Se elle sustentasse estas opiniões, recommendaria ao governo ao mesmo tempo que aceitasse qualquer paz que podesse alcançar, que admittisse a nota Menschikoff, e ameaçasse a Turquia para aceita-la. O nobre conde Grey dissera que a Turquia não era uma potencia independente; mas que elle provaria que a Turquia era totalmente tão independente como qualquer outra potencia no continente da Europa. Fora dito que a Turquia devia ter confiança ou em alguma das potencias occidentaes, ou na Russia; mas, admittindo a verdade desta asserção, haverá uma potencia na Europa que não esteja obrigada a confiar em algum dos seus visinhos? Será a Austria independente? Por que razão a Austria, em certo periodo, não teria existido uma hora sem o apoio da Russia. Ella não existiria uma hora contra a Russia, se a Russia tentasse attaca-la, e se a Turquia não defendesse a sua fronteira meridional. Mas poderia existir a Austria ainda no caso de que outras potencias da Allemanha se rebellassem contra ella, e não sendo ella coadjuvada pela Russia. Porque razão, em 1830, o imperador da Russia veio em soccorro da Austria, e, praticando ate com mais violencia do que praticára para com a Turquia, traçara um plano para a solução das disputas entre a Austria e a Prussia, e dissera a ambas estas potencias, « Aceitai isto, ou marcharei sobre vós. » Ameaçou-as como potencias independentes para com elle, e eram então potencias dependentes.

A Prussia foi obrigada a succumbir, e manchou-se em obediencia ao imperador da Russia. Fôra dito á Austria por elle que ella não podia defender-se contra alguns dos seus subditos revoltados, e que ella estava á sua disposição. Em consequencia do que elle então fez obrigou juntamente a Austria, a Prussia, e outros estados como seus vassallos e escravos, e a sua vassallagem e escravidão continuou a existir até que este estado foi concluido por Omar Pasha na batalha de Oltenitza. Felizmente agora estas potencias tiveram uma opportunidade para recobrar a sua posição, em consequencia do desbarato dos Russos no Danubio, e, collocando-se no lado da independencia nacional e da Turquia, podem repellir o pezadello da influencia russa. Serão independentes os outros estados europeos, Hespanha e Portugal? Os Estados-Unidos, e, talvez, este paiz e a França são independentes; mas poderão a Inglaterra e a França ser consideradas perfeitamente seguras sem alliados? A França e a Inglaterra tem prudentemente procurado uma alliança entre si; mas qualquer dellas que se opponme ao resto do mundo pelejaria uma batalha desigual, e a Turquia por si tambem pelejaria uma batalha desigual. Ella deve procurar allianças em qualquer parte para defender-se contra a aggressão de uma potencia estrangeira, e este facto mostrou a prudencia da observação do general Marmont,— de que ella devia procurar uma alliança ou com as potencias occidentaes ou com a Russia. Preferio a alliança das potencias occidentaes; mas se não a tratarem cordealmente e como estado independente, seria impellida a fazer uma alliança com a Russia, e semelhante alliança era um dos grandes objectos dos estadistas russos.

Lord Beaumont disse que acreditou a Russia quando expoz que não precisava de ascendencia territorial, porque não precisava de territorio para ser unida comsigo mesma, mas distribuida de maneira que podesse ter uma influencia moral sobre o territorio da Turquia. Ella desejava adquirir Constantinopla, mas elle acreditava que nunca emprehenderia conservar Constantinopla, porque a Russia conhecia a raça de homens que actualmente possuiam-na, e sabia qu o mar Marmora seria uma lagoa de sangue, e que nenhuma mesquita ou minarete ficaria em pé antes que o Osmanli permittisse ao Moscovita possuir aquelles territorios. Por tanto a Russia julgou que seria melhor para os seus proprios interesses espalhar um veneno russo sobre todas as instituições da Turquia, para conserva-la em estado de subjeição e exercer uma especie de superintendencia servil sobre ella. Agora a Turquia teve uma opportunidade para pôr fim ao poder da Russia, e abolir o seu protectorado nos principados; e era do seu dever fazer alguma cousa desta sorte agora que se estava preparando para gastar o seu dinheiro e o seu sangue e envolver-se na guerra. O lord Beaumont acreditava que este paiz nunca seria satisfeito se a guerra que está prestes a começar não conduzir a algum resultado melhor do que o protocolo de Vienna. (Apoiados) Se acima de tudo não consolidar a independencia real do imperio ottomano, e além disso tirar aos Russos o que elles chamavam o fundamento de quarentena na embocadura do Danubio, o que praticaram com o fim de damnificar o commercio da Allemanha, Inglaterra e outros paizes.

Este paiz agora tem ido tão longe que he obrigado a voltar, e deve para sempre fechar os livros sobre a mesa, e não mais olhar para a miseravel nota de Vienna, igualmente para o desprezivel protocolo da conferencia; mas deve procurar fazer da Turquia e da Russia paizes distinctos, sem algum desses tratados existentes que animavam aggressões e interferencias mutuas. O lord reputava baixeza que algumas pessoas confundissem com a questão da liberdade do Danubio com a questão da liberdade do Mar Negro, e fallem contra o tratado de 1841 que fechou os Dardanellos aos navios estrangeiros. Elle mostrou que o tratado de 1841 era um dos tratados mais sabios que tenham sido feitos (apoiados), tanto a respeito da Turquia, e ainda mais quanto a respeito da Inglaterra e da França (Apoiados). Aquelle tratado fechou os Dardanellos á Inglaterra e á França, mas tambem fechou o Bosphoro á Russia. Considere-se qual foi o effeito deste tratado. Ainda que a Russa podesse construir qualquer quantidade de navios que conservasse no Mar Negro, e tambem podesse equipa-los e dar-lhes exercicio, porque ahi possue alguns dos melhores portos do mundo, não podia te-los no Mediterra-

FOLHETIM.

UMA MISSAO' DEMASIADAMENTE SECRETA.

(Por Leon Gozlan)

Era em 1744 e durante a guerra chamada de *Successão*, não a guerra que fez a França no reinado de Luiz XIV para dar a corôa de Hespanha a um descendente desse grande rei; porém durante a outra guerra mais inconcebivel ainda, na qual julgamos dever intrometter-nos afim de collocar Carlos VII, antes eleitor de Baviera, sobre o throno da Austria com prejuizo de Maria Thereza.

Estamos mesmo no theatro dessa luta inexplicavel, em que tomaram parte todos os reis da Europa, porque quatro monarchas tinham pretenções á corôa fluctuante do finado imperador Carlos VI.

Estamos em Weissemburgo, cidade fronteira collocada entre a Allemanha e a França, entre a artilharia austriaca e a artilharia bavara e franceza, em uma pequena cidade tomada ora por uns, ora por outros, de manhãa occupada pelos alliados de Maria Thereza, de tarde pelos sustentaculos do eleitor Alberto de Baviera. Eis o negocio mais importante, o qual por conseguinte toca-nos pouco: porém o menos importante passado ha mais de um seculo, interessará talvez muito mais o leitor. Por ora são os partidarios, do eleitor de Baviera ou para dizer melhor os Francezes, que possuem a cidade de Weissemburgo, e estamos diante da hospedaria mui alvoroçada dos *Tres Soes*, assim chamada porque da janella dessa memoravel estalagem via-se o sol tres vezes durante seu curso celeste: de manhãa, ao meio dia, e de tarde.

O estalajadeiro Broc dizia com muita angustia ao seu fiel criado, dispenseiro, e cozinheiro Margotin, infinitamente mais philosopho que o amo:

—Margotin, ante-hontem eramos Francezes, hontem eramos Austriacos, hoje somos outra vez Francezes; que seremos amanhãa?

—Ainda Austriacos talvez, e depois damanhãa.....

—O mais claro de nosso negocio, Margotin, he que só ganhamos tiros em todas essas mudanças.

—Perdoe-me, patrão, ganhamos as vezes cutiladas.

—Francezes e Allemães pilham tudo aqui, proseguio mestre Broc; uns gritando: viva o eleitor de Baviera! outros gritando: viva Maria Thereza! He verdade que elles não tratam-se melhor entre si. Vio-se jámais, Margotin, um furor igual? Elles não fazem mais prisioneiros.

—São mais expeditos, mestre Broc, assam-se em um minuto como nossas costellas de porco.

—Durará isto muito tempo assim?

—Se eu estivesse no lugar dos habitantes de Weissemburgo acabaria de uma vez com todos.

—E o que farias, Margotin? Vejamos tua politica.

—Poria fogo á cidade... Todos elles ficariam enforquilhados, pois não teriam mais que tomar e retomar.

—E nossa hospedaria dos *Tres Sóes*?

—Não pensava nella, disse Margotin.

—Prudencia!... Margotin, prudencia! Pelo contrario abramos discretamente nossa estalagem a todos. Aqueçamos nossos fornos tanto para os Allemães como para os Francezes, e se temos de passar ainda muito tempo expostos a soffrer essas mudanças repentinas, chama-me Broc diante dos Francezes.

—Sim, patrão.

—Brocmann ou Brocneider diante dos Allemães. Isso nos grangeará talvez mais attenções da parte desses furiosos veteranos, que julgaram conveniente fazer de minha hospedaria seu quartel general.

—Mas a mim, tornou o criado, que chamo-me Margotin, e que quero participar dessas attenções, como me chamará Vmc. em allemão?

Mestre Broc depois de procurar muito tempo debaixo de seu bonete de algodão branco, respondeu:

—Margotin... Para que te chamar Margotin? He difficil fazer d'ahi um nome allemão... Margotmann... isso não assenta... Hei de chamar-te Fritz.

—Não valia a pena procurar tanto.

—E para illudir melhor, para que te julguem bem Allemão dirás *une poute* uma galinha, fallando aos Francezes, *une boute* ou *un boulet* quando fallares aos Allemães.

—*Rebosez-fous sur moi, batron.*

—*Drès pien*, Fritz! Mas parece-me que um carro atravessa a praça. Tu que tens bons olhos, vê...

—De certo, são dous carros... Veem de França....

—Que bom tempo para viajar!

—E que aspecto tem essas duas carruagens! Rico?

—Assim! assim!.,. Mercador de quinquilharias, ou de miudezas.

Um homem desceu do carro.. O major da praça pede-lhe o passaporte.

—Eis o instante difficil.

—Oh! está em regra... perfeitamente em regra; o major da praça torna a entregar-lh'o.

As duas carruagens dirigem-se primeiro para a hospedaria dos *Tres Sóes*, e o mesmo viajante, que descera, desceu outra vez para dizer vivamente a mestre Broc;

—Senhor estalajadeiro! quero primeiramente almoçar, e depois um quarto para descançar.

Pondo a mão em seu bonete de algodão, mestre Broc respondeu:

—Quarto não ha mais, porque os officiaes francezes occupam todos, e almoço não ha porque os officiaes austriacos comeram tudo hontem na ceia.

—Que!

—Comeram tudo, senhor, e teriam devorado os guardanapos, se eu houvesse tido a imprudencia de dar-lh'os.

—Não posso achar nem mesmo a preço de prata?

—A preço de prata... He mui difficil.

Mas a preço de ouro?

—Que deseja o senhor?

—Alguma cousa boa, substancial.. » A viagem esfaimou-me.

Depois de virar e revirar o bonete de algodão nas mãos pensativas, mestre Broc disse ao viajante que tão inconsideradamente entrára nessa praça de guerra.

—Mandei ainda agora metter no espêto para mim um ultimo quarto de carneiro... Não vejo razão para que não lh'o ceda...

—Tambem eu não vejo, mestre?... mestre?...

—Broc... para servir ao senhor.

—Mestre Broc seu quarto de carneiro he meu.

—He seu. Tanto peior para os Prussianos se voltarem depois que o senhor o tiver comido!... Ah! se voltarem antes...

—Isso fica por minha conta...

—Máo negocio fica por tua conta, disse mestre Broc comsigo lançando um olhar escrutador sobre seu novo hospede, o qual esse olhar tratou como mercador mui pouco capaz de medir-se com o menor Prussiano.

—A proposito, tornou o viajante alojado nos *Tres Sóes*, mande metter na cocheira minhas duas carruagens.

—Sim, senhor... Mas os viajantes que estão na segunda carruagem já desceram?

—Que importa?

—Como? que importa! exclamou mestre Broc; não posso metter na cocheira os viajantes e a carruagem.

O viajante, ao qual essa reflexão pareceu desgostar, accrescentou:

—Não ha ninguem na outra carruagem.

—Isso he differente.. Mas ha mercadorias ao menos.

—Sim, mercadorias... alguns pacotes.

—O senhor he negociante?

—Sou caixeiro viajante.

—E de que?

—De que?... O viajante não gostava de todas essas perguntas; mas sabia que era muito imprudente deixa-las inteiramente sem resposta em uma cidade cheia de suspeita como o era então Weissemburgo. Em tempo de guerra um estalajadeiro he o primeiro espião da cidade.

O viajante esforçou-se pois para responder:

—Sou caixeiro viajante de perfumarias.

—Ah! isso he muito bello, disse mestre Broc, caxeiro viajante de perfumarias. E o senhor vem de Paris, a capital da pommada?

—Venho de Paris, a capital da pastilha de amendoas, sim, senhor.

—E para onde vai?

—Irra! mestre Broc, que lhe importa saber pára onde vou! respondeu o viajante, cuja paciencia, bem como se vê, não estava á prova de tudo.

—Perdoe-me, tornou mestre Broc, se esta pergunta desagrada-lhe; mas sou obrigado pela autoridade a fazer-lh'a... Devo escrever no meu livro quem he o senhor, donde vem, e para onde vai...

—Pois escreva em seu livro que vou para Berlim.

—Ah! o senhor vai á Berlim. Então ha falta de perfumarias em Berlim?

—Completamente. Os sabões são sobre tudo muito procurados. Mas por favor, Mr. Broc, va mandar metter na cocheira minhas duas carruagens, e dispor para mim uma mesa.

—Sim, senhor, vou mandar metter na cocheira suas duas carruagens...

—Va. O viajante julgou-se emfim livre da personagem de mestre Broc e de suas perguntas; porém elle voltou mysteriosamente, e disse-lhe:

—Agora lembrei-me, visto que o senhor he perfumista e mercador de sabões, deve saber muitas cousas de Paris, muitas noticias. Que fazem por la em politica?

—O que fazem por la?..· tornou o viajante devorando sua raiva. O que fazem por lá?... Lavam ainda as mãos.

Broc retirou-se satisfeito com a resposta para ceder o lugar a Leonardo, criado do viajante.

—Essa gente, senhor, tem uma curiosidade insuportavel.

—Tambem foste interrogado?

—Ah! senhor, todos perguntam-me o que he esse carro, donde não viram sahir ninguem.

—Mas isso he intoleravel! exclamou o viajante. Responde-lhes que encerra perfumarias, assim como respondi tambem a esse indiscreto, a esse insolente estalajadeiro dos *Tres Sóes*. Demais que lhe importa isso? Que gente he essa?

—São mosqueteiros, dragões, hussares, demonios que querem que lhes responda, e aos quaes não he prudente responder: Que lhe importa?...

—Torno a dizer-te, que nesse carro ha o que ha.

—Sim, senhor. Todavia aqui entre nós...

—Não quero dar a conhecer o que elle encerra.

—Sem duvida. Contudo, senhor, convenha...

—Acaso queres tambem saber?

—Oh! eu...

—Cuidado!

—Juro-lhe que não quero mais saber nada... Depois que quiz saber... e depois que o senhor exprimio-me seu descontentamento a esse respeito... não tratemos mais disso.

—Muito bem! Mas se algum dia te lembrares!...

—O senhor não tem nada que ordenar-me?

—Essa he boa! Tenho de ordenar-te que vas assentar-te junto de um quarto...

—O Senhor descobrio um quarto nessa cidade faminta?

—Sim.

—De cavallo?

—De carneiro.

—De carneiro!

—Vai assentarte junto desse quarto que esta no espeto, e emprega nelle todos os teus cuidados.

—Ah! senhor...

—Aqui estamos quasi na Allemanha... Come-se a carne crua... Vê que meu quarto de carneiro seja bem assado.

—Ha de ficar bem assado, senhor, respondo-lhe por elle.

—Leonardo.

—Senhor.

—Hasde abrir-me uma garrafa de vinho de Bordeos.

—Duas se o senhor, quizer.

—Quero.

—Obrigado.

—Porque dizes obrigado?

—Por polidez...

—Por Bordeos?

—Sim, senhor, nasci la.

—Patife! Leonardo voltou, e chegando-se discretamente ao amo, disse-lhe:

—Senhor!

—Então não vas?

—O senhor recommendou-me expressamente que lembrasse-lhe em cada cidade, em que fossemos obrigados a parar...

—O que?

—Que o senhor não he mais que um simples caixeiro viajante.

—Sim.

—Que não deve jámais sahir do caracter pacifico de sua profissão.

—Tranquillisa-te, Leonardo. Vai vigiar o almoço.

—Que em nenhuma occasião, sob nenhum pretexto não seria jámais o capitão de dragões, marquez de Bourvoisin.

—Justamente. Vai vigiar o almoço...

—Que...

—Não te vas?

—Vejo que he inutil lembrar ao senhor marquez a brandura de caracter...

—Espera, patife! Leonardo tinha desapparecido. Passeiando em uma das salas baixas da hospedaria o marquez de Bourvoisin dizia comsigo:

—Daqui a algumas horas terei passado a fronteira, e estarei na Allemanha; não terei mais nada que temer da curiosidade desse bando de pegas tagarellas... Curiosidade bem inutil!... Se só eu posso fazê-los conhecer o que encerra essa carruagem!... Demais para que o saberiam elles?... O tempo em que vivemos autorisa, he verdade, essa inquietação... A guerra... quasi a invasão... E eu mesmo acaso não quereria saber qual he esse terceiro carro que conservou-se constantemente atraz de nós durante muitas leguas? Que significaria essa obstinação?... Eis-me tambem fazendo supposições. Esse carro devia estar adiante ou atraz... quando só ha um caminho a seguir. Oh! tudo irá bem. A maior difficuldade de minha missão está passada. Parece-me que meu passaporte nada deixa a desejar mesmo aos mais difficeis.

Ha doze dias que sahi de Paris, sou o perfumista mais verificado do reino... Isto vai maravilhosamente. Mas, grande Deos! que terá dito madama de Fontenay, minha adoravel viuva, quando houver recebido como um raio a noticia de minha partida?.. Ella com quem eu havia de casar no dia seguinte!... Partir assim na vespera de um casamento, sem poder ao menos dizer-lhe adeos, sem poder ao menos dizer-lhe para onde ia! Não atrevo-me a imaginar o que terá ella pensado, tenho medo de pintar-me sua colera! Perdoar-me-ha ella quando eu voltar a Paris? Perder seu amor, perder um casamento tão feliz! Isso seria cruel. Mas podia eu recusar? Não! não! cem vezes não! mil, mil vezes não! Isso era minha fortuna, meu futuro...

—Senhor! senhor!

—O que ha então?

Era Leonardo que voltava da cosinha, e entrava mui agitado na sala baixa.

—Senhor insultaram-me...

—Eia, falla, Leonardo.

—Ah! senhor! essa affronta... que affronta!

—Explica-te.

—Eu estava vigiando o quarto de carneiro.

—Muito bem.

—Um quarto sobêrbo, soberbo, dourado, untuoso, perfumado... Estava assado... Ja tira-lo do espeto...

—Continua!

—Repentinamente jovens officiaes entram na cozinha.. um delles... oh! eu o reconheceria... Elle tem uma larga cicatriz na testa...

—Acaba!

—Retira-te dahi! dizem-me elles.

—Porque hei de retirar-me?

—Esse quarto he nosso.

—Que! he dos senhores!

—Elles empurram-me, dão comigo no chão. Exclamo: Este quarto de carneiro he para meu amo!

—Teu amo o perfumista?

—Sim, o perfumista.

—Elles entram a rir e zombar cada vez mais. Tiram o quarto do espeto, e vão leva-lo. Lanço-me a elles... Puxo de um lado, elles puxam do outro e carregam o quarto... Exclamo: Meu amo ha de saber disso! Elles respondem-me: Vai dizer a teu amo, que se levar isto a mal, havemos de mette-lo no espeto no lugar do quarto de carneiro.

—Que insolentes! interrompeu emfim o marquez de Bourvoisin nesse lugar da narração do infeliz Leonardo, o qual continuou assim animado pelo assentimento do amo.

—Levantei a mão.

—Bravo, Leonardo!

—Elles levantaram o pé.

—E depois?

—Deram-me, sovaram-me...

—Que miseraveis! Não almoçarei então! Onde estão elles?

—Na sala de jantar.

—Quantos são?

—Muitos.

—Tanto melhor!

—Mas, senhor marquez, cuidado...

—Fica aqui! Bourvoisin desappareceu.

—Não era preciso recommendar-me que ficasse aqui, murmurou Leonardo, e accrescentou: Ha de chegar muito tarde. Demais são uns doze espadachins, cada qual mais violento. Se estivessem vestidos como eu, seriam canalha; tem a farda militar, o chapéo sobre a orelha, a espada ao lado, são amaveis estouvados.

(Continuar-se-ha.)

MUTILADO

neo, emquanto existisse o tratado de 1841. Se ella não estivesse em guerra com a Porta a sua esquadra lhe seria perfeitamente inutil, porque estaria fechada no Mar Negro. Tudo quanto a Russia poderia fazer, no caso de uma guerra com a Inglaterra, era pôr obstaculo aquella porção do nosso commercio entre Constantinopla e os portos do Mar Negro; pelo contrario, se o tratado não estivesse em vigor, ella poderia vir repentinamente ao Mediterraneo, e dest'arte ter ahi uma esquadra tão grande como presentemente possue no Mar Negro.

Isto nos obrigaria tambem a augmentar a nossa esquadra no Mediterraneo, e elevaria não só os nossos perigos como as nossas despezas.

Por tanto o tratado de 1841 protegeu este paiz contra a sorpreza, trancando a esquadra russa no Mar-Negro. Certamente nenhum tratado podia ser organisado com um sentido mais sabio e mais seguro, e o nobre lord desejava ve-lo restabelecido, e o seu preambulo posto igualmente em pratica. O nobre conde deu a mais erronea interpretação ao tratado, quando disse que nos não obrigava a sustentar a integridade do imperio ottomano. Litteralmente talvez seja assim, mas era indigno do nosso governo abrigar-se sob uma subtileza desta especie, em vez de attender ao espirito do tratado. Que a França interpretou o tratado no seu sentido genuino, deduzia-se evidentemente de um despacho que fora publicado no *Moniteur*, posto que não seja certo que isto apparecesse nos livros azues *(blue-books,)* Segundo este tratado a Porta tinha tanto direito a pedir a cooperação dos seus alliados assim como qualquer outro paiz te-lo-hia a pedir semelhante auxilio segundo o tratado de Vienna.

Tendo dito muito sobre este ponto, o nobre lord só exprimiria a esperança de que ja não ouviria manifestar-se o desejo que o Mar-Negro não permanecesse fechado por mais tempo. Quando esta questão foi apresentada ante a camara, o seu nobre amigo (o conde Grey) fez um discurso contendo muitas passagens que, se tivessem partido de outras pessoas, teria julgado mui absurdas, mas que, como procediam de um individuo que desenvolvera immensa habilidade e discernimento e muitos casos, via-se obrigado a fazer algumas observações a respeito. Esperava que o seu nobre amigo o desculparia de alguma cousa desagradavel, quando declarava que nunca ouvira um discurso que contivesse tantas exposições, acerca de factos e de opiniões de que elle differia tão cabalmente. (Risadas.)

Quanto aos principios geraes que o seu nobre amigo propunha, se fossem postos em pratica, destruiriam inteiramente toda a sociedade, e reduziriam o mundo inteiro a um cabos de anarchia. (Risadas.) Os factos do seu nobre amigo eram tão erroneos como os seus principios. De uma maneira plausivel e eloquente o seu nobre amigo tinha feito uma descripção da Turquia que era totalmente tão maravilhosa e totalmente tão verdadeira, como a narração de que elle se lembrava ter lido na infancia na verdadeira historia de *Jack o Giantkiller.* (Risadas.) Em primeiro lugar, o seu nobre amigo disse que os Turcos eram o povo mais intolerante. Agora, tudo quanto elle (lord Beaumont) tinha observado durante uma residencia de 14 mezes na Turquia, e tudo quanto sabia de pessoas intelligentes que alli residiram por um periodo muito mais longo, justificava-o, dizendo que não havia paiz algum na Europa —não exceptuando a Inglaterra—em que a tolerancia religiosa prevalecesse em tão grande escalla como na Turquia. (Apoiados.) Certamente, elle pensava ainda que a opinião espantasse algumas pessoas,— que a tolerancia subia á tal ponto, que habilitava os sacerdotes christãos a opprimir os seculares, porque a lei turca ajudava aquelles a por em execução as sentenças de excommunhão. Nunca se deu disputa religiosa entre mussulmanos e christãos. Elle vira em uma das ilhas do Archipelago uma procissão de padres catholicos romanos acompanhada com toda a pompa e ceremonia usadas em taes occasiões, guarda de soldados turcos empregados em protege-la contra os insultos e ultrages dos Gregos. Em outros tempos os Turcos eram chamados a proteger os Gregos contra os catholicos romanos. Constantemente haviam disputas entre os membros das duas igrejas, e tambem entre muitas seitas christãas que eram toleradas na Turquia, e as quaes se odiavam reciprocamente muito mais do que aborreciam os Mussulmanos.

Durante os ultimos 15 ou 20 annos a Turquia fez vastos progressos em melhoramentos sociaes, e no desenvolvimento das reformas administrativas. Estabeleceram-se tribunaes para a decisão dos casos commerciaes e criminaes, e vão funccionando admiravelmente, e as medidas adoptadas para a segurança de vida e de propriedade são satisfatorias. Fora apresentado como objecção, que o exercito turco era composto exclusivamente de Mussulmanos; mas que não era devido as medidas adoptadas pelo governo turco. Pelo contrario, a Porta desejava que os seus subditos christãos servissem no exercito, mas os christãos requereram ser escusados, e permittio-se-lhes pagar uma taxa por cabeça em virtude da isenção. O governo turco vio que a circumstancia de ser o seu exercito composto exclusivamente de Mussulmanos, tendia a prevenir o augmento daquella porção dos seus subditos em uma proporção igual aos christãos, e por esta razão desejou alterar o systema existente. Disse o lord Beaumont que o seu nobre amigo lera alguns livros antigos, que o conduziram á conclusão de que a independencia da Turquia era uma sombra, que era o paiz mais intolerante do mundo, e que não tem feito progresso algum em melhoramentos sociaes.

Como antes disse, todas as negociações se terminaram a 9 deste mez. Desde que fomos atirados ao mar, como dissera o nobre secretario dos negocios estrangeiros, já era tempo que soubessemos quando poderiamos tomar estrada certa, e tambem para que porto pretendiamos navegar. Se o governo tencionava ir para a guerra, tinhamos um grande assumpto a realisar,—a saber, o estabelecimento de uma paz benefica e permanente. Nunca governo algum emprehendeu guerra sob auspicios mais favoraveis. Estamos estreitamente alliados com esta grande e poderosa nação franceza. Estamos unidos por meio de laços de interesse e acção commum, que a intriga tem sido incapaz de desatar. Ha uma esperança pela nossa parte de termos a Austria e a Prussia tambem com nosco, porque era evidente ao mundo, e portanto, deve ser evidente a estes mesmos estados, que, afim de se conservarem a sua independencia era necessario que combinassem com a França e a Inglaterra. Aindamais; temos um alliado na potencia em cujo territorio estamos para ir pelejar a batalha da civilisação contra o barbarismo, de independencia contra a aggressão, de direito contra a usurpação, e de cuja intelligencia, coragem e honestidade não pode haver duvida alguma. Porventura Redschid Pasha e os seus collegas no governo turco ja não terão dado provas não equivocas da sua alta habelidade e patriotismo? Mas além de todos estes elementos de força existe o enthusiasmo do povo e de Inglaterra. Nunca se testemunhou um espectaculo mais interessante do que o apresentado na occasião da partida dos Guardas outro dia, victoriados pelas multidões dos seus concidadãos, e manifestando pelas palavras que profieriam que os seus corações estavam alistados na causa a que iam servir.

Abroquelado por este immenso apoio moral e phisico, era do dever do governo obter alguma cousa mais vantajosa do que uma copia do protocolo de Vienna. Com este fim trouxe elle o assumpto á consideração da casa. Fique certo o povo deste paiz, que o governo se não estava empenhando em uma guerra afim de recompor indignos tratados, mas em favor de uma grande causa europea. Os Turcos no Danubio estão pelejando as nossas batalhas, assim como as suas proprias. Não he a primeira vez que a Turquia tem pelejado a batalha da Europa, e não repitamos o erro crasso que commettemos na primeira occasião: deixando-a pelejar sosinha.

Disse, que não podia concordar com o seu nobre amigo quanto ao seu calculo do poder da Russia, que parecia igual ao que outr'ora fora feito por um membro que tratava de « limita-lo. » A Russia era uma immensa potencia, e em uma causa justa não fora facilmente batida. Era uma grande potencia, militar, e possuia grande força moral sobre a vasta porção da Europa; que ha pouco tempo prestara a sua immensa influencia aos destinos da Prussia e da Austria. Então não desprezaram a Russia; mas comtudo era verdade que ella agora estava trabalhando contra a combinação de todas as potencias da Europa. Por quem era ella coadjuvada? Não he pela população christãa da Turquia, ainda que grandes esforços se houvessem feito para crear uma causa russa entre esta mesma população. O imperador da Russia se esforçou para excitar a anarchia nos estados turcos, mas naufragára a despeito de todos os seus esforços. A população da Bulgaria se declarou contra o jugo russo, e preferio viver debaixo do dominio da Porta.

O nobre lord disse que conhecia que, no anno de 1848 e depois, todo o partido liberal na Valachia, que era o maior partido que alli existia, havia proclamado o desejo de viver sob o suave dominio da Porta, e libertar-se do pezadello da protecção e garantia da Russia. Então a Russia na presente causa, se achava sosinha de um lado, e toda a Europa de outro. Portanto quaesquer que sejam as difficuldades, que se tenham a vencer, elle nunca acreditaria que, em semelhantes circumstancias, este paiz não collocasse em breve tempo o seu inimigo em uma posição que o habelitasse a dictar os termos que lhe aprouvessem. Este era na verdade o objecto real da sua moção, e não teria confiança alguma no governo senão pedisse alguma cousa mais á Russia do que um simples protocolo contendo a substancia da nota de Vienna; e se não insistisse sobre alguma medida mais clara e definitiva da parte da Russia, que dahi em vante assegurasse a paz da Europa e vingasse a lei commum das nações.

Prestaria pouca confiança ao governo se pensasse, como parecia ser indicado pelos discursos de dous nobres lords na outra casa do parlamento, que meramente pretendia o restabelecimento do protocolo de Vienna. Mas se os ministros de Sua Magestade se dignassem annunciar que o fim que tinham em vista era digno deste paiz, então lhes daria o seu humilde apoio, e esperava e cria que receberiam o apoio do reino unido. (Apoiados.)

O nobre lord concluio da maneira seguinte: — que segundo os documentos parecia que Sua Magestade se ufanava de communicar á casa que os esforços de Sua Magestade e dos seus alliados para estabelecer sem recorrer ás armas, amigaveis relações entre a Sublime Porta e Sua Magestade o imperador da Russia não tem sido affrouxados; que tambem parece que estes esforços não produzirão o desejado effeito, e que o imperador da Russia continua a conservar pela força das armas duas provincias importantes do imperio ottomano. Por tanto, que a opinião desta casa, que a honra e os legitimos interesses deste paiz requerem que se empreguem meios immediatos e efficazes para repellir a aggressão injustificavel da Russia no territorio do sultão; e que o poder e a influencia deste paiz sejam exercidos para collocar as relações do Sublime Porta com o resto da Europa sobre fundamentos capazes de assegurar uma paz duradoura, e proporcionar ao imperio ottomano uma bella opportunidade para desenvolver os seus recursos naturaes e continuar nas suas reformas administrativas. *(Times.)*

— 28 —

Agora he vindo o tempo em que a proximação da estação para as operações navaes e militares, e o estabelecimento de completa intelligencia entre as quatro grandes potencias da Europa oppostas á politica aggressiva da Russia, aconselham que medidas promptas e efficazes sejam tomadas para levar a questão da paz ou da guerra a uma conclusão. Os governos da Inglaterra e da França resolveram, por tanto, dirigir ao imperador da Russia uma intimação formal, convidando-o a prometter solemnemente e comprometter-se dentro de seis dias depois da recepção daquella communicação, que ordenará que as tropas evacuem os principados do Danubio ou antes de 30 de abril. Os correios que são os portadores deste despacho de Londres e Paris partiram hontem pela manhãa. Passaram por Berlim e Vienna, donde se espera que semelhantes exigencias serão feitas ao mesmo tempo pelos gabinetes da Prussia e Austria. A recusa da parte da Russia a condescender com esta justa exigencia ou a dar uma resposta conveniente, será considereda pelas potencias como uma declaração de guerra. Calcula-se que esta communicação chegará a S. Petersburgo em nove ou dez dias. Provavelmente o imperador Nicoláo se não aproveitará do termo formal de seis dias que lhe foram dados, assim como não ha duvida sobre o objecto da sua resposta; mas, pouco mais ou menos esta resposta pode ser conhecida dentro de tres semanas, e as forças das potencias alliadas, que de facto já estão em caminho para os seus destinos respectivos, naquelle tempo se acharão em uma posição que as habilite a começar as hostilidades immediatas.

Na chegada do *Tejo* do esquadrão do almirante Córry, que fora visto hontem á tarde ao lado da ilha de Wigt, e actualmente está ancorado em Spithead, Sir Charles Napier, o commandante da esquadra, transfere o seu pavilhão para o duque de Wellington. Esta fracção das forças navaes que já se acha completamente prompta para o serviço activo brevemente se reunirá no Downs, e nos principios de março seguirá para o Kattegat, onde aguardará a abertura do Baltico, que he raras vezes accessivel as operações maritimas antes dos fins de março, de modo que a presença da esquadra nas praias do Baltico coincidirá com o periodo em que a resposta definitiva do imperador da Russia ao *ultimatum* da Europa poder ser recebida. A esquadra russa no Baltico consiste de tres divisões de perto de nove náos cada uma, as quaes se acham agora nos tres portos navaes de Revel em Esthonia, Helsingfors na Filandia, e Cronstadt, — todos dentro do golpho de Filandia. Destas tres estações Revel he commummente livre do gelo dez ou quinze dias antes da parte do golpho, e por consequencia he importante que as divisões da esquadra russa que estão dest'arte separadas se não possam reunir sob as baterias de Cronstadt. Helsinfors he protegida pelas fortificações de Sweaborg, construidas nas tres ilhas oppostas á embocadura do porto, e contendo 800 peças de artilharia, com barracas e quarteis para 12,000 homens. As ilhas de Aland, que foram tomadas pela Russia quando ella effectuou a conquista e annexação de Filandia em 1809, são tambem uma importante estação naval, pois que dominam o golpho de Bothnia, e ameaçam a propria capital da Suecia, ao qual reino devem justamente pertencer. Fora uma politica prudente, e bem calculada reprimir a ascendencia immoderada da Russia, se os successos da guerra habilitassem as potencias alliadas a restituir estas ilhas as monarchias scandinavas, com que estão intimamente ligadas pela raça, pela religião, pelas tradições passadas e pelo espirito nacional; e esperamos que o valente povo da Suecia se aproveite da vantagem da presente conjunctura para recobrar a provincia que lhe foi tão vergonhosamente arrebatada, ha cousa de meio seculo.

A chegada das forças ja em caminho para o Oriente precederá de alguma sorte o periodo que agora possa ser assignado á cessação de qual quer duvida. As duas primeiras columnas francezas de cerca de 8,000 homens cada uma, embarcarão simultaneamente em Toulon e Algeria, ao passo que a divisão ingleza está em caminho para o Mediterraneo. Sabemos ao mesmo tempo por despachos telegraphicos de Constatinopla de 13 do corrente, que a Porta accedera á convenção que lhe fôra offerecida pela Inglaterra e a França; de sorte que em sua chegada aos territorios turcos as tropas serão recebidas sob as previsões de um encontro especifico com o governo turco. Como prova ulterior da excellente intelligencia e cordial união que existe entre os governos inglez e francez, não podemos deixar de referir-nos com grande satisfação á circular dirigida pelos ministros destes dous grandes imperios a todos os seus agentes e officiaes em paizes estrangeiros, ordenando-lhes que usem dos seus esforços, em todas as partes do mundo, para proteger as propriedades e interesses reciprocos como se fossem os de seus proprios concidadãos. He a prova mais evidente da politica unida e da commum intenção dos dous estados e em todas as varias emergencias que um estado de guerra possa occasionar nas differentes partes do globo; he honroso e util a ambas as nações que prestem mutua protecção aos interesses dos seus subditos em paizes estrangeiros.

O imperador da Russia tem recorrido a muitos expedientes differentes para manifestar o encommodo e a irritação que experimenta para com os seus primeiros alliados. Os regimentos no seu exercito que tinham os nomes dos soberanos austriacos e prusso tiveram ordem para mudar as suas disignações. O commissario militar ou enviado da Russia que residia habitualmente em Berlin recebeu ordem para reunir-se ao seu regimento, e os officiaes russos ja não podem usar das decorações austriacas e prussas. Esta ultima insinuação não foi immittida na Allemanha nem em outra qualquer parte, onde as medalhas de submissão á Russia são mui communs. Dentro de cinco annos os primeiros ministros de Baviera e de Saxonia receberam e aceitaram a ordem russa de S. Alexandre Neswky; e, o que ainda he mais extraordinario, o general Castelbajac, o ultimo ministro francez em S. Petersburgo, que foi revocado em consequencia do iminente rompimento, julgou-se justificado, aceitando a mesma decoração do imperador cuja côrte elle estava para deixar. A nomeação do principe Paskiewitsch para o commando do exercito russo no Danubio he uma medida que não revela mui alta idéa dos recursos da Russia, quanto aos seus officiaes superiores. O principe Paskiewitsch nunca foi um general de grande merito; a sua reputação militar foi ganhada nas victorias que obteve sobre os Persas; e na campanha hungara nem manifestou actividade nem fertilidade de recursos. Alem disso tem mais de 70 annos, e he valetudinario. Não consideramos o principe Paskiewitsch o homem capaz de tirar o exercito russo da difficuldade em que se acha collocado, com um inimigo em fortes posições por traz de um grande rio ao longo de toda a sua frente, e a probabilidade de que brevemente será ameaçado em ambos os flancos por um exercito europeo composto das melhores tropas do mundo. Certamente he difficil conceber que operações podem ser tentadas com felicidade por algum exercito em semelhante posição, ameaçado como se acha em todos os lados e em sua linha de operações; e, posto que não digamos que o imperador da Russia se comprometta a evacuar os principados como em defferencia as intimações das outras potencias, com tudo consta-nos que elle continua a occupar os principados contra a sua vontade. *(Idem.)*

Paris 6 de março de 1854.

Estavamos de antemão convencidos que, quaesquer que fossem a causa e a occasião da intervenção da Europa no Oriente, quando mesmo essa causa e essa occasião fossem essencialmente politicas, o seu desfecho aproveitaria á causa do christianismo e da civilisação no Oriente. Os estados europeus tem grandes interesses politicos e commerciaes no Oriente; mas os interesses, por mais poderosos que sejam, não chegam jamais a apagar os sentimentos e as tradições moraes das nações: algumas vezes os eclypsam, mas não os destroem. Estavamos portanto certos que os sentimos christãos, depois de terem cedido aos interesses politicos na questão do Oriente, tomariam tambem a sua posição e cathegoria. O que nos animava porém neste caso, he que os sentimentos estavam tão conciliados com os interesses que não podiam prevalecer. Não querendo considerar senão a questão do interesse, deve-se notar que he do interesse do Occidente o ser christão no Oriente, isto he, sympathico e auxiliador das populações christãs do Oriente; porque em falta da caridade e da fraternidade christãa, basta a ambição para estabelecer entre o Occidente e a Russia uma sorte de luta, ácerca de quem deva ser mais generoso para com os christãos do Oriente.

Lord Clarendon, declarando no parlamento inglez, que o tratado que vai ser concluido entre a França, a Inglaterra e a Turquia deve conter uma estipulação em favor dos christãos do Oriente, provou-nos que tivemos razão em esperar no poder dos sentimentos generosos. As peças diplomaticas publicadas pelo governo francez bastariam para provar que o pensamento de melhorar a condição de nossos irmãos do Oriente, nunca deixou de activar nos negociadores. Duas idéas tem elles sempre tido presentes: a primeira he a do perigo actual que as pretenções da Russia faziam correr á Turquia, e de que convinha preserva-la a todo transe; a segunda, he a do perigo que as velhas maximas da politica ottomana faziam correr á mesma Turquia creando inimigos em seus subditos christãos, cruelmente opprimidos. Por ser antigo este perigo não deixa de ser grande aos olhos dos negociadores, que comprehenderam que convinha a tranquillidade do Oriente não estar mais dividido em duas classes desiguaes em numero e em direitos, competindo ao pequeno numero todos os direitos e todas vantagens, e ao grande todas os deveres e encargos.

Este pensamento encontramo-lo em todas as peças, diplomaticas. He por isso que o ministro dos negocios estrangeiros escreve a 5 de julho de 1853 a M. Walewski « Cumpre animar o sultão para que melhore incessantemente a condição dos christãos submettidos a seu sceptro, e a fundir, quanto possivel, todas as populações do seu imperio. » A Porta ottomana não recusa sobre esse ponto contrahir empenhos com as potencias christãas. Ella prefere, no que obra com acerto, empenhar-se com todas as potencias do que com uma só. O sultão, diz a nota da Porta ottomana de 31 de dezembro de 1853, animado do desejo particular de fazer com que todas as classes dos seus subditos participem dos principios de seguridade e de justiça, cuja segurança contém o Tansimat, fazendo applicar *completamente* as disposições deste acto, assegurando a todos o beneficio das leis, avisando que vai introduzir na administração os melhoramentos necessarios, ordenou, por uma resolução imperial, que se dedica a este objecto toda a attenção que merece, o que não póde deixar de ser acolhido com satisfação pelas cortes, *sendo por isso de nosso dever declara-lo tambem neste lugar.*

Ha tres meios de melhorar a sorte dos christãos do Oriente: o primeiro, he a igualdade estabelecida entre todos os subditos da Turquia, mahometanos ou christãos, bulgaros ou slavos, armenios ou gregos, etc., este he o meio que parecem aceitar da melhor vontade os negociadores occidentaes e a mesma Turquia. He um principio todo europeu a igualdade perante a lei. Parece muito simples de proclamar; porém difficilimo de praticar em um paiz em que ha uma religião que he a do Estado ou antes que he o mesmo Estado.

O segundo meio he o reconhecimento legal das diversas nacionalidades que partitham a população do imperio, e a concessão feita a essa nacionalidade de direitos e privilegios particulares. Muitas vezes acontece que o reconhecimento da nacionalidade de uma população fez parte de um tratado concluido com uma potencia estrangeira. Foi desse modo que se constituiram as nacionalidades serba, valachia e moldavia. Este estado de cousas repugna com as idéas de igualdade politica e civil do Occidente; concilia-se com as ideas e as tradições do Oriente; tendo além disso a vantagem de preparar as populações para o futuro, se este futuro tem de ser independente.

O terceiro meio de melhorar a condição das populações christãas, he a independencia. Foi o principio que applicou-se á Grecia. Dizem que este meio não teve bom resultado na Grecia: nunca fomos porém desse parecer. Não dizemos que o governo hellenico seja forte e poderoso; sustentamos porém, e o temos feito constantemente, que a Grecia tem florescido sob esse governo que se diz tão fraco e tão inhabil; a população tem augmentado singularmente; a marinha tem crescido em uma proporção maravilhosa; as cidades tem sido reedificadas, as terras roteadas e cultivadas; as arvores, queimadas ou arrancadas durante a guerra, hão sido replantadas. Muito de proposito para não offender nenhuma prevenção, deixamos de attribuir a honra desta prosperidade ao governo hellenico; attribuimo-la á actividade natural do genio grego e especialmente a civilisação christão. M. Charles Lenormant, um de nossos confrades do instituto, que conhece muito bem a Grecia, dizia ultimamente em um artigo do *Correspondant*, que o mais imperfeito dos governos christãos he superior ao melhor regimen musulmano.

Não ha, creio eu, neste pensamento, que reputo profundamente verdadeiro, cousa que possa offender a alguem no Occidente; e he isto tambem o que apezar das censuras justas ou injustas que fazem ao governo hellenico, constitue a prosperidade da Grecia, e o que a torna um objecto de esperança para as populações christãas do Oriente.

Cumpre saber que indicamos esses diversos meios de melhorar a sorte dos christãos do Oriente, sem querer discuti-los, porque o que nos importa, he o melhoramento da sorte destas populações, qualquer que seja alias a sua forma. Ou os christãos do Oriente que ainda estão sujeitos ao sceptro da Turquia serão resgatados da condição de rayas e postos no mesmo nivel com os Turcos, ou formem nacionalidades distinctas privilegiadas, ou sejam independentes e formem principados protegidos pela Europa, o seu futuro, qualquer que seja a forma que adoptem será melhor do que o seu passado e he especialmente isso o que queremos.

Algumas vezes e muito a nosso pezar, temos contrariado os sentimentos generosos de nossos amigos de Athenas, não adoptando precipitadamente as suas esperanças patrioticas. Ousamos representar-lhes que a independencia não era para as populações orientaes a unica forma do melhoramento; que o essencial era erguer a sua correcção por todo e qualquer modo, fazer com que os christãos fossem por toda a parte superiores em numero, em riqueza, e em instrucção aos musulmanos e esperar o effeito natural desta superioridade. O que diziamos dos publicistas de Athenas que não concebiam outro melhoramento senão a independencia, diriamos de muito boa vontade tambem aos publicistas do Occidente, que não concebem outro melhoramento senão a igualdade perante a lei para todos os subditos turcos. Esta igualdade he certamente um grande melhoramento, e tão grande que me parece impossivel com o primado civil e politico do Alcorão na Turquia. Ha porém outras formas de melhoramento, e nós desconhecemos a necessidade de preferir antecipadamente antes este do que aquelle melhoramento.

O unico empenho que devemos contrahir o unico que interessa á Europa, he proceder de modo que a condição dos christãos do Oriente seja melhor depois da intervenção, do que antes, de sorte que elles prefiram aceitar o papel que lhes prescrever a intervenção europea, e não queiram jamais tornar-se russos. Convem crear contra a Russia um Oriente christão e liberal. O Evangelho, como o concebem Roma, Paris, Vienna, Londres, Berlim, e Athenas he contra a Russia um baluarte mais seguro do que o Alcorão. *(Journal des Debats.)*

DISCURSO DE LORD CLARENDON, MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS DA GRÃA BRETANHA, EM A NOTAVEL SESSÃO DE 25 DO PASSADO.

Senhores, prestei a maior attenção ao discurso que acabaes de ouvir, e confesso que não encontrei nelle argumento algum solido em apoio das resoluções propostas. Não pretendo seguir lord Beaumont nas suas excursões pelos despachos do *Moniteur* e pelos artigos do *Times*; seria isso mui extenso e não quero fatigar a camara com repetições. Limitar-me-hei a fazer rapidas indicações sobre os acontecimentos passados, a situação actual, e o que póde esperar-se no futuro. Creio que a camara não deseja outra cousa (muito bem).

« Pelo que toca ao passado declaro que no principio de maio ultimo, quando vimos que o principe de Menschikoff tinha intuito mui diverso do que nos fora dito, era ja impossivel acreditarmos as seguranças solemnes, frequentes, e que, sem nós as provocarmos, recebiamos da Russia. Vós tereis feito o mesmo.

« Quando conhecemos o erro em que tinhamos incorrido quanto ás intenções da Russia, não hesitámos um momento em determinar o nosso modo de proceder. Deliberámos manter a integridade do imperio ottomano, aconselhámos o sultão a que não fizesse concessões incompativeis com a sua dignidade e com a sua independencia, e lhe afiançámos que, se fossem regeitadas condições desta natureza, contasse confiadamente com o nosso completo apoio. (Muito bem.)

« Ao mesmo tempo, senhores, trabalhámos honrosamente e com ardor a bem da paz. Se lord Beaumont quizesse pôr-se em nosso lugar, veria que era do nosso interesse, do nosso plano, e sobretudo do interesse da Turquia, não precipitarmo-nos então n'uma guerra. (Muito bem.)

« Com effeito, qual era a situação? A Turquia não estava completamente preparada para a guerra, não podia arrostar com o inimigo, e os nossos vasos de guerra, á excepção dos fundeados em Beicos, achavam-se disseminados por todo o mundo: tal era tambem a situação das esquadras francezas. A Austria e a Prussia instavam para que não fizessemos demonstrações bellicosas em quanto ellas não tivessem apresentado todas as suas ponderações. Agora que estas não deram resultado, obram completamente de accordo comnosco essas potencias.

« O imperador da Russia, quando as suas tropas entraram nos principados, aceitou, ainda mais, solicitou os bons officios da Austria para o meio da evacuação dos mesmos. Além de que, na época a que me refiro, ninguem queria ouvir fallar em guerra, ninguem a julgava possivel.

« Mas, disse lord Beaumont, porque não fallastes alto e firme logo no principio? Porque não sopeastes a marcha do imperador? »

« Fallar alto e forte, senhores, equivale a ameaçar; a ameaça equivale á guerra; e nós não podiamos ameaçar porque não estavamos preparados para a guerra. Repito que a respeito da Russia não tinhamos de ameaçar. Tratar com a Russia he tratar com um povo grande, porém tambem com um homem que goza de poder despotico em seus estados, soberano irresponsavel e costumado a fazer a sua vontade dispondo de grandes recursos.

« Para ameaçar este soberano com o intuito de o fazer evacuar os principados, era preciso estar bem preparado para a guerra. Se a tivessemos feito, e se a opinião de lord Beaumont fosse exacta, nada impediria então a Russia de passar o Danubio e de marchar directamente sobre Constantinopla. Porém, longe de mim a idéa de que a Russia marchasse então para Constantinopla, nada; não he engrandecer em territorio o que ella quer. A Turquia não poderia resistir, e o resultado do primeiro revez teria sido a perda infallivel deste estado, paralisado pelo temor. O povo inglez teria razão de indignar-se com a idéa só de que nada se havia feito para poupar-lhe as calamidades da guerra. Nós pocedemos, senhores, como teriam obrado os nossos accusadores; isto he, como homens que tem a consciencia da responsabilidade de seus actos.

« Quaes foram as consequencias do nosso procedimento? As seguintes: —um poderoso exercito levantado na Turquia com uma rapidez verdadeiramente maravilhosa; toda a sua população movida pela inspiração do espirito nacional, distincto completamente do fanatismo, e que deu ás operações um caracter de vigor e actividade. A Austria e Prussia com plena deferencia á nossa opinião estão hoje intimamente ligadas comnosco para resistir á politica aggressiva da Russia. Hoje mesmo nos participa o telegrapho que um novo corpo de 25,000 homens recebeu ordem de marcha para a fronteira austriaca. Pelo que nos respeita vamos ter a esquadra mais activa e poderosa de quantas tem sahido de Inglaterra para defender a sua honra. (Applausos.)

« A marinha franceza acha-se no mesmo estado. Agora que he inevitavel a guerra, e que todos os esforços para manter a paz tem sido infructuosos, será feita a guerra com todas as nossas forças e com toda a nossa energia contra a Russia. (Applausos prolongados.)

« Esta somma immensa de influencia moral e de poder material he o resultado da nossa politica; estes são os fructos de sete mezes de longanimidade. E he tal a opinião publica em Inglaterra que toda a expressão de confiança da parte do governo he aceita com enthusiasmo pelo povo.

« Lord Beaumont perguntou qual era a nossa posição e se estavamos em guerra, e deduz com razão que não estavamos em guerra, porquanto ainda não se tinham feito no parlamento as declarações do costume; porém deixou entrever o receio de que a falta destas declarações officiaes indique a determinação de manter a paz. Posso tranquillisa-lo nesse ponto. Desejando hoje como nunca a paz, seria tão feliz como vós, senhores, se podesse proclamar a paz possivel com condições justas e honrosas.

« O imperador da Russia poderá, sem deshoura sua, livrar a Europa do estado de anciedade em que se acha; poderá poupar-lhe as calamidades da guerra em que se pode dizer que está envolvida; porem regeitou os offerecimentos que se lhe fizeram e exagerou as suas primitivas exigencias. A's propostas dos seus mais intimos alliados respondeu demandando que adherissem á sua politica, e lançou-lhes uma luva de desafio. Lord Beaumont não tem que temer que este repto fique sem resposta. Sabe a camara que não estamos sós. Não se trata de uma desavença só entre a Russia e a Inglaterra: nós obramos com alliados e a pro de alliados, e seriamos muito imprudentes se não adoptassemos as precauções reclamadas pelas circumstancias.

« Não exigireis do governo explicações que poderiam ser prejudiciaes aos interesses publicos. Porem, assim como a boa intelligencia que reina entre os alliados nos inspira a maior confiança, assim tambem devemos mostrar certa deferencia a seus desejos, e muito nos interessa conhecer de antemão a sua politica. Devemos consultar não sómente a dignidade, mas tambem os desejos do sultão, e dar-lhe conhecimento das medidas que tomamos para segurança do seu imperio. Apresentamos-lhe um projecto de tratado, e até que soubessemos do seu assentimento, não conviria nem ao seu decoro nem a sua independencia levarmos uma força anglo-franceza ao seu territorio. Rogo, pois, a lord Beaumont que não se inquiete porque ainda se não fizeram as declarações de que fallou ao parlamento.

« Bem sabeis que não perdemos tempo e que não ha perigo na demora. A Inglaterra e a França fazem vigorosamente os seus preparativos, e os exercitos e as esquadras de ambos os paizes achar-se-hão em estado de sustentar uma grande guerra. Lord Beaumont quereria que o parlamento se compromettesse de antemão nos resultados desta guerra; porem, no meu entender, não haveria cousa mais imprudente: ninguem póde calcular ques serão aquelles; e todos sabem que isto depende das probabilidades e dos acontecimentos.

« Senhores, seria muito para desejar coagir a Russia, e devolver a seus legitimos proprietarios as differentes partes de territorio que tem roubado aos outros paizes *(Muito bem)*. Porem, não he possivel tomar resolução alguma neste ponto sem saber com que probabilidades se fará a guerra ou qual será a situação da Russia ao terminar a guerra.

« Senhores; a predilecção de Pitt para os Bourbons era mui grande, ninguem como elle desejava a restauração, e sem embargo disso nunca quiz, postoque podesse, proclamar que a restauração dos Bourbons era o objecto da guerra. Não podeis comprometter-vos de antemão quanto á natureza das exigencias que se hão de fazer depois de restabelecida a paz; nem tão pouco se pode dizer hoje o modo porque a Turquia ha de chegar a ser um grande ramo da familia europea. Julgo que estamos na raia de acontecimentos mui importantes e mysteriosos que tendem a este resultado.

« Ha muito tempo que ventilamos esta questão, prevista e adiada pelos homens de estado mais eminentes da Europa; porem, já que entramos nella, visto que nós provocaram, declaro positivamente que deve regular-se de agora para sempre. (Estrepitosos applausos.)

« Repito, senhores, não he impossivel predizer o resultado da luta; porem, posso assegurar-vos que he opinião de quem toma parte ou directa ou indirectamente nesta guerra que será necessario para a segurança e tranquillidade do futuro da Europa oppor peias as pertenções aggressivas e ambiciosas da Russia (Muito bem); será necessario manter a integridade do imperio ottomano. He necessario ter garantias que nos afliancem que de futuro não seremos privados dos grandes beneficios da paz. (Applausos.)

« Porem, a Inglaterra, como outra qualquer potencia christãa, não cumpriria o seu dever, não consultaria o verdadeiro interesse da Porta, se deixasse escapar esta occasião para assegurar direitos iguaes, e igual justiça á população christãa da Turquia, e preparar ao mesmo tempo o caminho do progresso e da prosperidade, adherentes necessarios do christianismo e da civilisação. (Estrondosos applausos). *(Revolução de Setembro.)*

PERNAMBUCO.

ASSEMBLÉA LEGISLATIVA PROVINCIAL.

Sessão ordinaria em 3 de abril de 1854.

Presidencia do Sr. Pedro Cavalcanti.

As 11 horas e meia feita a chamada verifica-se estarem presentes 26 senhores deputados.

O Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. 2.º Secretario lê a acta da sessão anterior, que he approvada.

O Sr. 1.º Secretario menciona o seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do secretario do governo, enviando 37 exemplares do relatorio e conta da receita e despeza da administração do patrimonio dos orphãos, verificada do primeiro de janeiro a 31 de dezembro do anno findo.—A' distribuir-se.

Outro do mesmo, enviando o quadro da divida passiva provincial dos exercicios de 1849 a 1853, liquidada até o ultimo de março findo.— A' commissão de fazenda.

Um requerimento de Bernardo Cesar de Mello, official de justiça do termo da cidade de Olinda, requerendo providencias, áfim de poder receber da camara municipal o que esta lhe deve, e pedindo que se lhe marque um ordenado. — A' commissão de orçamento municipal.

Outro de Filippe do Nascimento de Faria, pedindo que na lei respectiva, se marque quota para pagamento da quantia de 152$337 rs., que lhe deve a camara municipal de Olinda, proveniente de custas.— A' mesma commissão.

He lida e approvada a redacção do projecto n. 8, que divide o officio de escrivão de orphãos, com a seguinte emenda do Sr. Paes Barreto. — Ao artigo 2. acrescente-se — da cidade do Recife.

He tambem lido e approvado, o seguinte parecer:

« A commissão de instrucção publica precisa, para dar o seu parecer sobre o requerimento do professor publico de primeiras lettras da freguezia de S. José, Joaquim Antonio de Castro Nunes, em que pede se lhe conceda a gratificação que o regulamento de 12 de maio marca para os professores que tem mais de 12 annos de serviço, que pelos meios competentes seja ouvido o director geral da instrucção publica, sobre a pretenção do supplicante.

« Sala das commissões 3 de abril de 1854. — *Paes Barreto—Varejão.* »

O Sr. Francisco João (pela ordem) observa, que tem de mandar á mesa dous requerimentos, um dos quaes tem a natureza de indicação, sendo este, para que sejam chamados dous supplentes, um para supprir a falta do Sr. Dr. Estellita, que participou não poder comparecer, e outro para o lugar do Sr. Dr. Portella, que participou igualmente não poder continuar a assistir ás sessões, por ter sido reclamada a sua presença na secretaria do governo.

O outro requerimento tem por fim, pedir alguns esclarecimentos, e o honrado membro confia que a casa votará por elle, visto ter sido sempre este o seu procedimento em identicas circumstancias.

He lida e remettida á commissão de poderes, a seguinte indicação:

« Indico que em substituição dos senhores Estellitas e Portella, sejam chamados á tomar assento os immediatos na ordem dos supplentes. — S. R.—*Francisco João.* »

He lido e apoiado o seguinte requerimento.

« Requeiro, que com urgencia, se solicite da presidencia, pelos canaes competentes, toda a correspondencia official entre ella e o juizo municipal, e de orphãos da villa de Iguarassú, sobre os pontos seguintes:

« 1.º Sobre os conflictos de jurisdicção que se tem dado entre o dito juizo e o da cidade de Goianna.

« 2.º Sobre a importancia dos diversos cartorios, dos tabelliães do judicial e notas da mencionada villa.

« Sala das commissões 3 de abril de 1854.—*Francisco João.* »

Não havendo quem faça observações sobre o requerimento, he approvado.

O Sr. Aguiar manda á mesa o seguinte requerimento, que he approvado:

« Requeiro que sejam ouvidos o presidente da provincia e bispo diocesano, sobre a materia do projecto n. 15.—*Aguiar.* »

ORDEM DO DIA.

Segunda discussão do orçamento provincial.

Entra em discussão o titulo 1.º

O Sr. Augusto de Oliveira: — Sr. presidente, eu entendia que esta discussão devia ser adiada, até que fosse distribuido na casa pelo menos o relatorio do presidente da provincia, porque sem elle nos faltam documentos importantes, que tem de nos guiar na discussão.

O Sr. Paes Barreto: — Está impresso no *Diario de Pernambuco.*

O Sr. Augusto de Oliveira: — Mas não estando os relatorios parciaes a que elle se refere, não he possivel entrarmos nessa discussão com pleno conhecimento de causa.

Observo mesmo, Sr. presidente, que este projecto de orçamento não foi distribuido á todos os honrados membros, não veio em numero sufficiente...

O Sr. Sá Pereira: — Eu não tive.

O Sr. Meira: — Nem eu.

O Sr. Augusto de Oliveira: — Eu chamo a attenção da mesa sobre a maneira pouco regular porque a typographia satisfaz ás obrigações do seu contrato; observo, por exemplo, que o orçamento municipal foi dado para a impressão ha 8 dias, e até hoje não veio.

Por isso, vou mandar um requerimento de adiamento.

Vai á mesa e he apoiado o seguinte requerimento:

« Requeiro o adiamento do projecto de lei do orçamento, até que seja distribuido o relatorio da presidencia.—S. R.—*A. de Oliveira.* »

O Sr. Paes Barreto oppõe-se ao adiamento sob o fundamento de que, achando-se já impresso no jornal da casa, não só o relatorio da presidencia, como alguns dos relatorios parciaes, taes como os do director geral da instrucção publica e das obras publicas, etc., inconveniente nenhum ha, em que continue a discussão do orçamento, sendo por esta razão que vota contra o adiamento.

O Sr. Augusto de Oliveira: — Sr. presidente, eu concordo com o honrado Sr. primeiro secretario, em que devemos procurar todos os meios de adiantar os nossos trabalhos, mas observo que, sendo eu deputado já em duas legislaturas, parece-me que nunca vi principiar a segunda discussão da lei do orçamento, antes do dia 15 do segundo mez, entretanto que agora apenas estamos a tres do mez, e já entra em segunda discussão essa lei. A demora que eu peço, será talvez de 24 horas...

O Sr. Paes Barreto: — Então não vale a pena.

O Sr. Augusto de Oliveira: — O proprietario da typographia me disse, que já os relatorios foram enviados para a presidencia, e he muito natural que hoje ou amanhãa, tenhamos aqui essa peça muito importante, á qual devemos recorrer para poder entrar com pleno conhecimento nessa discussão.

He verdade, que tem sido publicados os relatorios parciaes, mas não vem acompanhados dos respectivos mappas e tabellas que são documentos essenciaes.

Parece-me, pois, que a casa obra em regra, e não poderá prejudicar ao andamento dos nossos trabalhos com a approvação do meu requerimento, que talvez não acarrete maior demora que a de 24 horas; tanto mais quanto, existem na ordem do dia, outras materias muito importantes.

Quanto á defeza que o illustre membro fez á typographia encarregada da publicação dos trabalhos, devo dizer que eu não fiz censura a ninguem; apenas chamei a attenção da casa para a maneira um pouco morosa porque a typographia executa os trabalhos, visto como, por exemplo, o orçamento municipal, que lá se acha ha 8 dias, ainda não foi apresentado á commissão em sua primeira prova para ser corrigida; entretanto, eu creio, que qualquer typographia que trabalha regularmente, póde em dous dias fazer um semelhante trabalho.

Portanto, Sr. presidente, eu não quiz fazer a menor censura á commissão de policia, apenas quiz chamar a sua attenção sobre este ponto.

O Sr. Francisco João pronuncia-se a favor do adiamento.

Encerrada a discussão, he o adiamento approvado.

Entra em terceira discussão o projecto n. 7, que autorisa o governo a mandar abrir uma picada que communique Santo Antão com Villa-Bella.

O Sr. Mello Rego declara já ter dado em outra occasião, as razões porque votava contra o projecto, e que agora votará ainda com mais veras, por causa da emenda; por quanto, se o projecto em si ja não era bom, peior ficou com essa emenda, que manda continuar a estrada da Victoria para Villa-Bella.

Diz que, para continuar a estrada da Victoria, não precisa o governo de autorisação da casa, pois que ja a tem; e que se o nobre deputado, a quem se refere, tinha por fim fixar a despeza que se deve fazer com essa estrada em 8:000$000 rs., affirma elle orador, que isso não chegava para nada, nem mesmo para um lanço.

Por estas razões, conclue que, ou a emenda tivesse por fim autorisar o governo ou não, ella era sempre escusada, porque de uma maneira ja o governo estava autorisado, e da outra nada se faria; e que por tanto vota contra o projecto, e principalmente contra a emenda.

O Sr. Souza Carvalho: — (Não restituio seu discurso.)

O Sr. Carneiro da Cunha começa dizendo, que o primeiro orador que impugnou a emenda, bem podia dispensar-se de ter tomado parte na discussão, por isso que rejeita *in limine* a ideia, isto he, não quer estrada nem picada, pela razão de não querer que a assembléa se intrometta em semelhantes negocios, e que apenas decreta os fundos, ficando o mais a arbitrio do governo, que fará as estradas por onde quizer e como quizer; mas que sendo a idéa principal delle orador chamar a attenção do governo tanto quanto fosse possivel para abrir-se uma estrada de Santo Antão a Villa Bella, não comprehendia por isso qual a repugnancia que tem o nobre deputado, a não querer que a assembléa não se occupasse do que pertence a engenharia, devendo estar disso desligada, e dormir sobre a fé dessa repartição, a qual fará o que quizer, como quizer, reservando apenas a mesma assembléa o direito de votar os fundos necessarios pora execução das obras por ella projectadas. Observa que a sua idéa não podia ferir de maneira alguma a repartição das obras publicas, pois que ainda uma vez só quiz chamar a attenção do governo para que se fizesse esta estrada, não podendo alguem dizer que o caminho que existe para Villa Bella he o melhor e o mais certo, nem havendo por conseguinte idéa de agradar aos sertanejos, mas sómente de satisfazer o que he necessario e de justiça.

Passando a tratar da emenda, diz haver esperado que o nobre deputado autor da emenda, tendo pedido a palavra para explica-la, dissesse alguma cousa, que o livrasse até do trabalho de fallar; porém que não sabe bem o que elle quiz dizer com as palavras — estrada em vez de picada — porquanto, se o nobre deputado queria com a palavra — estrada — que fosse um caminho mais curto da Victoria para Villa Bella, então não insistia elle orador, pois que se empregou a palavra — picada — foi convencido de que ella exprimia toda a sua idéa, isto he, que não sendo necessario no sertão fazerem-se estradas como se fazem por aqui, visto não serem precisos aterros, nem vallados, nem pontes, nem bombas, mas só procurar qual o caminho mais curto, desviar as difficuldades naturaes e facilitar o transito, era isso a mesma cousa que o nobre deputado queria, e portanto estavam de accordo.

Disse mais que, servindo-se da palavra — picada — usara ao mesmo tempo de um correctivo, adiccionando no projecto as palavras — *com a largura conveniente* —; e que se assim o fez, foi por não querer assombrar a casa, porquanto, se para uma picada achou-se tão pouco oito contos de réis, que até houve quem fizesse o calculo e visse que sahia a 15 rs. por legua, quanto mais não se faria, se elle orador houvesse usado do termo — estrada: neste caso parece-lhe que diriam ser isso gastar inutilmente os oito contos de réis.

Respondendo a quem disse que não se devia votar pelo projecto, porque depois gastar-se-hia muito dinheiro com a conservação desse caminho, pergunta o orador quem conserva os trilhos que conduzem daqui para o sertão, quem são os conservadores, e quaes os engenheiros que lá foram ver esse trabalho: e acrescenta que se algumas picadas em outras provincias se inutilisam, pode ser isso attribuido á topographia do paiz, ou a circumstancia de as abrirem por terrenos ferteis e frescos, onde o crescimento de novos matos facilmente as podem obstruir; mas assevera que tendo andado differentes caminhos, não encontrou esses perigos, só porque, uma vez cortados os matos, era quasi impossivel que fossem de novo obstruidos, salvo se fossem abandonados pelos viandantes.

Faz ver que a estrada de que trata o projecto, não ha de ser necessariamente falta d'agua, de poços etc., visto que essas cousas tanto podem existir com as picadas, como com as estradas, não tendo estas mais virtudes do que aquellas.

Entende não se poder suppor que elle orador quizesse uma picada como vulgarmente se diz na engenharia, isto he, uma vereda por onde passe o engenheiro com os seus instrumentos de observação, sendo por isso que acrescentara o correctivo—com a conveniente largura e direcção para dar caminho aos viandantes:— mas que emfim, se o outro nobre deputado achava que com a palavra—estrada—conseguia o mesmo fim, sem ser todavia estrada como as que aqui se fazem, nas quaes 10, 12, e 20 contos de reis em poucas braças, não fazia disso questão, antes assentava que, achando a casa inutil esse caminho, devia votar contra, mas que se achasse utilidade em encurtar mais essa distancia, então devia aceitar a idéa, não devendo prevalecer o argumento de que o quantitativo não chegava, porque o resultado seria fazer-se por ora, parte sómente da estrada, e nos outros annos votar-se mais alguma cousa, ou alias apresentar algum nobre deputado uma emenda, porque em vez de 8 contos sejam 16 ou 20.

Faz sentir que esse melhoramento he para um lugar onde ainda nada se fez, e que elle terá não só a vantagem de se poderem mais facilmente conduzir os productos para esta capital, pois que he para aqui que elles vem, como tambem de, na qualidade de medida politica, facilitar ao governo os meios de fazer conduzir com mais rapidez a sua correspondencia e mesmo para o transporte de tropas etc., não devendo pezar no animo da casa a consideração apresentada de falta d'agua, porque ninguem podia suppor á que o engenheiro fosse só procurar o ponto mais curto, a linha recta mathematica, ou que pegasse n'um instrumento e calculasse o caminho daqui a Villa Bella, como se medisse a distancia de uma estrella, sendo de presumir pelo contrario que procuraria o caminho mais curto pelo lado conveniente.

Repete, que ainda quando essa medida fosse infructifera por um lado, o não seria por outro, porque quando não se obtivesse uma estrada mais curta e commoda do que a outra, ter-se-hia pelo menos empregado um engenheiro em estudar a topographia do paiz nesses lugares que nos são inteiramente desconhecidos, o que trazia conhecimentos que não temos; e conclue dizendo, que até tinha vontade de apresentar uma emenda para substituir a palavra — estrada — por —picada—, mas tinha medo, por ver que a idéa não foi muito bem aceita.

O Sr. Francisco João sustenta a idéa principal do projecto, que he a abertura de uma nova via de communicação entre a cidade da Victoria e Villa-Bella; e querendo conciliar as idéas do autor do mesmo projecto, com as do autor da emenda que passou em segunda discussão, offerece como meio conciliatorio a seguinte emenda.

« Emenda substitutiva:

« Fica o governo autorisado a mandar abrir nova via de communicação entre a cidade da Victoria e Villa-Bella, guardada a direcção conveniente, ficando consignada a quantia sufficiente.—S. R.— *Francisco João Carneiro da Cunha.* »

Apoiada, entra em discussão.

O Sr. Souza Carvalho: — (Não devolveu seu discurso.

O Sr. Lacerda: —Sr. presidente, eu noto da parte dos nobres deputados autores do projecto, e da emenda, como que uma contradicção comsigo mesmo; noto que, o autor da emenda, que acaba de nos dizer que, tanto interesse toma pelo sertão, como qualquer outro de nós, que deseja que a estrada siga até lá, pela sua emenda apenas quer que o governo dispenda com essa estrada 8 contos de reis quantia esta que só pode chegar para um pequeno lanço; e tanto isto he assim, quanto de mais a mais nós sabemos que, perto da Victoria, ha um lugar muito difficil para se fazer a estrada, que he á serra da Russa, e 8 contos, quando se trata de atravessar a serra da Russa, não chega para nada....

Um Sr. Deputado: — O caminho não passa por ahi.

O Sr. Lacerda: —O Sr. Catanho disse que passava; mas se não passa por ahi, ainda assim passa por lugares difficeis de abrir, e para o que 8 contos de reis não são cousa alguma: deixe-se pois a autorisação ao presidente, porque lei, que determine que as estradas vão até certos pontos, não existe. Noto tambem contradicção da parte do nobre deputado autor do projecto, porquanto, tendo elle assignado este projecto, e convindo na substituição da palavra *picada* por *estrada*; isto he, dizendo que não questiona a respeito de palavras, que lhe he indifferente que se use da palavra *estrada*; ao mesmo tempo assignou o projecto de orçamento, que no artigo 12 consigna a idéa, de que a estrada da Victoria não deverá passar da cidade; ora nisto me parece estar o nobre deputado em opposição comsigo mesmo, quer e não quer ao mesmo tempo, porque no seu projecto, quer uma estrada que communique a Victoria com Villa Bella, no artigo 12 do orçamento determina, que a estrada da Victoria não passe da cidade. Sendo isto assim, eu tenho a honra de apresentar á casa um requerimento de adiamento, até que entre em discussão o artigo 12 do orçamento, porque ahi será occasião de combinar-se esta clusula do orçamento com o projecto, que ora se discute. Mas como o meu adiamento pode não passar, eu quero sempre explicar o meu voto, isto he, a maneira como hei de votar neste projecto. Eu entendo que não devo votar pelo projecto, que está em discussão, porque nós temos, por, ora mais necessidade de outras estradas, do que de uma picada para Villa Bella, e em segundo lugar, porque com 8 contos de reis não se faz nada, nem estrada, nem picada, nem mesmo estudos graphicos...

Um Sr. Deputado: — Ha outra emenda.

O Sr. Lacerda: — Essa emenda não muda nada...

Um Sr. Deputado: — Diz, que se dispenda a quantia sufficiente, com a obra que se quer fazer.

O Sr. Lacerda: — Se diz, que se dispenda, a quantia sufficiente, então ainda pecca, porque entendo, como ja disse, que, nós temos mais necessidade de outras estradas, do que desta; deixemos pois ao presidente a attribuição, que elle tem de continuar a fazer as estradas, por onde elle julgar conveniente, mesmo me parece que, a designação da quota, que elle tem de gastar, he prejudicial a essa mesma estrada, porque pode o governo entendendo que ella he de conveniencia, mandar abri-la, dispondo para essa abertura, 20, 30, ou 40 contos, mas passando a quota de 8 contos, elle não poderá dispender mais do que essa somma; isto he em prejuizo mesmo das idéas dos nobres deputados; voto pois contra o projecto e emenda, e mando este requerimento de adiamento.

Requeiro que este projecto seja adiado, até que entre em discussão o artigo 12 do orçamento provincial. —*Barros de Lacerda.*

Apoiado, entra em discussão.

O Sr. Carneiro da Cunha diz que não ha de sua parte a contradicção que o nobre deputado que o precedeu lhe notou, em ter elle assignado o projecto em discussão e o do orçamento, em que está consignada a idéa contida no artigo 12, porque a idéa deste artigo, não importa o dizer-se que não se faça uma estrada, caminho, ou o quer que seja da Victoria para Villa Bella. Explicou a maneira porque procedeu quando se propoz a apresentar este projecto, e admira-se de que tamanha opposição lhe seja hoje feita, quando na occasião em que consultou os seus collegas a respeito da idéa delle, apenas dous ou tres, o não approvassem. Diz que a doutrina do artigo 12 do orçamento, nada tem com a abertura do caminho para Villa Bella, porque este caminho em nada se parece com os que até á Victoria estão feitos, ou a concluir-se, porque até ahi vai uma estrada regular, e não he isso o que elle orador pretende para o sertão. Da á razão porque se servio da palavra *picada*, e não da de *estrada*, e concluindo affirma que, ainda dada a contradicção que se lhe notou, o que não concede, lhe parece que não será isso motivo para a casa regeitar uma idéa, que entender justa, declarando que adopta a emenda do Sr. Francisco João.

Julgada a materia discutida, he o projecto submettido á votação; e regeitado o adiamento proposto pelo Sr. Barros de Lacerda, approva-se a emenda substitutiva do Sr. Francisco João, que fica reservada, na forma do regimento, para ulterior discussão.

O Sr. Aguiar requer urgencia para se discutir o parecer da commissão de constituição e poderes, ácerca da dispensa pedida pelo Sr. Portella.

A casa annue a este pedido.

Entra em discussão, e he approvado o seguinte parecer:

« A commissão de constituição e poderes, tendo tomado em consideração o officio do secretario da presidencia de 31 de março, em que, de ordem da mesma presidencia, solicita desta assembléa dispensa de comparecimento para o deputado provincial o Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella, visto ter este de exercer o lugar de secretario interino, no impedimento do effectivo, entende que se deve conceder a dispensa pedida por utilidade e vantagem do serviço publico, porquanto, embora este caso se não ache explicitamente prevenido pelo acto addicional, comtudo a sua solução pode ser dada por esta assembléa, depois de apreciar os motivos de conveniencia publica que se verificam nas outras circumstancias.

« Sala das commissões 3 de abril de 1854.—*Aguiar.* —*Figueira de Mello.*

Passa-se á 2.ª discussão do projecto n. 13, que concede loterias a diversas irmandades.

Entra em discussão o artigo 1.

Vão á mesa, e são successivamente apoiadas, para entrar em discussão, as seguintes emendas:

« Fica igualmente concedida uma loteria á irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martyrios da cidade de Goianna, para a reedificação de respectivo templo.—*Brandão.* »

« Ficam concedidas 2 loterias da mesma quantia, para edificação da nova matriz de S. José desta cidade. S. R.—*A. de Oliveira* »

« Ficam igualmente concedidas 4 loterias, em favor dos recolhimentos de Goianna e Iguarassú, sendo duas para cada um. S. R.—*Paes Barreto.—Mello Rego.* »

Encerrada a discussão, he o artigo posto á votação, e approvado com as emendas offerecidas.

Entra em discussão o artigo 2.

O Sr. Brandão:—Sr. presidente, tendo eu offerecido a casa um projecto de lei, que autorisa o governo a regularisar as loterias, e tratando o que se acha em discussão, de materia quasi identica, offereço aquelle meu em substituição ao artigo que se discute.

Vai á mesa, e he apoiada a seguinte emenda substitutiva:

« Art. Unico. O presidente da provincia fica autorisado a regularisar as loterias concedidas por lei provincial, expedindo para esse fim os regulamentos precisos. »

O Sr. Aguiar faz algumas reflexões sobre a materia em discussão.

O Sr. Brandão: — Sr. presidente, aceito as observações feitas pelo nobre deputado que acaba de sentar-se: o meu fim, quando apresentei o projecto que offereci como artigo substitutivo, foi autorisar o governo a expedir regulamentos, que na parte que fos-

MUTILADO

se possivel, se tornassem geraes a todas as loterias, comprehendendo disposições, que os posesem em armonia. Quanto porém ao plano, reconheço, que com effeito elle anda intimamente ligado com a natureza da loteria concedida, e não pode ser objecto de regulamentos; portanto aceitando as observações do nobre deputado offereço o meu projecto como artigo additivo, e não como substitutivo.

O Sr. Presidente: — Se o artigo he additivo, e não substitutivo, fica reservado para o fim da discussão do projecto, devendo esta continuar.

Encerrada a discussão do artigo 2.º, he este approvado.

Entra em discussão, e he approvado o artigo 3.º

Em seguida, passa-se a discussão do artigo additivo do Sr. Brandão.

O Sr. Oliveira: — Sr. presidente, eu não quero, por ora, combater o artigo additivo, tanto mais quanto ainda o seu nobre autor não expendeu as razões em que se fundou para o apresentar; vou pois apenas provocar a discussão. Dispõe elle, que fique autorisado o presidente a regularisar as loterias; acho que isto he um pouco vago; nós temos o regulamento de 27 de abril de 1844, o qual estábelece regras á semelhante respeito, creando thesoureiro e mais empregados, e dando outras muitas providencias, portanto, parece-me desnecessario que se lhe façam alterações. Ora, se passar o artigo, fica o presidente necessariamente autorisado a dar um regulamento novo, pode nelle crear um so thesoureiro; e, se isto fizer, entendo que, se por um lado he conveniente, por outro he desconveniente, mormente para os concessionarios das loterias, que pela maior parte são pobres.

As irmandades, á quem tem sido concedidas algumas loterias, quasi sempre propõem para thesoureiro, algum de seus irmãos, que se sujeita á fazer esse serviço gratuitamente, ou mediante uma porcentagem modica; mas, se for creado um thesoureiro privativo, esse thesoureiro não ha de dispensar a porcentagem, que lhe fôr marcada..

Um Sr. Deputado: — O governo ha de marcar uma porcentagem modica.

O Sr. Oliveira: — Mesmo assim os concessionarios hão de soffrer, por isso que alguns thesoureiros dispensam essa porcentagem, e o que for nomeado, não ha de dispensa-la; ha de querer perceber o producto de seu trabalho. Por outro lado, eu vejo tambem, que não he das melhores cousas, accumular grandes sommas nas mãos de um só homem; aqui mesmo na provincia, quando um cidadão occupava o cargo de thesoureiro de quasi todas as loterias, teve de soffrer graves imputações; e, com quanto elle se justificasse, e a sua justificação fosse recebida pelo presidente das loterias, nem por isso deixaram muitas pessoas de pôr em duvida a sua probidade.

Um Sr. Deputado: — Isso que vem ao caso? Então o governo ha de nomear máos thesoureiros?

O Sr. Oliveira: — Por que, as vezes no dia marcado para o andamento das rodas apresentava elle os bilhetes, que se não tinham vendido, na importancia de quantia, com que o concessionario não podia carregar, e designava novo dia: pelo que algum propalava, que os bilhetes apresentados não estavam realmente por vender.

Um Sr. Deputado: — Tem medo, que o governo abuse?

O Sr. Oliveira: — Não tenho medo; mas quero prevenir abusos, e que senão dê lugar á suspeitas.

Um Sr. Deputado: — O regulamento ha de vir a esta casa, para ella o approvar, e então será occasião de emendar-se o que não fôr bom.

O Sr. Oliveira: — Não, senhor, o artigo não contem a clausula do presidente não pôr execução o regulamento, que houver de organisar, antes da approvação da assembléa, e sempre que a assembléa autorisa o governo a dar regulamentos, estes são postos em execução, antes da approvação desta casa; por consequencia está claro, que dando o governo um novo regulamente ha de po-lo em execução.

Além disto, não me consta, que as loterias tenham deixado de correr por falta de um thesoureiro privativo.

Um Sr. Deputado: — Mas o projecto não falla nisso, está phantasiando essa idéa.

O Sr. Oliveira: — Então para que fim a autorisação ao governo de regularisar as loterias? Para nomear presidente? não; porque o regulamento geral lhe confere essa faculdade, para dar nova forma ao processo do andamento das rodas? tambem não, porque isto está providenciado; logo he provavel seja para dispôr, que haja um só thesoureiro para todas as loterias.

Um Sr. Deputado: — E mais alguma cousa, não he só isso.

O Sr. Oliveira: — Entretanto, como ignore os motivos, que levaram o nobre deputado a formular este artigo, e não estando, como ja disse, disposto a votar contra elle, faço apenas estas considerações para, depois de orientado, poder formar o meu juizo acerca da materia. Não se persuada o nobre deputado, que eu pedi a palavra para combater o seu artigo; não, Senhor, quero ouvi-lo, para em vista das suas razões, que necessariamente hão de ser valiosas; poder dar um voto consciencioso.

O Sr. Brandão: — Sr. presidente, o pensamento que me dirigio, quando apresentei o projecto, que serve hoje de artigo additivo, foi o de melhorar o estado a que tem chegado as loterias da nossa provincia. He um facto notorio, e conhecido por todos, que as loterias concedidas, por exemplo, este anno, ordinariamente não correm se não depois de 2 e 3 annos, e creio que algumas ha, que tendo sido concedidas ha 6 e 8 annos, até o presente não correram.

Um Sr. Deputado: — Mas isso não he por falta do regulamento.

O Sr. Brandão: — Ora, isto deve ter uma causa certamente, e alguns attribuem esse decadencia e desapreciação das nossas loterias, á introducção e concurrencia dos bilhetes das loterias da côrte, mas creio que [illegible] he esta a unica causa.

Um Sr. Deputado: — He a verdadeira.

O Sr. Brandão: — Póde influir, mas não he a unica causa...

Um Sr. Deputado: — Hoje, he.

O Sr. Brandão: — Se nós tivessemos regulamentos provinciaes, contendo providencias já formuladas a respeito das loterias da provincia, estou persuadido que se teria prevenido essa falta de extracção que se nota a respeito dos bilhetes das mesmas loterias; para ver pois se isto se consegue, lembrei-me de apresentar esse projecto, afim de que o presidente, estudando a situação, indagando e procurando saber as verdadeiras causas, porque as nossas loterias não correm, formule regulamentos adequados, afim de que ellas possam correr. Não determinei no projecto a natureza das providencias, não disse que fosse nomeado um só thesoureiro, como o nobre deputado suppoz, porque entendi ser conveniente deixar isto ao arbitrio da presidencia, attento o conhecimento pratico que deve ter das necessidades deste ramo do serviço publico. Entretanto allega o nobre deputado, que existe o regulamento geral de 27 de abril de 1844, e que esse regulamento preenche bem a todas aquellas necessidades; mas eu lhe direi que tanto elle não está nas condições de dever continuar a reger as loterias provinciaes, que se me não engano, no Rio de Janeiro, a assembléa provincial autorisou o presidente a expedir regulamentos para as loterias por ella concedidas; o que me fez convencer, que o citado regulamento não he tão perfeito como o nobre deputado imagina; além de que basta o que se passa em nossa provincia, para reconhecer-se a sua imperfeição.

Ora, se isto he exacto, como he que nós havemos de continuar a observar as disposições desse regulamento, em prejuizo da extracção e credito das nossas loterias, estando na esphera de nossas attribuições o podermos applicar o conveniente remedio, assim como fez a assembléa do Rio de Janeiro?

Um Sr. Deputado: — E quem sabe os motivos, porque a assembléa do Rio de Janeiro assim procedeu?

O Sr. Brandão: — O que he verdade, he que ella autorisou o governo a dar novo regulamento; logo, he porque entendeu que aquelle não era sufficiente...

Um Sr. Deputado: — Nenhuma das outras provincias do imperio a acompanhou.

O Sr. Brandão: — Nós não sabemos se isto se tem feito nas outras provincias, mas quando ellas não adoptassem o mesmo expediente, isto nao nos inhibiria de remover as causas que obstam a que as nossas loterias corram...

Um Sr. Deputado: — A razão he outra.

O Sr. Brandão: — Conviria que o nobre deputado me provasse que a razão unica, era a concurrencia dos bilhetes das loteriae da côrte, mas creio que isto lhe será muito difficil de provar,..

Um Sr. Deputado: — E eu creio, que he bem facil.

O Sr. Brandão: — Me parece que a não haverem outras causas, que não a que o nobre deputado aponta, não seria possivel que a nossa população deixasse de comprar bilhetes das loterias da provincia, para comprar das de fora, se as nossas corressem regularmente, senão fossem annunciadas para um dia, e viessem a correr dahi a 2 e 3 annos, certamente a extracção seria immediata, não havia de haver repugnancia na compra dos bilhetes; he isto pois o que desejo, que o presidente procure estudar e providenciar no regulamento que fizer.

Não entro, como disse na questão de se dever, ou não estabelecer um só thesoureiro para todas as loterias, porque entendo, que ella deve ser resolvida pelo presidente da provincia, mas o que he certo he que as immensas loterias, que existem no Rio de Janeiro tem um só thesoureiro, e no entanto a extracção he rapida, e não se tem dado esses inconvenientes, que o nobre deputado indica. A experiencia tem mostrado que a necessidade de acção a concentração de deveres em uma só pessoa, produz muito bons resultados em materias d'esta ordem, por conseguinte não será fora de proposito consultar aquelle meio.

Tendo pois, senão pulverisado todos, ao menos destruido os principaes argumentos do nobre deputado, e mostrado as vantagens que podem resultar a provincia do artigo additivo que offereci, continuo a insistir pela sua adopção, esperando que a camara o considerará como de publica utilidade.

Tendo dado a hora.

O Sr. Presidente designa a ordem do dia e levanta a sessão.

COMARCA DE SANTO ANTA'O.

Victoria 4 de abril de 1854.

Foi o seu estimado jornal de segunda feira (27 de março) recebido com muito interesse, como he costume, e especialmente pelas noticias, que dá desta comarca. Com grande prazer foi acolhida a minha humilde oppinião sobre a mudança da feira, pelo que collegi, que he muito desejada por todos, excepto pelos amigos vereadores, em razão das suas casas de negocios no pateo, onde he hoje a feira, por isso he que elles se tem pronunciado contra a minha lembrança, e estão bastante receiosos, que se effectue a tal mudança. Somente o interesse particular desses homens he que se oppõe á tão justa medida.

Ja noticiei-lhe o bom principio da nossa quaresma, e felizmente foi bem continuada, porque todas as domingas á tarde tinhamos uma explicação do cathecismo de doutrina christãa, o que approveitei muito por não perder uma só vez. Ja preparava-me para assistir á uma meia semana santa, feita pela irmandade do SS. Sacramento, (ajudada pelas esmolas dos mais fieis, para cujo fim vi algumas cartas impressas,) quando ao depois soube, que tudo ficava em — nada vez nada. Infelizmente o thesoureiro, vexado de suas macacõas, não tem podido encarregar-se de cousa alguma, e querendo dar esta incumbencia á um dos procuradores, logo por desgraça foi esse pobre moço preso, e he o tal da brincadeira de trumpho, de que lhe fallei na minha ultima: como pois até o presente nenhum outro irmão queira encarregar-se da meia semana santa, julgo com muita probabilidade que ficarão os fieis sem este lenitivo esperitual. Tenho dó dos que hão de vir de longe pelo costume, para assistirem á semana santa, achando-se desta vez em branco. O pregador, que já estava citado para commover o seu auditorio, talvez tenha tido a esta hora mandado de despejo da sua eloquencia sagrada. Assim tivemos muito bons principios, e não acabamos como desejavamos. Se não me fosse tão incommodo, iria passar a semana santa nessa praça, favorecendo desta maneira aos amigos de cá com a minha ausencia.

A secca continua, e algumas vezes temos mais agua no rio, quando o Mocotó se compadesse da Victoria: em que estado estamos, senhora camara!

As febres vão tomando um caracter mais assustador, porque vai crescendo o numero dos doentes, e dos mortos desta peste.

Os generos alimenticios não abaixam de preço medio. Foi preso no engenho Queimadas um filante de cavallo alheio, e remettido pelo mesmo senhor de engenho; foi preso mais um individuo, como suspeito em crime de morte.

Antes de finalisar esta quero contar-lhe uma historia, de que me não pediram segredo. Va lá em tom de balata, ou de que quizer.

Em certo tempo existia aqui um preto, excellente escravo, que tinha sido de uma boa mulher, a qual achando-se no seu leito de dores prestes a dar contas ao seu Creador, entregou o dito escravo a um homem, um homem que devia ter consciencia, que devia ser o protector do fraco, o pai dos pobres, o arrimo dos desvallidos, e o consolador dos tristes. E a mulher morreu. E o pobre preto, quando foi entregue a esse homem, era forro metade, e aquelle que o devia proteger d'alli em diante recebeu-o com a condição, de que apenas fosse embolsado de duzentos mil rs., (que era certa divida) lhe passasse a carta de alforria. E o preto deu algum dinheiro. Deos tambem chamou a si esse homem: elle tinha herdeiros, que cegos por furiosa ambição, sabendo perfeitamente d'onde tinha o seu finado parente adquerido o dito escravo, e com que condições, todavia o pozeram em praça, e foi arrematado todo, e da mão de seu novo senhor o pobre preto desappareceu: o homem que o arrematou sem dólo, e sem culpa da má fé de homens sem consciencia, soffreu este prejuizo.

O que terá acontecido a esse desgraçado preto? Dizem que desgostoso e allucinado, suicidou-se. Sobre quem deve pezar esta terrivel historia? Deos que vele sobre tudo, e a quem nada he occulto o descobrirá; descansemos pois na sua providencia.

Alguem não achará boa esta historia, tem razão, porque *non omnia omnibus congruunt*.

Apenas tinha acabado de escrever-lhe esta, quando aqui teve lugar um attentado, que ia produzindo bem funestas consequencias, praticado por João Baptista Athayde de Siqueira, acompanhado por 2 irmãos, e dous guarda-costas, na pessoa do capitão de guarda nacional Manoel de Amorim. Por certas desavenças, em que o Amorim talvez fosse o mais aggravado, estes tresloucados moços o attacaram, e depois de soffrer injurias atrozes, seria o capitão certamente sua victima, á não se acharem alli algumas pessoas, que á custo os poderam conter, vendo-os lançar mão das armas, de que estavam munidos; e como queriam á todo custo estes valentões, bem differentes dos outros homens, fazer suas boas despedidas (porque estavam de viagem) d'alli sahiram, e foram desabafar a sua raiva e o seu furor nas costas de um pobre homem por nome Guilherme, que, segundo me disseram, ficou em bem mão estado, porque até calcaram-no aos pés, e tudo isso quasi por cousa nenhuma.

He de notar que estes moços são de Pajeú, e foram bem acolhidos pelos Victorienses, e eis a paga do bom agazalho que lhes fizeram.

O tal Baptista he o autor naquelle celebre processo do jogo, e o Amorim he irmão do moço, que está sendo processado; talvez proceda dahi a intriga.

Como se poderá previnir um facto destes, principalmente aqui, onde não ha um destacamento sufficiente, de que se possa dispor em semelhantes casos? todavia, consta-me que o delegado apenas soube do occorrido, deu, como pode, as providencias necessarias. Pouco depois sahio o pequeno destacamento de policia, acompanhado por algumas pessoas, que voluntariamente se offereceram, á cata daquelles Roldões: fico pois á espera do resultado desta diligencia para dizer-lhe mais alguma cousa.

Ate breve. *O Victoriense.*

(Carta particular.)

COMARCA DA BOA VISTA.

10 de março de 1854.

O punhal assassino já não fere o coração humano, como era comesinho e um objecto de luxo nesta comarca; felizmente a força volante o tem reprimido a tal ponto, que não se sabe a pousada certa de um só criminoso. O promotor prometteu a S. Exc. uma lista nominal de cento e trinta e tantos criminosos desta comarca, porem que todos elles estão foragidos pelas provincias vizinhas; o mesmo promotor tem remettido os nomes delles, e requisitado a prisão ás respectivas autoridades.

No dia 16 do proximo passado entrou, no exercicio do commando da força, o capitão Penteado; e agora foi nomeado delegado do termo de Boa Vista. A meu ver, foi muito acertada esta nomeação; porem achava, que devia ser augmentada a força, pois 45 praças para vigiar a cadêia e percorrer a comarca, he uma força muito diminuta; seria prudente, que S. Exc. nos mandasse parte da força que esta em Pajeú, a qual esta feita uma praça de armas, somente para prender a José Antonio, que hoje fazem 5 dias, que elle passou na villa da Barra do Jardim, com 2 homens, procurando a protecção dos republicanos.

Appareceu na casa do fazendeiro Euzebio da Varzea, distante da villa de Ouricury 10 leguas, uma febre com dor de cabeça que tem estragado aquella familia; já morreram 8 pessoas da mesma, e ficam a morte o dito Euzebio, com o amigo portuguez, Luiz José da Costa, e supposmos ser da febre amarella, por causa dos vomitos.

Os gatunos neste mez, teem furtado alguns cavallos por estes arrabaldes, porem a policia está empregando os meios de cura-los desta molestia.

Estamos entregues aos braços de uma terrivel secca; o povo já está com o rosto franzido de olhar para o ceu, para ver quando se apresenta algum relampago celeste. Os viveres continuam em alto preço: a farinha, a 28 patacas a quarta, o sal, á quarenta e 50 patacas a quarta! Temos tido abundancia de imbús e melancias; porem apenas findar este divertimento, não sei o que será da pobreza, porque as plantações já morreram todas, e não [illegible] somente para outra.

(Idem.)

RELAÇÃO DOS BAPTISADOS DA FREGUEZIA DE SANTO ANTONIO DO RECIFE DO MEZ DE MARÇO DO CORRENTE ANNO DE 1854.

Dias 2. Maria, branca, com 3 mezes de idade.

Idem. Antonio, branco, nascido a 10 de novembro do anno proximo passado.

5. Manoel, branco, Santos Oleos, com 3 mezes de idade.

7. Satyro, pardo, com 1 mez de idade, escravo de Antonio José Guerra.

9. Maria, branca, nascida a 28 de fevereiro do corrente anno.

11. Maria, parda, nascida no 1º de janeiro do corrente anno.

12. Domingos, pardo, nascido a 24 de junho do anno proximo passado.

Idem. Juventino, pardo, nascido a 25 de janeiro do corrente anno, escravo de Manoel Florencio Alves de Moraes.

Idem. Libania, branca, nascida a 20 de dezembro do anno proximo passado.

17. Martinha, parda, com 2 mezes de idade, escrava do Exm. presidente desta provincia.

18. Ermenia, branca, nascida a 25 de outubro de 1852.

Idem. João, branco, nascido a 26 de dezembro do anno proximo passado.

19. Custodia, parda, Santos Oleos, nascida a 6 de fevereiro do corrente anno, escrava de Joaquim da Silva Castro.

Idem. Abilio, branco, nascido a 22 de fevereiro do corrente anno.

Idem. Laura, branca, nascida a 6 do corrente mez.

23. Virgilio, branco, Santos Oleos, com 1 anno de idade.

24. Hilario, pardo, nascido a 22 de outubro de 1852, escravo de D. Maria Michaela de Moraes Reis.

25. Maria, branca, nascida a 13 de julho do anno proximo passado.

26. Joaquim, branco, nascido a 31 de julho do anno proximo passado.

30. Candida, branca, Santos Oleos, nascida a 11 de março do anno proximo passado.

Ao todo 20.

O vigario, *Venancio Henriques de Resende.*

REPARTIÇAO' DA POLICIA.

Parte do dia 5 de abril de 1854.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que das partes hoje recebidas nesta repartição, consta terem sido presos: á ordem do subdelegado da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, o portuguez João Ferreira de Souza Vasconcellos, para averiguações policiaes; á ordem do subdelegado da freguezia de S. José, Antonio José de Lima, por ser desertor do decimo batalhão de infantaria; a ordem do subdelegado da freguezia de Jaboatão, o preto Joaquim por suspeito de ser escravo.

Deos guarde a V. Ex. Secretaria da policia de Pernambuco 5 de abril de 1854. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo presidente da provincia.—*Luiz Carlos de Paiva Teixeira*, chefe de policia da provincia.

Illm. Sr.—Sirva-se V. S. de dar as suas ordens, para que as 3 horas da tarde do dia 7 do corrente, duas patrulhas do corpo de seu commando compostas cada uma de 8 praças, commandadas por um inferior, se postem, uma a entrada da ponte do Recife junto ao arco de Santo Antonio, e outra do lado opposto junto ao da Conceição, afim de vedar absolutamente, que na occasião de transitar pela referida ponte a procissão de Triumpho, se misturem com estas individuos, que lhe não pertençam, não consentindo que alguem se colloque nos lados da ponte, como que á espera da passagem da dita procissão, e menos que transitem carros e quaesquer outros vehiculos, que possam atropellar o povo e embaraçar o trajecto da procissão, não sem grande offensa do respeito devido á religião e á moral.

Deos guarde a V. S. Secretaria da policia de Pernambuco 5 de abril de 1854.—Illm. Sr. tenente coronel Pedro José Carneiro Monteiro, commandante do corpo de policia.—*Luiz Carlos de Paiva Teixeira*, chefe de policia da provincia.

Illm. Sr.—Communico á V. S. para seu conhecimento e para o fazer constar aos subdelegados das freguezias do Recife e Santo Antonio, que tenho nesta data, tomado as precisas providencias, para que as 3 horas da tarde do dia 7 do corrente, sejam collocadas nas extremidades da ponte do Recife, duas patrulhas de 8 praças e um inferior do corpo de policia, com o fim de vedar absolutamente, que na occasião de transitar pela referida ponte a procissão de Triumpho, se misturem com esta individuos, que lhe não pertençam, não consentindo que se colloque nos lados da mesma ponte, como que a espera da passagem da procissão, e menos que transitem carros e quaesquer outros vehiculos, que possam atropellar o povo, e embaraçar o trajecto da procissão, não sem grande offensa do respeito devido á religião e á moral.

Por esta occasião recommendo a V. S. que dê as convenientes providencias, para que na mencionada tarde, bem como em outras quaesquer em que hajam procissões, os subdelegados e mais agentes da policia, tenham á maior vigilancia em fazer conter os boleiros no modo porque dirigem os carros que transitam pelas ruas da cidade, em ordem á prevenir algum desastre, fazendo prender e punir, como desobedientes aquelles dos mesmos boleiros, que não obstante serem advertidos, se portarem com insolencia.

Deos guarde a V. S. Secretaria da policia de Pernambuco 5 de abril de 1854.—Illm. Sr. Dr. delegado supplente do primeiro districto deste termo.—*Luiz Carlos de Paiva Teixeira*, chefe de policia da provincia.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

A assembléa continuou hontem na discussão do artigo additivo do Sr. Brandão, ao projecto n. 13 que concede loterias a diversas irmandades, approvando-o afinal.

Tambem approvou, em segunda discussão, a emenda feita em terceira, ao projecto que manda abrir uma communicação entre a cidade da Victoria e Villa Bella.

Passando a discussão do orçamento provincial, approva sem discussão os quatro primeiros artigos, e encetando a do artigo 5.º, ficou esta adiada pela hora.

A ordem do dia de hoje he a mesma da sessão antecedente.

Hontem á tarde chegou do sul o vapor *Lusitania*, trazendo-nos jornaes do Rio até 30 do passado, e da Bahia até 3 do corrente.

A hora adiantada em que os recebemos, nos não permittio dar neste numero, com a ordinaria minuciosidade, todas as noticias que elles encerram.

O governo acabava de publicar o regulamento para a praticagem das barras e porto desta cidade, assim como da costa, desde as Candêas até Páo-Amarello, conforme o disposto nos artigos 91 e 92 do regulamento das capitanias dos portos.

Foram nomeados: o veador João Pereira Darrigue Faro, escrivão do hospicio de *Pedro II*, barão do Rio Bonito; o veador Francisco José da Rocha, thesoureiro do mesmo, barão de Itamaraty; o Sr. Ananias de Oliveira e Souza, barão de S. João do Principe; e o Sr. Antonio Clemente Pinto, barão de Nova-Friburgo.

Foram tambem nomeados commendadores da ordem da Rosa os Srs. Dr. Thomaz José Pinto de Cerqueira, escrivão da Santa Casa da Misericordia, e José Antonio de Oliveira e Souza, procurador do hospicio de *Pedro II*.

O Sr. desembargador José Igracio Vaz Vieira foi despachado présidente do tribunal do commercio da côrte, e o Sr. desembargador João Paulo de Miranda, deputado da junta do commercio da provincia do Maranhão.

O brigadeiro graduado, commandante do primeiro regimento de artilharia a cavallo, Francisco Antonio da Silva Bittancourt, foi nomeado director do arsenal de guerra da cidade de Porto-Alegre; e o coronel graduado de estado-maior Ignacio Correia de Vasconcellos, que exercia aquelle emprego, commandante das armas do Amazonas.

No dia 25 do passado começou na côrte a illuminação a gaz, nas ruas de S. Pedro, Sabão, Rosario, Ouvidor, Direita e Largo do Paço.

Alguns despachos foram expedidos pelo ministerio da justiça, os quaes daremos em outro numero.

As ultimas datas de Montevidéo alcançam a 12 do passado. Achavam-se constituidas as camaras nessa republica, e eleito seu presidente o coronel Flores, para governa-la somente durante o tempo que faltava á presidencia do Sr. Giró, isto he, dous annos. De Buenos-Ayres nada ha de interesse.

As gazetas da Bahia nada nos fornecem digno de menção.

COMMUNICADO.

HOMEOPATHIA.

Uma das causas que mais tem preoccupado os medicos, e em geral a todas as pessoas que pensam nesse objecto, e a que com mais afinco tem-se attribuido as repetições da febre amarella, he sem duvida a falta de asseio das nossas principaes cidades. Seria na verdade ignorancia completa dos principios mais comesinhos da hygiene o deixar de ter em muita consideração tão importante assumpto. He certamente de lamentar que ainda vejamos no meio das ruas estes montões de immundicias, estas lagoas encharcadas e putridas, estes innumeros esterquilineos, que são outros tantos fócos de miasmas, que infeccionam a atmosphera, e viciam o ar que respiramos, sendo causa de grande numero de enfermidades, como de entretenimento d'outras muitas: he lamentavel que nas grandes cidades onde reinam tantas causas de enfermidades que he impossivel destruir, porque são inherentes ao seu estado particular, existam outras que a constancia e o zelo do homem poderiam aniquilar com mais ou menos facilidade, e evitar assim o perigo imminente a que estão sujeitos aquelles que são obrigados a respirar o ar, por assim dizer, já muitas vezes respirado por outros, e por conseguinte corrupto. Mas por maior que seja a consideração que se queira dar á semelhante causa, por mais evidente que seja o contingente que possa prestar a falta de asseio para a germinação de muitas molestias, por mais nocivos que possam ser á salubridade publica, esses diversos fócos que continuamente exhalam grande quantidade de miasmas, que corrompem o ar, não podemos considerar esta causa de fórma alguma como a unica efficiente da febre amarella: 1.º, porque nunca esta cidade e outras do Brasil tiveram mais limpeza e asseio do que actualmente; se olharmas para esta cidade do Recife, e nos lembrarmos do que ella era ha oito annos passados, veremos com summo prazer que muito e muito temos melhorado, e que com quanto estejamos longe do que he para desejar, temos todavia conseguido não pouco, e estamos mais perto do ponto que miramos: 2.º como consequencia do primeiro; se a epidemia fosse dependente exclusivamente do desasseio da cidade, ella deveria ter desapparecido, ou quando voltasse, seus symptomas deveriam ser menos graves, e he o que não ha acontecido; porque, se ella ataca menor numero de pessoas, he porque aquelles que uma vez soffreram rara vez estão sujeitos a serem de novo atacados, e observa-se que os estrangeiros ou matutos que não estão acostumados com os ares da cidade, e que tem a infelicidade de ser assaltados da febre, correm senão os mesmos perigos, ainda maiores que os que foram atacados da primeira vez que se desenvolveu a epidemia: 3.º, se fosse ainda a falta de asseio, não deveria a molestia desenvolver-se em certas villas e povoações pouco populosas, onde não ha circumstancias atmosphericas desfavoraveis de qualidade alguma, onde se goza de ar puro, sempre renovado por uma ventilação, por assim dizer, filtrada pelas mais viçosas flores que o purificam constantemente:

4.º Porque deveria a febre desenvolver-se com mais intensidade nos bairros mais insalubres das cidades, onde as casas fossem em maior numero e mais amontoadas, e o ar não podesse circular com facilidade, não sendo por isso sufficientemente renovado: onde tambem o calor fosse mais intenso, porque sem este não se desenvolvem os miasmas com promptidão e energia: nesta cidade observou-se o contrario, como todos sabem: foi no bairro da Boa Vista onde a febre primeiro desenvolveu-se e onde reinou com mais intensidade: este bairro he o mais arejado, tem ruas mais espassosas, as casas quasi todas desimpedidas, está mais proximo dos arrebaldes, onde se goza de um ar mais puro: as noites são mais frescas, respira-se quasi um ar de campo: deveria por estas condições favoraveis ser o que menos soffresse: entretanto houve uma triste prova do contrario.

Não era nosso proposito entrarmos em tão difficil e importante questão, para a qual não nos julgamos de maneira alguma preparados, além de que reconhecemos as nossas diminutissimas forças, o que nos causa bastante pezar: e se outros que tem dedicado toda sua vida ao estudo das epidemias e suas causas mais provaveis, tem até o presente quasi que empregado de balde seu tempo e deixado as questões no mesmo estado de duvida, o que nos succederá a nós, que não temos tido tempo sufficiente para aprofundar semelhante questão, e compulsar tantos autores, que tem escripto grossas columnas sobre o assumpto, e comparar as opiniões tão divergentes que em cada um delles se encontra ácerca de epidemias, contagiões, infecções, etc., etc., e os diversos meios que hão sido empregados para preveni-las ou embaraçar-lhe o curso, como os cordões sanitarios, as quarentenas e outros muitos que vão pouco e pouco cahindo no bem merecido esquecimento.

Parece que he afoiteza demasiada darmos um conselho a estes senhores, que tratos tem dado á sua imaginação com o estudo das epidemias, suas causas, modo de produzir-se e propagar-se, etc., etc.: as hypotheses de que até agora se tem servido Ss. Ss. pouco ou nada explicam: estão já mûito sediças e muito batidas, e por conseguinte o repeti-las ainda he andar n'um circulo vicioso: portanto acho que devem dirigir-se por alguma cousa nova: as correntes eléctricas da maior ou menor quantidade de fluido electrico existente na atmosphera, e tudo que póde originar-se desse fluido — importantissimo — essencial a este mundo, — e do qual dependem provavelmente todos os phenomenos do universo, poderão talvez algum dia dar a razão sufficiente do phenomeno das molestias epidemicas, e se se estudar esse poderoso agente, ganhar-se-ha talvez mais do que em repisar o que já por tantas vezes se ha dito. Será talvez uma completa decepção, mas na immensa alluvião de hypotheses sobre que he constituido o edificio medico, uma de mais não o fará cahir.

Consultorio homeopathico, rua do Collegio n. 25, primeiro andar. *Dr. Lobo Moscozo.*

CORRESPONDENCIAS.

Srs. Redactores.—Por espaço de 11 para 12 annos soffri os effeitos de uma molestia grave e incuravel, sem que em todo este tempo encontrasse lenitivo em os muitos medicos a que recorri sem attenção a grande somma que gastei, senão a exacerbação do mal pela gravidade de antiquada molestia; mas quando me cheguei ao leito da morte, os Srs. Dr. José Joaquim de Moraes Sarmento e cirurgião José Francisco Pinto Guimarães com toda attenção, perspicacia, zelo e interesse, he quando pela complicação da enfermidade descobrem outra n'um lugar assas melindroso, que jámais pessoa alguma conseguiria a vida. Estes senhores desconfiados de minha existencia, não desanimaram como o habil piloto, que com calma e serenidade sabe manear o lemei na mais regida tempestade salva a não: recorreram a uma operação, que ajudados pela providencia altissima, praticaram a mais esclarecida intelligencia, que a humanidade pode offerecer, com rapidez e singular delicadeza, soccorrendo-me a qualquer hora, sem attender a intensidade do dia, ou da noite. E, pois, as suas intelligencias, zelo, actividade e boa vontade he a quem, depois de Deos, devo a vida; achando-me restabelecida e perfeitamente boa em pouco tempo, o que não pude conseguir em muito com grande peso de dinheiro, senão o desengano fatal!

Recebam, portanto, os senhores Sarmento e Pinto, e a senhora do dito, que tanto por mim se interessou, os meus agradecimentos e de toda minha familia, que por toda a nossa vida nós nos confessamos obrigados, sem que em tempo algum nos desobrigue tão grande fineza.

Queiram, Srs. Redactores, inscrever no seu jornal a presente confissão de quem he attenciosa e a mais reconhecida. *Maria Leopoldina de Queiroz.*

Srs. Redactores. — A frequencia de accidentes iguaes, ou analogos a esse de que hontem foi victima a barca ingleza *Spirit of the Times*, me parece que ha muito deveria ter induzido o corpo de commercio, ou algum especulador desta praça, a estabelecer aqui um vapor de reboque e socorro. Mas, não he só para esses fins, que um tal vapor deveria ou poderia ser empregado; os seus serviços serião igualmente mui vantajosamente utilisados em metter dentro, e deitar fóra navios, em certas quadras do anno, quando essas operações offerecem graves embaraços e difficuldades, e até não são de todo isentas de perigo, por causa dos ventos reinantes e correnteza, que impedem ou dificultam as sahidas e entradas; o que aliás se evitaria em proveito do commercio e da navegação, que poupariam dobradas e triplicadas praticagens e amarrações; pois que o vapor mui commodamente levaria taes embarcações para o ponto mais conveniente barra fóra, e as traria de um jacto para os seus respectivos ancoradouros.

Estou convencido de que o vapor necessario para semelhante trafico não importaria em muito, e produziria amplos lucros, podendo até ser empregado, no verão, em pequenas excurções de recreio ao longo da costa.

Por esta occasião, permitta-me a illustrada directção da Companhia Pernambucana, que lhe eu lembre esta idéa, que talvez podesse ser proficuamente explorada, se por ventura ella se decidisse a abraça-la. He este o voto de um—*Amigo do progresso.*

Recife 5 de abril de 1854.

ERRATA.

Na correspondencia do Sr. Bello, publicada no *Diario* de ante hontem; em lugar de — que não se lhe devia — leia-se — o que se lhe devia.

PUBLICAÇAÕ A PEDIDO.

UMA LAGRIMA SOBRE O TUMULO DO SR. MANOEL GASPAR DA SILVA.

Que funebres sons ouvi?! Que pranto se offerece a meus olhos!? Que desconsolada viuva ahi jaz inerte, quasi como frio marmore?! que orphãosinho he aquelle apenas nascido, tão innocente, e que parece já sentir a perda de seu pai?! Quem fez tudo isto?! Uma palavra o explica: — a morte!

Morte! Morte!... terror de todos os mortaes! Ah! se a creatura pensasse bem o que era o mundo, ella se tornaria o — para que foi creado — para preencher os deveres do Deos no mundo e para no outro ir gozar da bemaventurança.

Deste numero era o Sr. Manoel Gaspar da Silva, tão fiel aos deveres de Deos, como aos interesses de sua familia: rarissima excepção!....

Tão recto em seus negocios como leal em sua palavra, tão magnanimo como generoso, o Sr. Gaspar era o ornamento de seus compatriotas — de seus irmãos portuguezes.

Ah! a morte o roubou. Desconsolada esposa, innocente orphãosinho, recebei os meus pesames e deixai vosso pranto. O homem honesto e justo descansa no seio de Deos! Lá elle vos abençoará; o seu espirito adeja em torno de vós.

E eu! eu que não posso occultar a minha dor!! O meu pensamento se esvai em considerar a morte deste prestante compatriota!!.... Ainda ha pouco tão cheio de vida, e hoje o que he? Um pouco de pó!!!

Altos juizos de Deos!

Recebei, Senhor, a sua alma, já que tão bella a formaste! E vós, charas cinzas, a minha lagrima de saudade!

Recife 3 de abril. * * *

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 5 DE ABRIL AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Cambio sobre Londres—a 28 d. 60 d|v.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 4	32:128$062
Idem do dia 5	23:248$425
	55:376$487

Descarregam hoje 6 de abril.

Brigue inglez—*Westmoreland*—mercadorias.

Escuna brasileira—*Laura*—diversos generos.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 4	10:076$291
Idem do dia 5	1:882$301
	11:958$592

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 4	548$989
Idem do dia 5	91$601
	640$590

Exportaçao'.

Gibrallar, polaca franceza «Contents», de 244 toneladas, conduzio o seguinte: — 3,156 saccos com 15,080 arrobas de assucar.

Cork, brigue inglez «Dante», de 270 toneladas, conduzio o seguinte: — 3,600 saccos com 18,000 arrobas de assucar.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 5	833$861

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 4	8:720$372
Idem do dia 5	2:980$848
	11:701$220

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 5.

Rio de Janeiro—19 dias, brigue inglez *Morris*, de 201 toneladas, capitão B. Purdy, equipagem 9, em lastro; a James Crabtree & Companhia.

Dundee—53 dias, brigue inglez *Comely*, de 195 toneladas, capitão Thomaz Fewil, equipagem 9, carga carvão de pedra; a Deane Youle & Companhia.

Maceió—21 horas, brigue de guerra brasileiro *Cearense*, commandante o capitão-tenente Pedro Ignacio Morono, conduzindo 6 presos de justiça.

Rio de Janeiro pela Bahia—5 dias e 8 horas, vapor inglez *Lusitania*, commandante James Brown. Passageiros para esta provincia, José Joaquim Dourado, Domingos José Pinto Braga e José Severo Moreira Rios.

Navios sahidos no mesmo dia.

New-Bedford—Barca americana *Hellen Snow*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão

Rio de Janeiro e portos intermedios—Vapor brasileiro *Josephina*, commandante o tenente Pontes Ribeiro. Passageiros desta provincia, Dr. Antonio de Carvalho Raposo, Dr. Gabriel de Ploesquellec, Fr. Filippe de S. Luiz Paiva, José Peres Campello, Thomaz Q. Giolma, Pierre Clovis Pascal Boumault, o tenente Apolonio Peres Campello e 1 escravo do senador Paula Pessoa.

EDITAES.

— O Illm. Sr. contador, servindo de inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia de 9 do corrente, manda fazer publico que nos dias 4, 5 e 6 de abril proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, se ha de arrematar a quem por menos fizer a obra do 21.º lanço da estrada do Pao d'Alho, avaliada em réis 14:960$000.

A arrematação será feita na fórma dos artigos 24 e 27 da lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação, compareçam na sala das sessões da mesma junta nos dias ácima declarados pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 13 de março de 1854. O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação.*

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.ª As obras do 21º lanço da estrada do Pão d'Alho serão feitas de conformidade com o orçamento, planta e perfis, approvados pela directoria em conselho e apresentados a approvação do Exm. Sr. presidente da provincia na importancia de 14:960$000 rs.

2.ª O arrematante dará principio as obras no prazo de um mez e serão concluidas no de 12 mezes, ambos contados na fórma do artigo 31 da lei numero 286.

3.ª O pagamento da importancia da arrematação realisar-se-ha em quatro prestações iguaes: a primeira depois de feito o primeiro terço das obras; a segunda depois de concluido o segundo terço; a terceira na occasião do recebimento provisorio; e a quarta depois da entrega definitiva, a qual realisar-se-ha um anno depois do recebimento provisorio.

4.ª Seis mezes depois de principiadas as obras, deverá o arrematante proporcionar transito publico em toda a extenção do lanço.

5.ª Para tudo o que não se acha determinado nas presentes clausulas nem no orçamento, seguir-se-ha o que dispõe a respeito a lei provincial n. 286.

Conforme. — O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação.*

— O Illm. Sr. contador servindo de inspector da thesouraria provincial, em virtude da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que no dia 6 de abril proximo vindouro vai novamente a praça para ser arrematado a quem mais der o rendimento do imposto do dizimo do gado cavallar nos municipios abaixo declarados:

Limoeiro avaliado annualmente por	58$000
Brejo » » »	50$000

A arrematação será feita por tempo de tres annos, a contar do 1.º de julho de 1853 ao fim de junho de 1856.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta no dia ácima declarado pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 4 de março de 1854. O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação.*

— O Illm. Sr. contador, servindo de inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, de 7 do corrente, manda fazer publico, que nos dias 4, 5 e 6 de abril proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, se ha de arrematar a quem por menos fizer a obra da cadeia na cidade do Rio Formoso, avaliada em 33:000$000 rs.

A arrematação será feita na fórma dos artigos 24 e 27 da lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta, nos dias ácima declarados pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 13 de março de 1854. O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação.*

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.ª As obras serão feitas de conformidade com o orçamento e planta, nesta data approvados pela directoria em conselho, e apresentados a approvação do Exm. Sr. presidente da provincia na importancia de 33:000$000 rs.

2.ª O arrematante será obrigado a dar principio as obras no prazo de dous mezes, e conclui-las no de 20 mezes, contados de conformidade com a disposição do artigo 31 da lei provincial n. 286.

3.ª Para execução das obras, o arrematante deverá ter um mestre pedreiro, e outro carpina da confiança do engenheiro encarregado da obra.

4.ª O pagamento da importancia d'arrematação será feita em seis prestações da forma seguinte: a primeira da quantia de um decimo do valor da arrematação, quando estiverem feitas todas as plantas até o nivel do pavimento terreo, e juntamente o cano d'esgoto; a segunda da quantia de dous decimos quando estiverem feitas todas as partes exteriores e interiores até a altura de receber o travejamento do primeiro andar, e assentadas todas as grades de ferro das janellas: a terceira da quantia de dous decimos quando estiver assentado todo o travejamento do primeiro andar, feitas todas as paredes até a altura da coberta, e embuçadas os cornijas; a quarta tambem de dous decimos, quando estiver prompta toda a coberta, assentada o travejamento do forro do primeiro andar rebocado e guarnecido todo o exterior do edificio; a quinta tambem de dous decimos, quando estiverem concluidas todas as obras, e recebidas provisoriamente; a sexta finalmente de um decimo, quando for a obra recebida definitivamente, o que terá lugar um anno depois do recebimento provisorio.

5.ª Para tudo o mais que não estiver determinado nas presentes clausulas, e nem no orçamento seguir-se-ha o que dispõe a respeito a lei provincial numero 286.

Conforme.—O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação.*

O Illm. Sr. contador servindo de inspector da thesouraria provincial, em comprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda fazer publico, que no dia 6 de abril proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, vai novamente a praça, para ser arrematada a quem por menos fizer, a obra do açude da povoação de Bezerros, avaliada em 3:844$500 rs.

A arrematação será feita na forma dos arts. 24 e 27 da lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta no dia acima declarado, pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 4 de março de 1854.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.ª As obras deste açude serão feitas de conformidade com a planta e orçamento approvados pela directoria em conselho, e apresentados a approvação do Exm. Sr. presidente da provincia importando em 3:844$500 rs.

2.ª O arrematante dará começo as obras no prazo de 30 dias e terminará no de seis mezes, contados segundo o artigo 31 da lei n. 286.

3.ª O pagamento da importancia da arrematação será dividido em tres partes, sendo uma do valor de dous quintos quando houver feito metade da obra, outra igual a primeira quando entregar provisoriamente, e a terceira de um quinto depois de um anno na occasião da entrega definitiva.

4.ª Para tudo o mais que não estiver especificado nas presentes clausulas seguir-se-ha o que determina a lei n. 286.—Conforme.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

O Illm. Sr. contador servindo de inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que no dia 27 de abril p. vindouro, vai novamente á praça para ser arrematada a quem por menos fizer, a obra dos concertos, da cadeia da villa do Cabo, avaliada em 825$000 rs.

A arrematação será feita na forma dos artigos 24 e 27 da lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851 e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta no dia acima declarado, pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.—Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 28 de março de 1854. — O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.ª Os concertos da cadeia da villa do Cabo far-se-hão de conformidade com o orçamento approvado pela secretaria em conselho, e appresentado á aprovação do Exm. presidente da provincia, na importancia de 825$000 rs.

2.ª O arrematante dará principio ás obras no prazo de quinze dias, e deverá conclui-las no de tres mezes, ambos contados de conformidade com o art. 31 da lei n. 286.

3.ª O arrematante seguirá na execução tudo o que lhe for prescripto pelo engenheiro respectivo, não só para boa execução do trabalho como em ordem de não inutilisar ao mesmo tempo para o serviço publico todas as partes do edificio.

4.ª O pagamento da importancia da obra verificar-se-ha em duas prestações iguaes: a 1.ª depois de feitos dous terços da obra, e a seguanda depois de lançado o termo de recebimento.

5.ª Não haverá prazo de responsabilidade.

6.ª Para tudo o que não se acha decerminado nas presentes clausulas nem no orçamento, seguir-se-ha o que dispõe a lei n. 286. — Conforme. — O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação*.

— O Illm. Sr. contador, servindo de inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia de 28 do corrente, manda fazer publico, que nos dias 18, 19 e 20 de abril proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, se ha de arrematar a quem mais offerecer, o rendimento do imposto da taxa da barreira de Santo Amaro de Jaboatão, avaliada em 4:000$000 rs. por anno.

A arrematação será feita por tempo de 14 mezes a contar do 1.º de maio do corrente anno, ao fim de junho de 1855.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação, compareçam na sala das sessões da mesma junta, nos dias acima indicados pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar, se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 30 de março de 1854.

O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

—O Illm. Sr. contador, servindo de inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que no dia 27 de abril proximo vindouro, vai novamente a praça para ser arrematada a quem por menos fizer, a obra do açude da povoação de Salgueiro avaliada em 2:530$000 rs.

A arrematação será feita na forma dos arts. 24 e 27 da lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta, no dia acima declarado, pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 28 de março de 1854.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.ª As obras deste açude serão feitas de conformidade com a planta e orçamento apresentados nesta data á approvação do Exm. Sr. presidente da provincia na importancia de 2:530$000.

2.ª Estas obras deverão principiar no prazo de dous mezes, e serão concluidas no de 10 mezes a contar conforme a lei provincial n. 286.

3.ª A importancia desta arrematação será paga em tres prestações da maneira seguinte: a 1ª, dous quintos do valor total, quando tiver concluido a metade da obra; a 2ª, igual a primeira depois de lavrado o termo de recebimento provisorio; a 3ª finalmente de um quinto depois do recebimento definitivo.

4.ª O arrematante será obrigado a communicar a repartição das obras publicas com antecedencia de trinta dias, o dia fixo em que tem de dar principio a execução das obras, assim como trabalhara seguidamente durante quinze dias, afim de que possa o engenheiro encarregado da obra, assistir aos primeiros trabalhos.

5.ª Para tudo o mais que não estiver especificado nas presentes clausulas, seguir-se-ha o que determina a lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851.—Conforme.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

O Dr. Custodio Manoel da Silva Guimarães, juiz de direito da primeira vara do civel desta cidade do Recife por S. M. I. e C. etc.

Faço saber em como por este juizo se ha de arrematar por quem mais der, findos os dias da lei e praças successivas, um sitio de terras proprias não pequeno, no lugar da Ponte de Uchoa, com casa de vivenda e uma grande senzala, com uma mei'agua sobradada que serve de recreio, cozinha fóra, com casa para escravos e feitor, estribaria, casa que serve para cocheira, cacimba em frente do sitio, o qual tem parte murado e parte cercado, com dous portões, um de ferro e outro de madeira, com baixa para capim e bastantes arvoredos de fructos de differentes qualidades, avaliado em 16:000$000 rs.; e o qual sitio vai á praça por execução de Ignez Joviniana Ramos de Oliveira contra Bento José da Costa como testamenteiro da finada D. Isabel Maria da Costa Ramos.

E para que chegue a noticia de todos mandei passar o presente edital, que será affixado no lugar do costume e publicado pela imprensa.

Dado e passado nesta cidade do Recife aos 14 de março de 1854.—Eu Manoel José da Motta, escrivão o subscrevi.—*Custodio Manoel da Silva Guimarães.*

DECLARAÇO'ES.

Banco de Pernambuco.

—Por ordem do conselho de direcção do banco de Pernambuco se faz publico que vão ser vendidas 13 acções correspondentes a quantia de rs. 2:600$000, que falta realisar para completar a segunda prestação de 20 % da segunda entrada de capital. Os pretendentes as mesmas acções podem dirigir suas propostas em carta fechada ao conselho de direcção até sabbado 8 do corrente abril. O mesmo conselho avisa aos senhores accionistas, que podem mandar receber no respectivo escriptorio as novas acções correspondentes as duas prestações de 20 % cada uma da segunda entrada, as quaes lhes serão entregues a vista dos recibos das mesmas prestações.

Banco de Pernambuco 3 de abril de 1854.—O secretario do conselho.—*João Ignacio de Medeiros Rego.*

Conselho administrativo.

O conselho administrativo em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes: — mantas de lã ou cobertores de papa 374, caixa com vidros 1, meios de sola garroteada 50, grosas de botões de osso pretos 46, espadas para a cavallaria 39, coturnos para a dita, pares 46, penachos para a mesma 69; quem quizer vender taes objectos apresente as suas propostas em carta fechada na secretaria do conselho, as 10 horas do dia 8 do corrente mez. Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 3 de abril de 1854.—*Jose de Brito Inglez*, coronel, presidente.—*Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

—Faço saber a quem convier, que o Exm. Sr. director geral da instrucção publica, tem espassado os concursos para provimento das cadeiras de primeiras lettras da N. Senhora do O' do termo de Olinda, e o de Alagôa de baixo: o primeiro para o dia 25 do corrente mez, e o segundo para o dia 28 do mesmo mez; em razão de serem feriados os dias em que tinham de effectuar-se os referidos concursos.

Directoria geral, 3 de abril de 1854.—O amanuense archivista, *Candido Eustaquio Cezar de Mello.*

Collectoria da cidade de Olinda.

Francisco das Chagas Salgueiro, collector de diversas rendas da cidade de Olinda, etc.

Faz saber pelo presente, que pela subdelegacia da freguezia da Sé lhe foi entregue um escravo de nome José, preto, de idade de 60 annos pouco mais ou menos, o qual se acha recolhido á cadeia desta cidade para ser arrematado como bens de evento, se no prazo de sessenta dias, que se contarão da data deste, não for reclamado na forma das disposições do art. 6.º do regulamento de 17 de julho de 1852.

E para constar mandou passar o presente que será publicado.

Collectoria de Olinda 15 de março de 1854.—Eu João Gonçalves Rodrigues França, escrivão o escrevi.—O collector, *Francisco das Chagas Salgueiro.*

Collectoria da cidade de Olinda.

—Perante o Sr. Dr. juiz municipal da cidade de Olinda, se hão de arrematar no dia 7 de abril proximo futuro ás tres horas da tarde, por ser a ultima praça, por venda, uma casa terrea de pedra e cal, sita na rua de S. Francisco desta cidade avaliada por sessenta mil reis, um sitio de coqueiros na rua da Praia de S. Francisco avaliado por 200$000 réis, e outro sitio de fruteiras denominado Amaro Branco, proprio para olaria e criação de gados, avaliado por oitocentos mil réis; tudo por execução da fazenda publica contra seu devedor José Joaquim de Almeida Guedes.

Collectoria de Olinda 1º de abril de 1854.—O escrivão, *João Gonçalves Rodrigues França.*

Companhia de Liverpool.

O vapor inglez *La Plata*, que devia partir de Liverpool no dia 10 de março, espera-se neste porto por toda semana que entra em 2 de abril; adverte-se mais, que o vapor entrará para o mosqueiro, para commodidade de passageiros que tenham de seguir para o sul. Agencia em casa de Deane Youle & Companhia, rua da Cadeia Velha n. 52.

— O arsenal de marinha compra no dia 10 do corrente, para supprimento do almoxarifado, os objectos seguintes: — estôpa de embira, pennas d'aço, lapis, bandeiras imperiaes de 4 pannos, bronnes pequenos de ferro, limas chatas de 12 a 16 pollegadas, ditas de meia canna de 12 ditas, limatões grossos de meia dita, pregos de guarnição grandes e pequenos, pedras de amolar, cola da Bahia, cabo de linho de 2, 2 1|2, 3, 3 1|2 e 4 pollegadas, pelles de carneiro, lanternas de patente grandes, remos de faia de 15, 17, 18, 19 e 20 pés, piassaba, papel do peso, azeite de coco para o pharol e carvão de pedra, sendo este posto a bordo dos navios em suas respectivas carvoeiras: as pessoas que quizerem vender semelhantes objectos, compareçam nesta inspecção no dia ácima indicado, com as suas propostas. Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco 5 de abril de 1854.—No impedimento do secretario, *Manoel Ambrozio da Conceição Padilha.*

QUINTA-FEIRA 6 DE ABRIL DE 1854.

RECITA LIVRE DA ASSIGNATURA A FAVOR DO MIMICO LUIZ CANTARELLI.

Depois que os senhores professores da orchestra executarem a bellissima ouvertura da opera Muette Portici, executar-se-ha o sempre applaudido drama em 5 actos intitulado

PHANTASMA BRANCO.

No intervallo do terceiro acto a Sra. Deperini tambem por obsequio cantará uma aria da sua escolha.

No fim da peça a Sra. Gabriella e o Sr. Ribeiro cantarão o dueto do

PAIXAÕ.

Em seguida executar-se-ha o novo bailete, composição de José De-Vecchy, que se intitula

A LOUCA FINGIDA

OU

CONSULTA DOS ALOPATHAS E HOMEOPATHAS.

Dará fim o divertimento com o passo intitulado

A STYRIENNE.

O Sr. Ribeiro por obsequio irá cantar e dansar.

Os bilhetes vendem-se na rua das Cruzes n. 12, e no dia, no escriptorio do theatro.

AVISOS MARITIMOS.

— Acha-se a receber carga a barcaça *Boa Esperança*, no trapiche do algodão, para qualquer dos portos do sul, Maceió, S. Miguel de Campos ou Penedo: quem pretender carregar para qualquer destes portos, dirija-se a bordo da mesma, que achará com quem tratar.

— William Bois, capitão da barca ingleza *Halifax Packet*, arribada a este porto vinda de Calhão de Lima, com destino para Cork, precisa tomar sobre risco a quantia de 1 conto de réis pouco mais ou menos, sobre o dito navio, carga frete, etc.: os pretendentes compareçam no consulado britanico até o dia 5 ao meio dia.—*Wallson Vredenburg.*

—Para o Rio de Janeiro segue impreterivelmente no dia 10 do corrente, o brigue brasileiro *Hebe*: quem no mesmo quizer carregar, ir de passagem ou embarcar escravos, dirija-se a rua do Trapiche n. 14, escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Sahe com muita brevidade o brigue « Conceição, » por ter o seu carregamento quasi todo promplo: quem no mesmo quizer carregar o resto, ir de passagem ou embarcar escravos a frete, falle com o capitão na praça, ou no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Para Lisboa com escala pela Ilha de S. Migue o brigue portuguez *Bom Successo* pretende seguir com toda a brevidade: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, para o que offerece bons commodos, trate com os consignatarios T. de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão Francisco Jeronymo de Mendonça, na Praça.

— Para a Bahia sahe com brevidade o hiate *Novo Olinda*; para o resto da carga trata-se com Tasso Irmãos.

— Para Lisboa a galera portugueza *Margarida*, capitão Silverio Manoel dos Reis, sahe com a maior brevidade possivel: para carga e passageiros, para os quaes tem excellentes commodos, trata-se com o sobredito capitão, ou com Oliveira Irmãos & Companhia, rua de Apollo n. 14.

LEILO'ES.

— Sexta-feira 7 do corrente, as 11 horas da manhãa em ponto, o agente J. Gatis fará leilão no armazem de M. Carneiro, na rua do Trapiche n. 38, do seguinte: — guardas-louça de amarello, mesas para jantar, cadeiras, sofás, marquezas, camas, lavatorios, quadros com estampas, um piano inglez, e outros muitos objectos que animarão o comprador; assim como tambem um carro de 4 rodas, e um cabriolet.

AVISOS DIVERSOS.

—O Sr. Costa, beneficiado do theatro no dia 1º do corrente, queira dirigir-se a esta typographia, a negocio relativo ao mesmo beneficio.

O artista Germano Francisco de Oliveira, summamente penhorado, agradece ao Illm. Sr. Manoel Gonçalves Agra, emprezario do theatro de Santa Isabel, a oferta que lhe acaba de fazer da recita em seu favor annunciada para sabbado 8 do corrente. Tendo o artista Germano, ao chegar a esta capital, offerecido desinteressadamente seus fracos serviços ao mesmo Illm. Sr. emprezario, por conhecer o apuro em que se achava em sua empreza, só com o unico fim de dar-lhe uma prova do reconhecimento em que está para com elle, desde que lhe franqueou sua amisade, e continuando ainda esse apuro, não seria decoroso a elle artista aproveitar-se de uma tal offerta unicamente filha da bondade e cavalleirismo do actual emprezario de Santa Isabel; e por isso ao recusar um tão grande favor, roga ao Illm. Sr. Agra, que sirva-se dar o espectaculo annunciado, tendo a bondade de fazer reverter o seu producto em favor de sua empreza. Ao mesmo tempo que o artista agradece uma tão subida prova de affeição da parte do Illm. Sr. Agra, pede a todos os seus amigos, hajam de coadjuvar os seus desejos, concorrendo ao espectaculo sabbado 8 do corrente em favor da empreza, o que desde já lhes agradece. O artista Germano, conta que na actualidade nada mais póde prestar que util seja ao seu particular amigo o Illm. Sr. Manoel Gonçalves Agra.

— Precisa-se alugar uma ama forra ou captiva, para casa de pouca familia: na rua das Trincheiras n. 50.

MUTILADO

Aos Srs. Academicos.

Vendo um annuncio dos senhores estudantes, publicado no *Diario de Pernambuco* de terça-feira 4 do corrente mez, em o qual além de convidarem aos padeiros do Recife para fornecer pão em Olinda que seja grande, queixam-se que este anno ficarão sem pelle e cabellos, porque os preços das casas tem subido: Os proprietarios de Olinda declaram-lhes nem uma razão ha da parte de suas senhorias e que certamente não póde tirar pelle e cabellos, quem aluga a alguns dos senhores estudantes, suas casas limpas e acciadas com fechaduras em todas as portas, vidros &c. &c. e depois recebe-as porquissimas, sem chaves e vidros, tendo pelas paredes escrito o menor acto que praticam durante o anno lectivo, de sorte que o pouco lucro que os proprietarios poderão tirar de suas casas que trazem alugadas a alguns dos senhores estudantes, torna-se certamente pouco para pôr-se as mesmas no estado de serem novamente alugadas: ainda mais alguns ha que tomando a casa por aluguel dentro de dous mezes ou menos tempo, a tornam a entregar, e em estado que muito mais gasta o dono em repara-la do que tem recebido do aluguel, e outros ha que tiram as portas para lenha e a deixam cheia de lixo, que certamente torna-se pesada a tarefa de alimpa-la.—*Um proprietario.*

— A pessoa que quizer incumbir-se de vender um escravo fóra desta praça, dando fiador a sua pessoa, dirija-se a rua do Hospicio, casa n. 17, para tratar a respeito.

— Precisa-se de um caixeiro para deposito de padaria: a tratar na rua das Larangeiras n. 18.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Os senhores accionistas e subscriptores são avisados para pagarem seus debitos até o dia 20 do corrente: findo este prazo se dara' cumprimento aos estatutos.

— Antonio Rodrigues de Meirelles tem uma carta na rua do Collegio n. 17, segundo andar.

— Manoel Rodrigues da Costa Magalhães declara ao respeitavel publico desta cidade, que comprou ao Sr. Praeger a loja de miudezas, sita na rua larga do Rosario n. 44, pertencente outr'ora a Oliveira & Costa, livre e desembaraçada de qualquer onus que possa apparecer.

OFFICIAES DE ALFAIATE.

— Na rua Nova, loja da esquina da Ponte da Boa-Vista, precisa-se de officiaes de alfaiate para obras miudas.

— Na rua Direita n. 111, dá-se dinheiro a juros em pequenas quantias, e tinge-se roupa com toda a perfeição.

— A actual mesa da irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Fr. Pedro Gonçalves do Recife, convida e roga a todos os irmãos que tiverem capa a comparecerem na igreja, no dia 10 do corrente, ás 6 horas da manhã, para acompanharem a procissão do Senhor aos enfermos.

—Digo eu abaixo assignado que não vendi a minha taberna da rua Direita n. 4, como tinha annunciado no *Diario* de segunda-feira 3 do corrente.
Antonio José de Arantes.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar, lavar de sabão e engommar, para casa de pouca familia; na rua Nova n. 49.

— Precisa-se de oito ou dez contos de réis a juros, dando-se predios desembaraçados para garantia: na rua larga do Rosario n. 37.

— Por ordem do Illm. Sr. Dr. juiz do civel da segunda vara, se ha de arrematar, depois da audiencia do mesmo juizo, na rua Nova n. 42, a armação e objectos de selleiro, por execução de José Maria da Costa Carvalho, contra Domingos José Rodrigues Braga, por alugueis de casa em ultima praça, no dia 8 do corrente, as 2 horas da tarde.

— Como quer que o Sr. Joaquim Baptista Moreira, consul portuguez em Pernambuco, tenha ja' ho e sciencia dos portuguezes, que contra elle e o seu chanceller Miguel José Alves assignaram a representação dirigida ao governo de Portugal, lhes roga um dos signatarios da referida representação, que se duvidar da existencia e firma de algum, ou alguns dos signatarios, faça publico quaes essas pessoas de quem duvida ou nega a firma, para que ellas compareçam competentemente, pois estão promptas a raificarem as suas assignaturas. Isto lhes pede
Um dos signatarios.

— No officio do consul de Portugal ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo para dar as suas ordens para se fazerem as necessarias honras funebres por alma de S. M. F. a Senhora D. Maria II de saudosa memoria, na occasião das exequias que se celebraram nesta cidade; diz-se que estas foram feitas —por alguns subditos portuguezes—quando devia dizer pela—maior parte.— Pede-se que se publique por isso a lista dos que concorreram para tal fim.—A isto não se póde negar a commissão directora. He certo que o Sr. consul de Portugal merece—menção especial pelo muito que concorreu para tal acto—como se tem escripto aqui em alguns artigos; pois que depois de alguns successos do patacho *Arrogante*, elle se vio na precisão de—deixar de fazer parte da commissão directora—em vista da repugnancia que encontrava—em todos os portuguezes—a concorrerem com elle para esse fim, como se prova com os annuncios publicados no *Diario de Pernambuco* de 4 de janeiro em diante.

—A abaixa assignada por si, e como procuradora bastante de seu marido Nuno Maria de Seixas, vendo com alto pasmo e admiração que o sobrado n. 2 da rua Augusta pertencente ao seu casal está com dia designado (8 de abril) para ser arrematado em praça á requerimento, e por força da sentença obtida injusta, e irritamente por Mesquita & Dutra sem que a supplicante por si, e tão pouco os credores da casa de seu marido fossem ouvidos, como alias o deveriam ser, como os unicos interessados na questão suscitada, sendo-o apenas o pretendido curador fiscal, Lemos Junior, que deixara instaurar e consentio tal acção sem que a ella se oppozesse como era do seu rigoroso e sagrado dever, em sua qualidade de proposto do juizo da fallencia, que fôra aberta ao marido da supplicante, contra todas as leis antigas e novissimas e da constituição do imperio, e pelo que em tempo protestára solemnemente contra os autores e complices dessa violencia monstruosa e contra todos os effeitos que dahi dimanassem, protesto inserto nos jornaes desta cidade e outras do Brasil; vem ante o publico desta cidade e de todo o imperio protestar solemnemente contra mais esta violação e conculcamento da legislação antiga e novissima: primeiro, porque os exequentes Mesquita & Dutra não podiam instaurar uma acção pelo juizo commercial, quando todos os bens do seu casal estavam desde julho de 1851, entregues ao juizo da fallencia: segundo, porque esses exequentes em todas as reuniões dos credores compareceram, subjeitando-se ao que a legislação especialissima das fallencias prescreve; terceiro porque seria monstreoso que um credor se locuplete de um pretendido capital e juros; em lesão enormissima dos demais credores, que alias estão em igual linha de privilegio e igualdade, visto como a hypotheca feita a Francisco Alves da Cunha, que he o seu titulo, he *feita em* 1842 e proveniente de transacções de lettras em giro-commercial, como se vê do corpo do referido instrumento, e que aliás fôra lavrado sob o dominio e força a legislação anterior ao codigo, a qual evidentemente he a lei de 20 de junho de 1774, 15 de maio de 1776, alvará de 13 de novembro de 1756 §§ 19 e 22; que estatuem que nos casos de fallencia, os direitos dos credores *hypothecarios* e dos *cherographarios*, etc., sejam nivelados; e nem poderá valer aos ditos exequentes a *esperteza* de mandarem registrar no tribunal do commercio em 1851 a referida hypotheca, lavraaa *aliás em* 1842 (!!!) querendo com esse registro adquerir o privilegio outorgado pelo codigo que só principiara a funccionar e vigorar em 1851 (*art. 255 do codigo*) como se essa hypotheca fora lavrada no proprio anno de 1851; ora, he o que jámais poderá ter lugar, mesmo em face do § 3 do art. 179 da const. do imp. que declara expressamente—que as leis não terão effeito retroactivo—e ainda mais em face dos arts. 741 e 742 do decreto n. 737 de 25 de novembro de 1850: quarto, porque he claro á luz meridiana que esses credores Mesquita & Dutra tem de se subjeitar ao prescripto, na legislação especial das fallencias arts. 842 e 856 do cod. e 133 do regulamento das quebras, visto como a fallada hypotheca só tem a validade que lh'outorga os arts. 619 do decreto n. 737 de 25 de novembro de 1850 e arts. 879 e 190 do cod.: quinto e finalmente, porque esses credores Mesquita & Dutra são devedores ao casal (ou á massa fallida) por contas particulares d'uma grave somma que absorverá a mor parte da referida hypotheca!... Em virtude, pois, das razões expostas e dos principios inconcussos do direito, vem a abaixo assignalada, protestar contra essa execução, e declara solemnemente, que em tempo competente ha de annullar essa arrematação, por haver-se procedido a ella—*ob e subrepticiamente*—postergada toda a legislação; e ser nullissima desde a iniciação da respectiva acção, porque, he comesinho o aphorismo juridico — *quod nullum est ab initio tractu temporis non convalescit.*
Barbara M. da Silva Seixas.
Recife 4 de abril de 1854.

—A 13 do corrente março, negociei com o Sr. Joaquim Francisco do Rego Cavalcanti, e a 14 amanheceu fugido o escravo Bernardo, crioulo, bem negro, idade 20 annos pouco mais ou menos, se bem me recordo tem uma cicatriz pequena na testa, e sobre quaesquer outros signaes dos quaes não dou noticia nas poucas horas que esteve em meu poder, sobresahe a todos, as duas pontas das orelhas fracturadas e diminuidas, ao que parece, por faca ou outro qualquer instrumento de córte, ha alguma probabilidade de andar para o Rio-Formoso ou praça do Recife, se he que não anda pela ribeira da Parahiba, do Pilar até a cidade, cuja captura peço e recommendo a policia, subjeitando-me a quaesquer despezas que para isso fizer; e aos particulares ou capitães mediante 50$000 rs. de gratificação, e 25$ rs., a quem der do mesmo escravo noticia exacta, no engenho Agua-azul proximo a Cruangy, ou no Recife ao Sr. Manoel Ignacio de Oliveira.
Antonio Luiz Pereira Palma.

—Precisa-se de aprendizes de alfaiate: a tratar no aterro da Bôa-Vista n. 66.

—O general Seara transferio a sua residencia da rua do Hospicio, para o aterro da Bôa-Vista, casa n. 38.

—Precisa-se de uma ama para servir a uma casa de pouca familia, com condição de sahir a rua: na rua do Rosario da Bôa-Vista n. 32.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,
vende-se um completo sortimento de fazendas, finas e grossas, por preços mais baixos do que em outra qualquer parte, tanto em porções, como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãas e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecendo elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida a' todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a' bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas, no armazem da rua do Collegio n. 2, de
Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

— Na rua da Cadeia Velha n. 72, precisa-se alugar um preto que saiba cozinhar o commum de uma casa.

— Precisa-se alugar uma preta que cozinhe o diario de uma casa, e faça todo o mais serviço, tanto externo como interno; paga-se bem: na rua da Assumpção n. 50.

—Precisa-se alugar um preto que seja fiel e entenda de cozinhar, para servir em uma casa ingleza: quem o tiver póde dirigir-se a rua do Vigario n. 5, ou annuncie para ser procurado.

Funeral da Sra. D. Maria II de Portugal nesta cidade.

Com este titulo acaba de sahir á luz um folheto, contendo alem do sermão do Illm. Sr. padre-mestre Capistrano, a exposição descriptiva e encomiastica desse solemne acto, em diversos artigos em proza e verso. Está a venda nas livrarias ns. 9 e 20 da rua do Collegio, a 1$000 cada exemplar.

—O Sr. Leopoldino de Lemos Duarte tenha a bondade de dirigir-se a Cinco Pontas n. 66 que se lhe deseja fallar a negocio de seu interesse.

—Aluga-se um sobrado de dous andares com bastantes commodos, porta de cocheira e cavalleirice, sito na rua da Aurora n. 22: a tratar na mesma rua n. 26, sobrado da quina.

—A pessoa que achou dous papeis, sendo um requerimento assignado pelo Exm. bispo, e uma certidão assignada pelo vigario da freguezia de S. José, pertencentes ambos os papeis a Maria dos Prazeres Bezerra, a qual perdeu no dia segunda-feira 3 do corrente, querendo por sua bondade restituir: dirija-se ao deposito de farinha defronte da ribeira.

Negocio vantajoso.

O dono da loja de calçados, intitulada Estrella 19, rua do ivramento, em um dos melhores locaes, muito afreguezada em calçados e surragem de couros, dá por balanço á qualquer pessoa habilitada e diligente, dando para isso garantia no que receber, e lendo o seu ordenado nos lucros; faz-se este negocio por motivo de molestia, e tambem vender-se-ha querendo, sem fundos para quem tem pouco dinheiro: na mesma loja se achará com quem tratar.

— O advogado Luiz Lopes Castello Branco, mudou seu escriptorio para a rua do Queimado, sobrado n. 2, que faz quina para o becco do Peixe Frito, onde poderá ser procurado das 9 hóras da manhãa as 4 da tarde.

Tributo ao merito.

Acaba de tomar posse do lugar de contador da thesouraria desta provincia, para o qual foi nomeado, o Illm. Sr. João Fernandes da Cruz, que por muito tempo exerceu o lugar de official-maior da mesma contadoria, e ultimamente o de chefe de secção, lugares estes que o Sr. Cruz desempenhou com uma pericia tal, e com tamanha probidade que desfarte se tornou credor da maior estima, respeito e consideração de todos quanto compunham a digna repartição, da qual elle ora he o chefe. Parabens, pois, ao Sr. Cruz, e louvores ao governo imperial por uma nomeação tão digna, por tão acertada escolha.

Retirando-me deste imperio, rogo aos meus credores de apresentarem suas contas.—*Gosset Bimont.*

—Precisa-se alugar um moleque para servir a uns moços solteiros: na Boa-Vista, rua da União quarta casa, ou na rua do Livramento n. 36.

—No dia 7 do corrente pelas 10 horas da manhãa, no escriptorio do consulado de Portugal, se ha de proceder a arrematação dos bens do finado subdito portuguez Fernando Antonio Fidié, consistindo em ouro, prata, livros e moveis de sua casa.

CHRYSTALOTYPO.

Galeria de ricas pinturas pelo antigo e novo estylo.
Aterro da Boa-Vista n. 4.
De caixas, quadros, medalhas, alfinetes e pulceiras ha um rico sortimento para collocar retratos, por preço muito baixo.

— Aluga-se ou vende-se um sitio de terras com quarenta e tantos pés de coqueiros todos dando fructo, bastantes mangueiras, cajueiros, e outras muitas fruteiras, terreno para hortalice, mandioca, canna e tudo o mais que se quizer plantar, com casa de taipa coberta de palha, cacimba com boa agua, no lugar da Piranga, freguezia dos Afogados, por preço commodo: na rua larga do Rosario n. 44, das 9 horas da manhãa até as 4 da tarde.

— Aluga-se uma excellente casa terrea na cidade nova de Santo Amaro, a qual tem bastantes commodos; quem a pretender, entenda-se com o proprietario Antonio José Gomes do Correio.

— O abaixo assignado, além das diligencias que particularmente tem feito, segunda vez recorre as folhas publicas, para que appareça o credor de uma lettra sacada por Jeronymo de Albuquerque Mello, aceita por elle abaixo assignado, e endossada por Manoel José de Oliveira e Mello, da quantia de 800$ rs., vencida no mez de maio de 1852, salvo o engano do tempo, para que seja apresentada ao Sr. José Maria Ferreira da Cunha, morador na rua do Queimado na cidade do Recife para ser paga, protestando o abaixo assignado, que não pagará um real de juros, porque não lhe sendo apresentada dita lettra até hoje apezar dos esforços do abaixo assignado para saber quem a possue, e pagar seu importe, que prompto tem estado desde o dia de seu vencimento, e até hoje ainda está por saber quem a possue. Engenho Pindobal na cidade de Nazareth 1. de abril de 1854.
Francisco de Paula Borges Uchoa.

— Perdeu-se no domingo 2 do corrente, na matriz da Boa-Vista, por occasião do sermão pelas 7 horas da noite, uma pulceira de ouro com esmalte: quem tiver achado, querendo restituir, póde levar ao aterro da Boa-Vista, segundo andar por cima da cocheira do Sr. Antunes, ou na rua do Amorim n. 35, casa de Tasso Irmãos, que será gratificado.

— Precisa-se de uma ama de leite para criar, sendo que não tenha filhos; paga-se bem: na rua da abobada da Penha n. 33, que achará com quem tratar.

Estampas de santos e santas.

Chegou a loja de miudezas da rua do Collegio n. 1, novo sortimento dos seguintes nomes de santos e santas em ponto pequeno e grande; S. Luiza, Anjo da Guarda, N. S. do Bom Conselho, N. S. da Conceição, S. Martinho, N. S. do Rosario, S. Thereza, S. Carlos, N. S. entregando a S. Pedro a chaves, N. S. do Carmo, Adoração dos sagrados corações, Salvador do Mundo, S. Antonio, S. José, S. Agostinho, S. Francisca, S. Antonia, S. Joanna, Nascimento de Jesus, S. Marta, S. Luiz Gonzaga, Sagrada Familia, S. Francisco de Paula e de Salles, S. Pedro S. Paulo e a Igreja, S. João Baptista, S. Miguel, N. Senhor Crucificado, N. S. das Dôres, Descimento da Cruz, assim como outras muitas que se deixam de annunciar.

Aviso aos rapazes solteiros.

Chegou a loja de miudezas da rua do Collegio n. 1, um segredo que só avista do comprador he que se póde mostrar, he fazenda de primeira qualidade, marca P. R. R.; a ella antes que se acabe, porque as encommendas são muitas.

— O Sr. Pedro, que foi encadernador na praça da Independencia, queira levar as obras que tem da livraria n. 6 e 8 da mesma praça.

— A mesa regedora da irmandade do Divino Espirito Santo, erecta no convento de Santo Antonio do Recife, convida a seus charissimos irmãos para comparecerem no mesmo convento, no dia 7 do corrente pela 1 ½ hora da tarde, para encorporados, acompanharem a procissão de Triumpho, para que fomos convidados pela respeitavel ordem terceira do Carmo.

—A pessoa que offereceu cem mil réis pelas duas vaccas recentemente paridas, pode ir effectuar o negocio na casa da rua do Hospicio, que foi habitada pelo general Seara.

—Na rua da Paz, na casa de Joaquim Gaio armador, recebe-se fazendas e obras feitas para tingir de toda a côr.

Attenção.

Chegou a loja de miudezas da rua do Collegio n. 1, um completo sortimento dos seguintes objectos vindos da Italia: balaios com tampa proprios para costura, ditos para pão, ditos para frutas, fingindo jarros, cestos grandes e pequenos muito proprios para compras e mesmo para costura, cestinhas para senhoras e meninas trazerem no braço, ditas para apanhar flores, ditas para apanhar frutas; assim como outros muitos que se deixam de annunciar.

Paulo Gaignou, dentista.

póde ser procurado a qualquer hora em sua casa na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar.

VICENTINA

NOVO ROMANCE PELO SR. DR. MACEDO

autor da Moreninha, Moço Louro, Dous Amores, Rosa, da comedia Phantasma Branco, da tragedia o Cego, e de outras composições de gosto e merecimento,

PRINCIPIOU NO FOLHETIM DA

MARMOTA N. 430

DE TERÇA FEIRA 7 DE MARÇO.

Abrio-se uma assignatura desta folha, por 3$ rs., de março a junho, tendo os senhores assignantes, além de — VICENTINA — em folhetim, toda a vantagem dos desenhos, musicas, figurinos coloridos e retratos; sendo os primeiros destes os dos senhores conselheiros

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUZA
e
JOSÉ CLEMENTE PEREIRA

que serão distribuidos no corrente mez, assim como a nova quadrilha — *Saudades da Parahiba* — linda inspiração do Sr. J. J. Goyanno:
TUDO ISTO POR 3$000 RS. PARA A CORTE E 4$000 PARA FÓRA.
na loja do editor Paula Brito, praça da Constituição n. 64, e na loja do Canto da rua de S. Jorge.
Os que quizerem em vez de assignatura, tomar uma acção de 100$000 rs., terão sempre de *graça* a *Marmota*, com todos os seus avulsos, e mais ainda 6 por % em dinheiro, pagos de 6 em 6 mezes no escriptorio da empreza, praça da Constituição n. 64, no Rio de Janeiro, ou nesta cidade livraria da praça da Independencia n. 6 e 8.

—Quem quizer encarregar-se de curar um molecote que tem uma ferida na perna, precedendo um ajuste, annuncie para ser procurado.

HOMEOPATHIA.
O Dr. Casanova mudou-se para a rua das Cruzes n. 28, segundo andar.

— Uma mulher de côr e de capacidade, e que dá fiador da sua conducta, propõe-se a ser ama de casa de pouca familia ou de homem solteiro, fazendo todo serviço de cozinhar ou de engommar: póde ser procurada no pateo do Carmo, nas lojas da casa n. 50, a primeira a voltar para a Camboa.

— O Sr. João Nepomuceno Ferreira de Mello, morador na passagem de Olinda, tem uma carta na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

Aluga-se um sitio

na estrada dos afflictos confronte a igreja do mesmo lugar, bastante grande, com boa casa de vivenda, murado na frente e fundo, e com muitas fructeiras: quem o pretender, dirija-se á Ponte de Uchoa em casa de Francisco Antonio de Oliveira Junior, que tambem o permuta por predio na praça, ou vende.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho mudou-se para o palacete da rua de S. Francisco (mundo novo) n. 68 A.

— José Gonçalves Salgado retira-se para Portugal.

—Muito se precisa saber, se nesta cidade ou fora della, existe algum parente ou herdeiro da finada Maria Gomes de Amorim, e no caso que exista, muito se lhe deseja fallar para negocio de seu muito interesse: na rua Augusta taberna n. 1, ou no engenho Soccorro.

Casa da aferição, na rua das Aguas-Verdes n. 25.

O aferidor participa, que a revisão teve principio no dia 1º de abril corrente, a finalisar-se no dia 30 de junho proximo futuro: segundo o disposto no art. 14 do regimento municipal.

—Engomma-se com muita perfeição e tambem lava-se de sabão na rua Augusta, passando o quartelrão de sobrados na quarta casa terrea, defronte de uma fabrica de charutos: quem quizer dirija-se a casa mencionada.

— O abaixo assignado offerece os seus serviços por preços limitados, para dar balanços em tabernas, e fazer escripturações, não só para estes estabelecimentos como para qualquer pessoa particular; os pretendentes quando o não achem em casa na rua da Senzala Velha n. 112, terceiro andar, podem deixar seus nomes no primeiro, para serem procurados.
Firmino José Felix da Rosa.

— No dia 8 do corrente abril, depois do meio dia, se ha de arrematar em praça publica do Illm. Sr. Dr. juiz municipal da segunda vara, na casa das audiencias, por ser a ultima praça, a renda da casa de sobrado de 3 andares n. 7 da rua do Vigario, a requerimento do consenhor Francisco João de Barros, avaliada por 1:000$000 rs. annual, por tempo de tres annos, cujas condições do arrendamento se acham exaradas no escripto em mão do porteiro do juizo José dos Santos Torres, escrivão Baptista.

—Quem tiver contas contra a barca ingleza *Halifax Packet*, capitão William Boig arribada a este porto na sua viagem de Calhao de Lima para Cork queira apresenta-las no consulado britannico até o dia 5 do corrente antes de meio dia, e depois desta data não se ficará responsavel por conta alguma.
Waltson Vredenburg.

—A mesa regedora da irmandade do Sr. Bom Jesus dos Passos do Recife, convida os seus irmãos, para se reunirem no dia 7 do corrente pelas 2 e meia horas da tarde, na igreja do Corpo Santo; para, encorporados, irem acompanhar a procissão do triumpho que tem de sahir da ordem terceira do Carmo.

—Clovis Bonneaull, retira-se para o Rio de Janeiro.

—Balbina Custodia de Oliveira Rego, mulher de Manoel de Rezende Rego Barros, mudou, na ausencia de seu marido, a sua residencia para o bairro do Recife, rua da Senzala Nova, sobrado n. 40, segundo andar.

HOMEOPATHIA.
RUA DAS CRUZES N. 28.
No consultorio do Dr. Casanova, acham-se á venda por
CINCO MIL RÉIS.
Algumas carteiras com 24 medicamentos.
Os competentes livros . . . . 5$000
Grande sortimento de carteiras e caixas de todos os tamanhos por preços commodissimos.
1 tubo de globulos avulsos. . . 500
1 frasco de ½ onça de tintura a escolha . . . . 1$000

MECHANISMO PARA ENGENHOS.

NA FUNDIÇAO' DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,
ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc.
NA MESMA FUNDIÇAO'
se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

O Dr. Thomassin, medico francez, dá consultas todos os dias uteis das 9 horas da manhãa até o meio dia, em sua casa rua da Cadeia de S. Antonio n. 7.

—Furtaram em março do anno passado no lugar chamado Pão-Amarello, propriedade do engenho Macujé, um quartão pertencem ao Sr. do engenho Conceição-Nova da freguezia da Escada, e seus signaes são os seguintes: rodado, claro, grande, muito bem feito, novo e gordo, anda baixo muito pouco, tem, além de outros ferros, no quarto direito, um G mal feito e retorcido no quarto esquerdo. Quem delle der noticia certa será recompensado; e levando-o ao engenho Conceição-Nova ou no Recife na rua do Livramento ao Sr. Joaquim Corrêa de Rezende terá 16$000. A este respeito já se fez annuncio no *Diario* n. 97 do anno passado, mas até o presente nenhuma noticia tem apparecido. Suppõe-se ter sido negociado para o sul.

Loteria de Nossa Senhora do Livramento.

No dia 21 do corrente andam as rodas desta loteria no consistorio da igreja da mesma Senhora, avista da grande extracção que tem havido não resta duvida que a mesma corra no referido dia, e espera o thesoureiro que os amantes deste jogo continuem a comprar o resto dos bilhetes, os quaes estão á venda nos lugares ja conhecidos. — O thesoureiro,
João Domingues da Silva.

— Arrenda-se o engenho Leão, sito na freguezia da Escada: os pretendentes pódem apparecer no aterro da Boa-Vista, sobrado n. 53, segundo andar, que acharão com quem tratar, ou na freguezia da Escada, no engenho Vicente Campello, com Manoel Gonçalves Pereira Lima.

—Dá-se dinheiro a juros sobre penhores de prata e ouro; na rua da Gloria n. 67 do lado da igreja.

J. Jane, Dentista,

continúa residir na rua Nova, primeiro andar n. 19.

— Precisa-se de uma ama para todo o serviço de casa de uma pessoa; na travessa de S. Pedro n. 2, segundo andar.

COMPRAS.

— Compra-se uma morada de casa que não exceda a um conto de réis, embora não seja no centro da cidade; nesta typographia.

— Compram-se escravos de ambos os sexos, tanto para a provincia como para fóra della, paga-se bem agradando as pessoas; na rua da Gloria n. 7.

—Compram-se escravos de ambos os sexos de 10 a 25 annos para dentro e fóra da provincia, tendo boas figuras pagam-se bem: na rua Direita n. 66.

— Compram-se escravos de ambos os sexos, de 12 a 35 annos, e tambem recebem-se para vender em commissão: na rua Direita n. 3.

— Compram-se dous ou tres toneis que tenham sido de azeite, e que levem de duas pipas para cima: a tratar na padaria do pateo da Santa Cruz n. 6.

—Compra-se patacões brasileiros e Hespanhões: na rua da Cadeia do Recife, loja de cambio n. 24.

VENDAS.

— Vende-se um escravo moço, de boa conducta e bom cozinheiro, tanto de forno como de fogão: na rua Direita n. 66.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, 1º andar escriptorio de Augusto C. de Abreu continuam-se a vender a 8,000 réis o par (preço fixo) as já bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente não se sentem no rosto na acção de cortar: vendem-se com a condição de não agradando poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra, restituindo-se o importe; na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas feitas pelo mesmo fabricante.

Optimo vinho de Collares,

em barris de 7 em pipa: no escriptorio de Augusto C. de Abreu na rua da Cadeia do Recife n. 48, 1º andar.

Chapéos pretos de castor,

de qualidade superior a de todos quantos até agora tem apparecido: no escriptorio de Augusto C. de Abreu na rua da cadeia do Recife n. 48, 1º andar.

— Vende-se um pardo sapateiro e bolieiro, de boa conducta, uma preta de idade 16 annos e um mulatinho de idade 14 annos, tudo por preço commodo, e um moleque: na rua da Gloria n. 7.

PALITO'S DE ALPACA FRANCEZES.

Grande sortimento de palitós de alpaca e de brim, na rua do Collegio n. 4, e na rua da Cadeia do Recife n. 17; vendem-se por preço muito commodo.

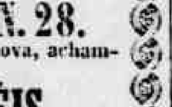
— Vende-se uma negra ainda moça, que sabe lavar de barrela e sabão, e tambem sabe do serviço de campo por ter vindo do matto: quem a pretender, dirija-se á rua do Crespo n. 6.

— Vende-se uma casa terrea de pedra e cal, em chão proprio, na cidade de Olinda, na rua do Jogo da Bola n. 19. casa que faz quina: a tratar na rua do Livramento, loja n. 16.

— Vende-se uma carroça com arreios para cavallo, com pouco uso: na rua Nova n. 27.

— Vende-se muito boa manteiga franceza a 500 rs. a libra: na rua Augusta, taberna n. 1, por baixo do sobrado que foi de José Maria.

— Vendem-se duas escravas que engommam e cosem bem, ambas moças e de boa conducta, um preto cozinheiro, tanto de fogão como de forno, muito bom escravo, um mulatinho de 16 annos, bom para pagem, todos por preço razoavel: na rua Direita n. 66.


Vende-se um lindo cabriolet com um bonito cavallo: na rua da Senzala, cocheira de Joaquim Paes Pereira da Silva. Tambem se vende cada uma das cousas separadas.

— Vende-se um braço de ferro grande, do autor Romão, com conchas e correntes de ferro, tudo novo, por preço muito commodo: os pretendentes dirijam-se a Antonia Leal de Barros, na rua do Vigario n. 17.

Na rua do Crespo, loja n. 25, vendem-se córtes de casemira preta fina a 5$000, sarja preta larga, fazenda superior, a 2$000 o covado, setim de Macáo muito encorpado a 2$500, chales de lãa escuros a 800 rs., panno preto e azul a 3$000, córtes de casemira parda a 2$000, chita franceza larga com algum mófo a 200 rs. o covado, ditas lumpas muito finas a 240, riscados francezes de cores fixas a 180, riscados de linho os melhores que ha no mercado a 240, e outras muitas fazendas, por preço baratissimo.

NO ARMAZEM DE C. J. ASTLEY E COMPANHIA; RUA DO TRAPICHE N 3,

ha para vender o seguinte:
Oleo de linhaça em latas de 5 galões.
Champagne, marca A. C.
Oleados para mesas.
Tapetes de lãa para forro de salas.
Formas de folha de ferro, pintadas, para fabrica de assucar.
Aço de Milão sortido.
Carne de vacca em salmoura.
Lonas da Russia.
Lazarinas e clavinotes.
Papel de paquete, inglez.
Brim de vela, da Russia.
Relogios de ouro, patente inglez.
Graxa ingleza de verniz para arreios.
Arreios para um e dous cavallos, guarnecidos de prata e de latão
Chicotes e lampeões para carro e cabriolet.
Couros de viado de lustre para cobertas.
Cabeçadas para montaria, para senhora.
Esporas de aço prateado.

— Vendem-se 9 escravas, sendo uma mulatinha de idade 18 annos, duas escravas de bonitas figuras que engommam, cosem, cozinham e fazem labyrintho, cinco ditas de todo serviço e uma dita de meia idade: na rua Direita n. 3.

VAMOS A PECHINCHA.

Manteiga ingleza muito fina a 640 rs., assim como aletria muito nova a 320 rs. a libra: na rua larga do Rosario, taberna de 4 portas n. 39, confronte ao Rosario.

RUA DO SOL, TABERNA N. 94.

Vende-se manteiga ingleza de primeira sorte a 720, dita a 640, dita franceza de primeira sorte a 560, dita a 440, aletria a 320, farinha do reino a 140 e 120, dita do Maranhão a 120, dita de araruta a 200 rs., gomma a 100 rs., e outros mais generos por mais barato preço do que em outra qualquer parte.

— Vende-se uma escrava de meia idade, sem vicios, cozinha e vende na rua: na rua Direita n. 66.

— Vendem-se os já bem conhecidos relogios de ouro patente inglez, e papel de peso proprio para escrever por vapores, por preço commodo: em casa de Russell Mellors & Companhia, rua da Cadeia do Recife n. 36.

— Vende-se um mulato de 18 annos, de muito bonita figura; na rua da Praia n. 1 A, travessa do arsenal de guerra.

— Vendem-se 600 saccas com milho, pelo barato preço de 2$800 a 3$200 a sacca: na rua da Praia n. 1 A, travessa do arsenal de guerra.

— Vende-se um preto, crioulo, para fóra da provincia, de idade 24 annos, porém parece mais moço, e tem officio de torneiro e fundidor; na Ponte Velha, casa de Jorez, torneiro francez.

— Na rua Nova n. 44, fabrica e loja de chapeos, ha para vender chapeos de feltro muito finos, brancos e pretos, ditos amazonas para montaria de senhora, ditos do Chile, finos, e bonetes de todas as qualidades, tanto para homem como para senhora e meninos, e tudo por preço que agrada ao comprador.

— Vendem-se saccas com farinha da terra: na rua do Sol, taberna confronte ao porto das canoas da rua Nova n. 21.

— Vende-se uma optima escrava, crioula, de excellente conducta, de 30 annos de idade, sendo optima cozinheira, quitandeira e lavadeira: na rua de Hortas n. 60 se dirá quem vende.

— Vende-se uma casa terrea, sita na travessa do Quiabo, no bairro da Boa-Vista; a tratar na rua estreita do Rosario n. 43.

FUNDIÇAO' D'AURORA.

Na fundição d'Aurora acha-se constantemente um completo sortimento de machinas de vapor, tanto d'alta como de baixa pressão de modelos os mais approvados. Tambem se aprompta de encommendas de qualquer fórma que se possam desejar com a maior presteza. Habeis officiaes serão mandados para as ir assentar, e os fabricantes como tem de costume afiançam o perfeito trabalho dellas, e se responsabilisam por qualquer defeito que possa nellas apparecer durante a primeira safra. Muitas machinas de vapor construidas neste estabelecimento tem estado em constante serviço nesta provincia 10, 12, e até 16 annos, e apenas tem exigido mui insignificantes reparos, e algumas até nenhuns absolutamente, accrescendo que o consummo do combustivel he mui inconsideravel. Os senhores de engenho, pois, e outras quaesquer pessoas que precisarem de machinismo são respeitosamente convidados a visitar o estabelecimento em Santo Amaro.

SAL DO ASSU'.

Vende-se sal do Assú, a bordo da lancha nacional *Nova Esperança*, fundeada defronte da escadinha da alfandega: a tratar na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, de Cunha & Amorim.

OVAS DO SERTAÕ.

Vendem-se muito frescaes ovas do sertão, por preço commodo: na rua do Queimado, loja n. 14.

— Vende-se feijão mulatinho e branco, em saccas de alqueire, a 7$000 cada uma, e de outra qualidade por 6$000: no caes do Ramos n. 2.

— Vende-se uma escrava, crioula, de idade de 26 a 27 annos, que engomma, lava, cozinha, e he muito carinhosa; vende-se por seu dono retirar-se: para ver e tratar, no Forte do Mattos n. 12, primeiro andar.

—Vende-se uma escrava, que cose, engomma, cozinha e lava de varrella bem: quem pretender dirija-se a rua das Trincheiras n. 48 segundo andar.

— Vende-se na rua da Cadeia do Recife n. 10, superiores palitós de panno preto forrados de setim, por commodo preço, casemiras de cores de gostos muito modernos a 4$500, 5$000 e 5$600, ditas pretas a 5$500, 6$000 e 7$000 o córte, muito finas, panno preto fino a 3$500, 4$000, 4$500 e 5$000 o covado, superior qualidade, merinó preto a 1$600 e 2$200 o covado, sarja hespanhola para acabar a 28 rs. o covado, alpaca preta a 560, 680, 800 e 900 rs. o covado, e um completo sortimento de fazendas baratas, que se dá amostra: na rua da Cadeia do Recife n. 10.

— Vende-se junco para empalhar cadeiras, tanto em porção como a retalho; assim como se vende palhinha já prompta para empalhar toda a qualidade de obras, como sejam: sofás, cadeiras, marquezas etc., tudo de superior qualidade: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 20.

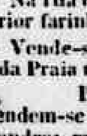
— Vende-se feijão mulatinho muito superior, por alqueire: na rua das Trincheiras n. 5.

— Vende-se um lindo mulatinho de idade 14 annos, pouco mais ou menos: quem do mesmo precisar, dirija-se a rua da Praia n. 29, que achará com quem tratar.

— Vendem-se apparelhos para chá, azues, róxos e côr de rosa, ditos para mesa de jantar, pratos azues finos, e outras muitas louças por preço commodo, chá brasileiro a 1$600 a libra, dito em caixas de 8 libras a 1$280, dito da India a 2$000 e 2$560, doce em frasquinhos, frasquinhos de conserva, chocolate em libra a 320, farinha de gomma a 120 rs. a libra, vinho engarrafado a 1$000 e 1$280, e outros muitos objectos por preço mais commodo do que em outra qualquer parte: defronte da matriz da Boa-Vista n. 88, quina do Hospicio.

— Vende-se uma preta, crioula, com idade de 20 a 25 annos, que cozinha, engomma e faz o mais serviço de casa: na rua da Penha n. 23, primeiro andar.

Delouche, relojoeiro.


Vendem-se relogios e concertam-se, mais barato do que em outra qualquer parte; assim como ten. vidros, correntes e chaves: na rua Nova n. 41. Tambem vende agua argento-magnetica para pratear.

— Vende-se uma casa terrea muito larga, na rua dos Coelhos n. 3: a tratar com o seu dono Hermenegildo Gonçalves da Silva, na rua do Queimado n. 10, loja.

— Na rua do Vigario n. 33, vendem-se saccas com superior farinha de mandioca, por preço commodo.

— Vende-se um escravo por preço commodo: na rua da Praia n. 29.

PENEIRAS DE ARAME.

Vendem-se peneiras de arame com aro de folha de flandres, muito fortes e bonitas, assim como candieiros de latão para estudante, e de parede, por preço muito commodo: na rua da Cadeia do Recife n. 64, loja.

Continua-se a vender a bordo do patacho *Clementina* muito boa farinha de mandioca, por preço commodo, e para porções se fará algum abatimento: a tratar no escriptorio da rua da Cruz n. 40.

Sementes novas.

Vende-se no armazem de Antonio Francisco Martins, na rua da Cruz n. 62, as melhores sementes recentemente chegadas de Lisboa na barca portugueza *Margarida*, como seja: couve tronxuda, monvarda, saboia, feijão carrapato de duas qualidades, ervilha torta e direita, coentro, salsa, nabos e rabanetes de todas as qualidades.

— Vende-se um escravo: quem pretender dirija-se ao sobrado do aterro da Boa Vista n. 53 de 1 hora da tarde em vante até 6 da tarde achará com quem tratar.

Velas de carnauba.

Vendem-se caixinhas com superiores velas de cera de carnauba, fabricadas no Aracaty, por commodo preço: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

Vade-mecum dos homeopathas ou o Dr. Hering traduzido em portuguez.
Acha-se a venda esta importantissima obra do Dr. Hering no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso rua do Collegio n. 25, 1º andar.

OLEADOS PINTADOS.

—Praça da Independencia.—
Joaquim de Oliveira Maia, recebeu ultimamente um completo sortimento de oleados pintados, de superior qualidade e padrões muito modernos, de differentes larguras, e a preços muito commodos.

ATTENÇAO'!!

Vende-se o verdadeiro fumo de Garanhuns, de primeira qualidade, por preço commodo: na rua Direita n. 76, esquina do becco dos Peccados Mortaes.

Saccas grandes.

Vende-se milho novo, em saccas grandes, a 2$500: no armazem de Tasso Irmãos, rua do Amorim n. 35.

— Vende-se sal do Assú, a bordo do brigue «Conceição», fundeado defronte do Forte do Mattos: a tratar a bordo com o capitão do mesmo, ou no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Vende-se a verdadeira graxa ingleza n. 97, em barricas de 15 duzias de potes, em casa de James Crabtree & C., rua da Cruz n. 42.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

Redes acolchoadas,

brancas e de cores de um só panno, muito grandes e de bom gosto: vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

— Na rua da Cruz n. 15, segundo andar, vendem-se 190 pares de coturnos de couro de lustre, bem feitos, pelo diminuto preço de 2$500 cada um.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasas como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor, com força de 4 cavallos, côcos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco vens para navios, ferro da Suecia, e folhas de flandres; tudo por barato preço.

Na rua da Cadeia do Recife n. 60, armazem de Henrique Gibson,

vendem-se relogios de ouro de sabonete, de patente inglez, da melhor qualidade, e fabricados em Londres, por preço commodo.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do condi de Mareuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Leconte Feron & Companhia. N. B. As caixas são marcadas a fogo — Conde de Mareuil — e os rotulos das garrafas são azues.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem á venda a superior flanella para forro de sellins, chegada recentemente da America.

— Vendem-se cobertores de algodão grandes a 640 rs. e pequenos a 560 rs.: na rua do Crespo numero 12.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se em porções de 50 saccas para cima: para ver, no armazem do Forte do Mattos, defronte do trapiche do algodão, e para tratar, no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior.

Vinho Bordeaux.

Bruno Praeger & Companhia, rua da Cruz n. 10, receberam ultimamente St. Julien e M. margot, em caixas de uma duzia, que se recommendam por sua boas qualidades.

Bom e barato.

Na rua do Passeio, loja n. 9, de Albino José Leite, vende-se um grande e variado sortimento de córtes de vestidos de cassa, e cambraias de barras, pelo diminuto preço de 3$000, 3$500, 4$000 e 4$500 cada um, ditos de dita a 3$000 e 3$400; a elles, antes que se acabem.

— Na rua da Penha n. 2, primeiro andar, vende-se um escravo excellente, bonita figura, capaz de todo o serviço do campo, a que está acostumado, he bom carreiro e melhor serrador: quem o pretender, dirija-se a mesma casa a qualquer hora.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem para vender-se chapeos de castor brancopor commodo preço,

Feijão.

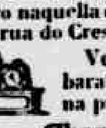
No armazem do Sr. Guerra defronte do trapiche do algodão, tem para vender-se feijão mulatinho muito novo, e em saccas grandes: a tratar na rua da Cruz n. 15, segundo andar.

Ao barato.

Na loja de Guimarães & Henriques: rua do Crespo n. 5, vendem-se lenços de cambraia fina e de puro linho, pelo barato preço de 5$ e 4$500 a duzia, sendo cada duzia em uma caixinha com lindas estampas.

Caixas para rapé.

Vendem-se superiores caixas para rapé feitas na cidade de Nazareth, pelo melhor fabricante deste genero naquella cidade, pelo diminuto preço de 1$280: na rua do Crespo loja n. 6.


Vendem-se relogios de ouro e prata, mais barato de que em qualquer outra parte: na praça da Independencia n. 18 e 20.

Chapeos pretos francezes

a carijó, os melhores e de forma mais elegante que tem vindo, e outros de diversas qualidades por menos preço que em outra parte: na rua da Cadeia do Recife, n. 17.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia.
Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodão trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ha para vender, chegado de Lisboa presentemente pela barca *Olimpia*, o seguinte: saccas de farello muito novo, cera em grume e em velas com bom sortimento de superior qualidade, mercurio doce e cal de Lisboa em pedra, novissima.

— Vendem-se em casa de Mc. Calmont & Companhia, na praça do Corpo Santo n. 11, o seguinte: vinho de Marseille em caixas de 3 a 6 duzias, linhas em novellos e carreteis, breu em barricas muito grandes, aço de milão sortido, ferro inglez.

AGENCIA
Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz, n. 4.

SANDS.
SALSA PARRILHA.

Vicente José de Brito, unico agente em Pernambuco de B. J. D. Sands, chimico americano, faz publico que tem chegado a esta praça uma grande porção de frascos de salsa parrilha de Sands, que são verdadeiramente falsificados, e preparados no Rio de Janeiro, pelo que se devem acautelar os consumidores de tão precioso talisman, de cahir neste engano, tomando as funestas consequencias que sempre costumam trazer os medicamentos falsificados e elaborados pela mão daquelles, que antepoem seus interesses aos males e estragos da humanidade. Portanto pede, para que o publico se possa livrar desta fraude e distingua a verdadeira salsa parrilha de Sands da falsificada e recentemente aqui chegada; o annunciante faz ver que a verdadeira se vende unicamente em sua botica, na rua da Conceição do Recife n. 61; e, além do receituario que acompanha cada frasco, tem embaixo da primeira pagina seu nome impresso, e se achará sua firma em manuscripto sobre o involtorio impresso do mesmo frasco.

Vendem-se relogios de ouro, patente inglez, por commodo preço: na rua da Cruz n. 20, casa de L. Leconte Feron & Companhia.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

FARINHA DE TRIGO.

Vende-se no armazem de Tasso Irmãos, farinha de trigo de todas as qualidades, que existem no mercado.

Muita attenção.

Cassas de quadros muito largas com 12 jardas a 2$400 a peça, córtes de ganga amarella de quadros muito lindos a 1$500, córtes de vestido de cambraia de côr com 6 1/2 varas, muito larga, a 2$800, ditos com 8 1/2 varas a 3$000 rs., córtes de meia casemira para calça a 3$600 rs., e outras muitas fazendas por preço commodo: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

PARA A QUARESMA.

Um lindo e variado sortimento de fazendas pretas e de todas as qualidades.
Panno fino preto a 3$000, 3$200, 4$500, 5$500 e 6$000 rs., dito azul a 2$800, 3$200 e 4$000 rs., dito verde a 2$800, 3$600, 4$500 e 5$000 rs. o covado, casemira preta enfestada a 5$500 o córte, dita franceza muito fina e elastica a 7$500, 8$000 e 9$000 rs., setim preto macáo muito superior a 3$200, 4$000 e 5$500 o covado, merinó preto muito bom a 3$200 o covado, sarja preta muito boa a 2$000 rs. o covado, dita hespanhola a 2$600 o covado, véos pretos de filó de linho, lavrados, muito grandes, filó preto lavrado a 480 a vara, e outras muitas fazendas de bom gosto; na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadei.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenho os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

— Vendem-se pregos americanos, em barris, proprios para barricas de assucar, e alvaiade de zinco, superior qualidade, por preços commodos: na rua do Trapiche Novo n. 16.

— Vende-se um carro coupé, de muito bom gosto, e alguns objectos da China, como sejam: ventarolas, leques de marfim, ditos de charão, livros de estampas, e um navio de marfim: na rua da Cruz n. 66, escriptorio de José Candido de Barros.

— Vende-se um completo sortimento de fazendas pretas, como: panno fino preto a 3$000, 4$000, 5$000 e 6$000, dito azul 3$600, 4$000 e 5$000, casemira preta a 2$500, setim preto muito superior, 3$600 e 4$000 o covado, sarja preta hespanhola 2$ e 2$500 rs., setim lavrado proprio para vestidos de senhora a 2$600, muitas mais fazendas de muitas qualidades, por preço commodo: na rua do Crespo loja n. 6.

— Vende-se um preto que cozinha muito bem o diario de uma casa: na rua do Crespo, loja da esquina que vira para a cadeia.

Velas de carnauba.

Na rua da Cruz n. 15, segundo andar, vendem-se velas de carnauba, puras e compostas, feitas no Aracaty, por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vendem-se cobertores brancos de algodão grandes, a 1$440; ditos de salpico tambem grandes, a 1$280 ditos de salpico de tapete, a 1$100: na rua do Crespo loja n. 6.

Deposito de algodão da fabrica de todos os santos.

Em casa de Deane Youle & Companhia, vendem-se os algodões desta fabrica: na rua da Cadeia Velha n. 52.

Deposito de farinhas de trigo.

Acha-se farinha de SSSF a mais nova no mercado, como tambem um sortimento de farinhas americanas: no armazem de Deane Youle & Companhia, no becco do Gonçalves.

Relogios de ouro inglezes:

vendem-se em casa de Deane Youle & Companhia.

— Vendem-se em casa de Deane Youle & Companhia, rua da Cadeia Velha n. 52, aço de Milão verdadeiro e carvão patente, proprio para ferreiros.

— Oleo de linhaça em botijas que regulam dous e meio galões: vende-se no armazem de Manoel da Silva Santos, na rua do Amorim n. 56 e 58.

— Vendem-se licores de absyntho e Kirsch em caixas, assim como chocolate francez da melhor qualidade que tem apparecido, tudo chegado pelo ultimo navio francez, e por preço muito barato: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vende-se muito bom café de primeira qualidade, em saccas, como tambem fardos de fumo da melhor qualidade possivel para charutos, chegados ultimamente da Bahia, e por preço muito em conta; assim como uma porção de caixas de charutos, por preço baratissimo, que he para se finalisar contas: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixas de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

VINHO DO PORTO MUITO FINO.

Vende-se superior vinho do Porto, em barris de 4., 5. e 8.: no armazem da rua do Azeite de Peixe n. 14, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 34.

Padaria.

Vende-se uma padaria muito afreguezada: a tratar com Tasso & Irmãos.

Aos senhores de engenho.

Cobertores escuros de algodão a 800 rs., ditos muito grandes e encorpados a 1$400: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

Na rua da Cadeia Velha n. 52, em casa de Deane Youle & Companhia,

vende-se um carro americano de 4 rodas; póde ser visto na cocheira de Poirrier, no aterro da Boa-Vista.

POTASSA.

No antigo deposito da rua da Cadeia do Recife, armazem n. 12, ha para vender muito nova potassa da Russia, americana e brasileira, em pequenos barris de 4 arrobas; a boa qualidade e preços mais baratos do que em outra qualquer parte, se affiançam aos que precisarem comprar. No mesmo deposito tambem ha barris com cal de Lisboa em pedra, proximamente chegados.

— Vendem-se lonas, brinzaõ, brins e meias lonas da Russia: no armazem de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz n. 4.

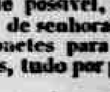
Calçado a 720, 800, 2$000 e 3$000 rs: no aterro da Bôa-Vista loja defronte da boneca.

Troca-se por sedulas ainda mesmo velhas um novo e completo sortimento dos bem conhecidos sapatões do Aracaty para todas as medidas a 720, e 800 rs.; botins a 2$000, sapatões de lustre da Bahia a 3$000 rs.: assim como um novo e completo sortimento de calçados francezes de todas as qualidades tanto para homem, como para senhoras, mininos e mininas, e um completo sortimento de perfumarias tudo por preço muito commodo afim de se apurar dinheiro.

— Vendem-se excellentes cobertores de cores a 1$440: na loja de 4 portas n. 3, ao lado do arco de Santo Antonio.

— Vende-se a taberna da rua estreita do Rosario n. 10, bem afreguezada para a terra, e com poucos fundos, e faz-se vantagem ao comprador: quem a pretender, dirija-se ao armazem confronte a Madre de Deos n. 22.

CHAPEOS DA MODA.


Na praça da Independencia ns. 24, 26, 28 e 30,
vendem-se superiores chapéos de castor preto, inglez, da melhor qualidade que tem vindo ao mercado e igualmente brancos, chapéos francezes de bonitas formas e melhor qualidade possivel, ricos chapéos amazonas para montaria de senhora, chegados do Havre no ultimo navio, bonetes para homens e meninos de todas as qualidades, tudo por preços mui razoaveis.

— Vendem-se dous vehiculos ou carros de quatro rodas de carregar fazendas na alfandega, por commodo preço: a tratar no caes do Ramos n. 8.

— Vendem-se 4 escravos, 1 mulato de 20 annos, 1 moleque de 17 annos, 1 preta lavadeira e engommadeira, 1 preto de 40 annos e 30 traves de pão darco: na rua larga do Rosario n. 25.

— Vende-se setim preto lavrado, de muito bom gosto, para vestidos, a 2$800 o covado: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

ESCRAVOS FUGIDOS.

—Desappareceu no dia 26 de março do corrente anno, um escravo cabra por nome Antonio, com os signaes seguintes: idade 20 annos, altura proporcional, côr avermelhada, tem um dedo da mão esquerda aleijado, e he bonita figura, he bastante esperto e anda sempre apressado, não se sabe a roupa com que fugio, mas he de costume só vestir calça e camiza, e sempre descalço, levou chapéo do Chile fino de abas pequenas, porém já usado, he natural do Icó, donde veio ha perto de 15 mezes: roga-se portanto ás autoridades policiaes e capitães de campo, a captura do mesmo, e mandarem-no entregar a seus senhores na rua do Brum armazem de assucar n. 28 ou defronte da cadeia n. 26 terceiro andar, que serão recompensados.

—Desappareceu no dia 25 do passado, a preta Maria Joaquina bem conhecida por esse nome, altura regular, secca do corpo, bastante magra, levou vestido, saia preta e panno preto, anda calçada, intitula-se do pagar semana para assim poder escapar, foi escrava na cidade de Olinda, do Sr. Dr. Jansen, e nesta praça do Sr. coronel Salgueiro, julga-se andar mesmo nesta cidade aonde tem sido vista. Roga-se portanto a todas as autoridades policiaes e capitães de campo, a apprehensão da mesma e leva-la á rua Direita n. 26, que serão recompensados: outro sim protesta-se empregar todo o rigor da lei contra quem a tiver occulta.

— Desappareceu no dia 29 de março de 1854 o escravo João cabra, o qual tem os signaes seguintes: alto, cheio do corpo, rosto redondo, pouca barba, olhos vermelhaços e não muito grandes, nariz regular, dentes limados e curtos, pés e mãos grandes, tem um dos dedos meio torto procedido de um tallo, anda sempre aceiado, e com um chapéo de palha com uma fita preta, e calçado: quem o pegar leve-o ao segundo andar da casa da rua do Queimado n. 18, que será gratificado.

—Desappareceu no dia 3 do corrente, um escravo cabra, que representa 30 annos pouco mais ou menos, cheio do corpo, alto, barbado; levou calça e camisa de algodão de listra, e chama-se Clemente: quem o apprehender e levar a rua das Trincheiras n. 48 segundo andar, será gratificado.

Nos ultimos dias do proximo passado mez de março, appareceram no sitio do abaixo assignado no lugar da Capunga, um casal de escravos de nação Costa, já maiores de 40 annos, de nomes Isabel e José, pedindo para os comprar e dizendo que são escravos de Urbano José de Mello; portanto o abaixo assignado pelo presente roga a esse Sr. ou quem se julgar com direito, de fallar com o abaixo assignado até as 8 horas no mesmo sitio, e das 8 e meia até as 4 na rua do Collegio n. 23 segundo andar, para tratar do ajuste, advertindo que se não responsabilisa por morte ou fuga, visto que o escravo está bastante docente.—*Joaquim de Albuquerque Mello,*

—Do engenho Coroatá freguezia de Agua-Preta fugio no mez de outubro de 1852 o crioulo de nome Luiz, de idade de 22 annos com os signaes seguintes: tem a côr de taioca, boa altura, bem feito do corpo, pés e cara descarnados, cabello bem pegado, olhos proporcionados, os dentes da frente já apodrecidos, na pá do lado esquerdo, tem uma cicatriz de um tallo, e no embigo para o lado direito um carocinho pouco visivel, he serrador e bom factor de telha e tijollo, e suppõe-se andar para o Monteiro, Casa Forte ou no engenho Arariba: quem o pegar leve-o no dito engenho, ou ao reverendo Sr. João David Madeira no engenho Formigueiro, com quem se tem contratado vender, e no Recife na rua do Passeio Publico n. 19 que será generosamente recompensado.

— Desappareceu do engenho Conceição Nova, freguezia da Escada, em outubro do anno passado, um escravo de nome Joaquim, com os signaes seguintes: altura regular, côr bem preta, cabeça pequena, testa grande com cantos entrados e luzida, olhos pequenos e sanguineos, costuma andar de barba feita, e regula ter 40 annos de idade. Em sua fuga procurou o Illm. Sr. Severino Alexandre Villarim, na villa do Limoeiro; porém dahi ausentou-se novamente, e até o presente nenhuma noticia certa tem apparecido. Suppõe-se estar para os sertões acima do Limoeiro, onde já foi capturada uma vez: roga-se portanto vigilancia á policia desses lugares, e promette-se 50$000 rs. aos senhores capitães de campo.

Pern.—Typ. de M. F. de Faria.—1854.

MUTILADO